REVISTA DA SEMANA

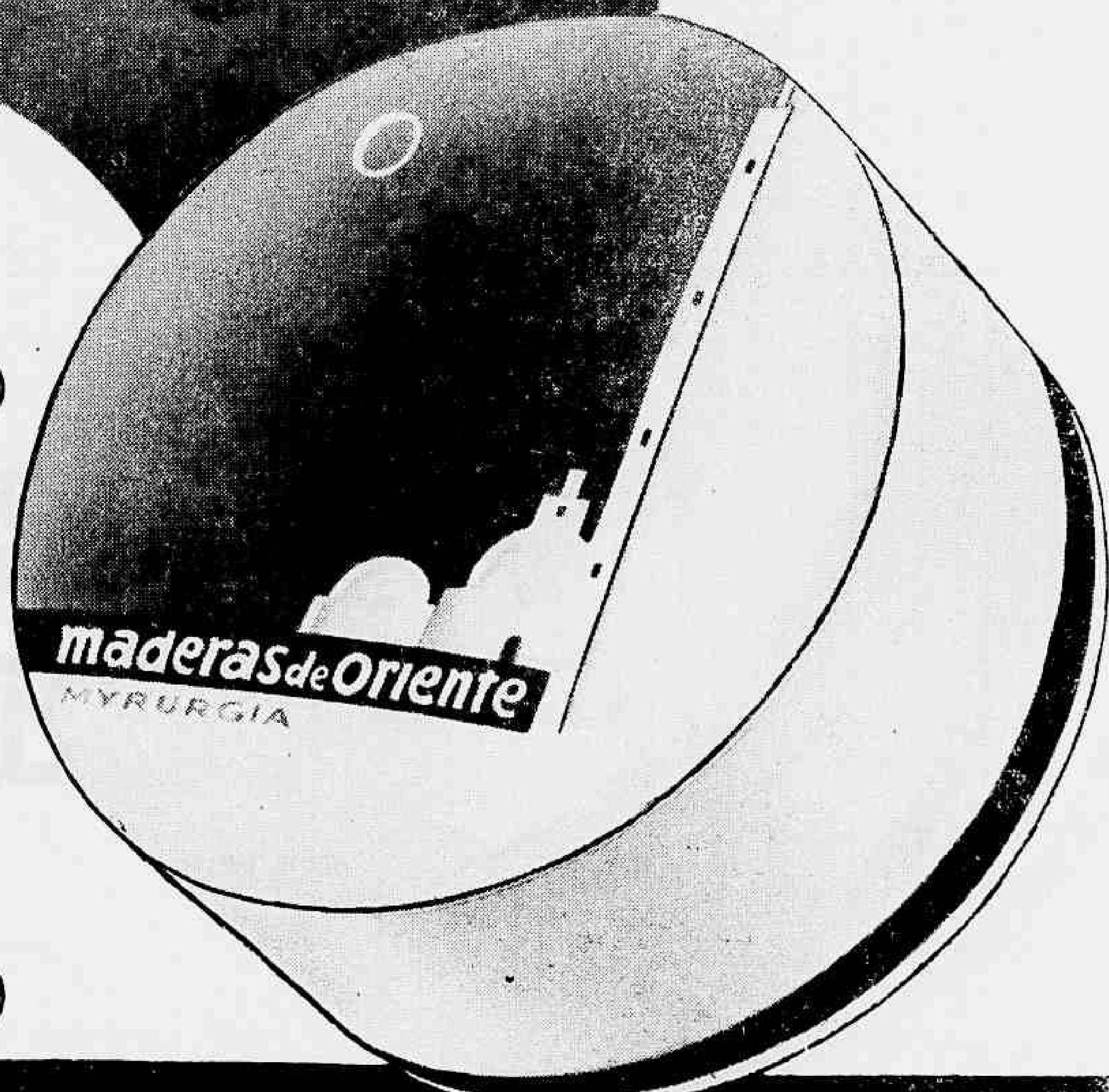
Nº 41 ★ 14-10-50

Cr$ 3,00 EM TODO O BRASIL






O encanto
de ser bela


Pó de arroz
MADERAS
DE ORIENTE
maderas de Oriente
MYRURGIA
MYRURGIA






O ELEMENTO FEMININO, especialmente entre a gente moça, afluiu em massa às secções eleitorais. Aqui vemos duas eleitoras ao sair da cabine indevassável com votos para a urna.

TRÊS DE OUTUBRO VAI LONGE...

OS sinais dos tempos para o dia 3 de outubro não eram lá muito agradáveis. O céu estava ameaçador, os ventos do sul sopravam fortes sôbre a Capital Federal, prenunciando borrasca próxima. A primeiro os sinais de mau tempo se acumularam e, a dois, o Rio foi atacado por pesados aguaceiros e ventos frios. As eleições do dia 3 estariam prejudicadas pelas chuvas? Era uma interrogação, por vêzes, angustiosa; mas o Departamento de Meteorologia lá do Observatório tranquilizou a população: iriam melhorar as condições meteorológicas e as chuvas tomariam outro rumo. Os eleitores podiam ficar tranquilos. E assim sucedeu. O dia 3 de outubro de 1950, data fixada para as eleições gerais do país, amanheceu no Distrito Federal, como deve ser um dia primaveril. Céu convidativo, temperatura amena, sol firme. Desde cedo o povo começou a movimentar-se em tôdas as direções à procura de seus locais de votação. Muitos tiveram esta felicidade: as seções lhe ficavam diante de suas casas. Outros, porém, residindo no Leme, votaram lá para Ipanema. E os em trânsito? Gente que estava em subúrbios longinquos teve que transportar-se para a Rua Primeiro de Março. Felizmente, logo após verificar-se que houvera engano do TRE, qualquer seção do Distrito poderia receber em fôlha à parte, os votos dos eleitores de outros Estados, de passagem pelo Rio. E' interessante acrescentar que os carros da Polícia Especial foram postos imediatamente à disposição dos votantes, bem como os automóveis da RP, de forma que não houve mais dificuldade alguma. Todos puderam votar, dentro da maior ordem, da mais perfeita disciplina, num pleito que se mostrava renhido e cheio de interrogações. Nestas páginas damos diversas fotografias que atestam o que foram as eleições de 3 de outubro no Rio de Janeiro. Como ainda temos muitos outros aspectos a publicar, aguarde o leitor nossa próxima edição, quando divulgaremos outros episódios ilustrados das eleições.

ÊSTE CARRO da Polícia Especial não está levando gente para as grades. E' que houve confusão até certa hora do dia 3, acerca dos votos em trânsito e a polícia transportou eleitores.



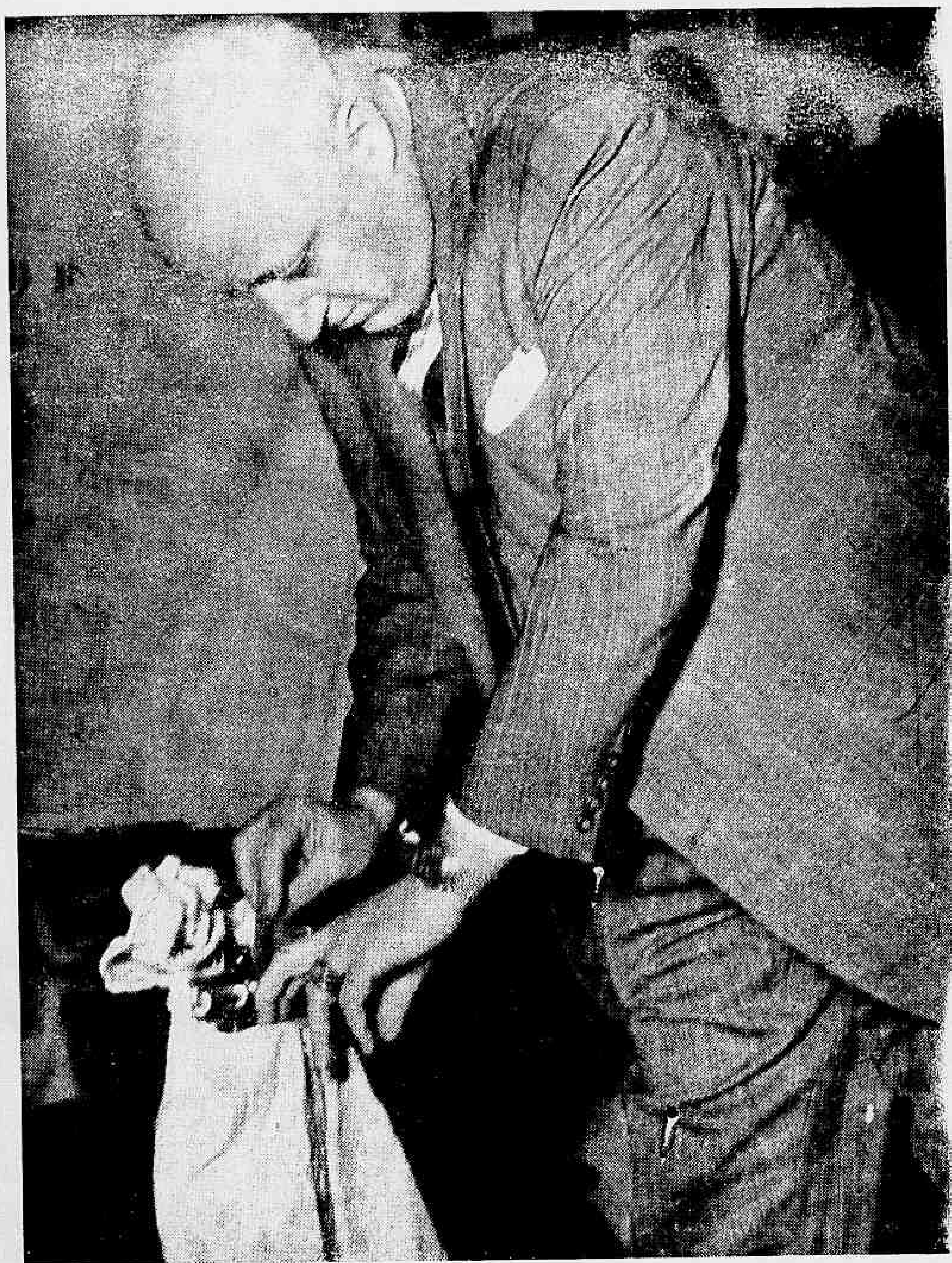




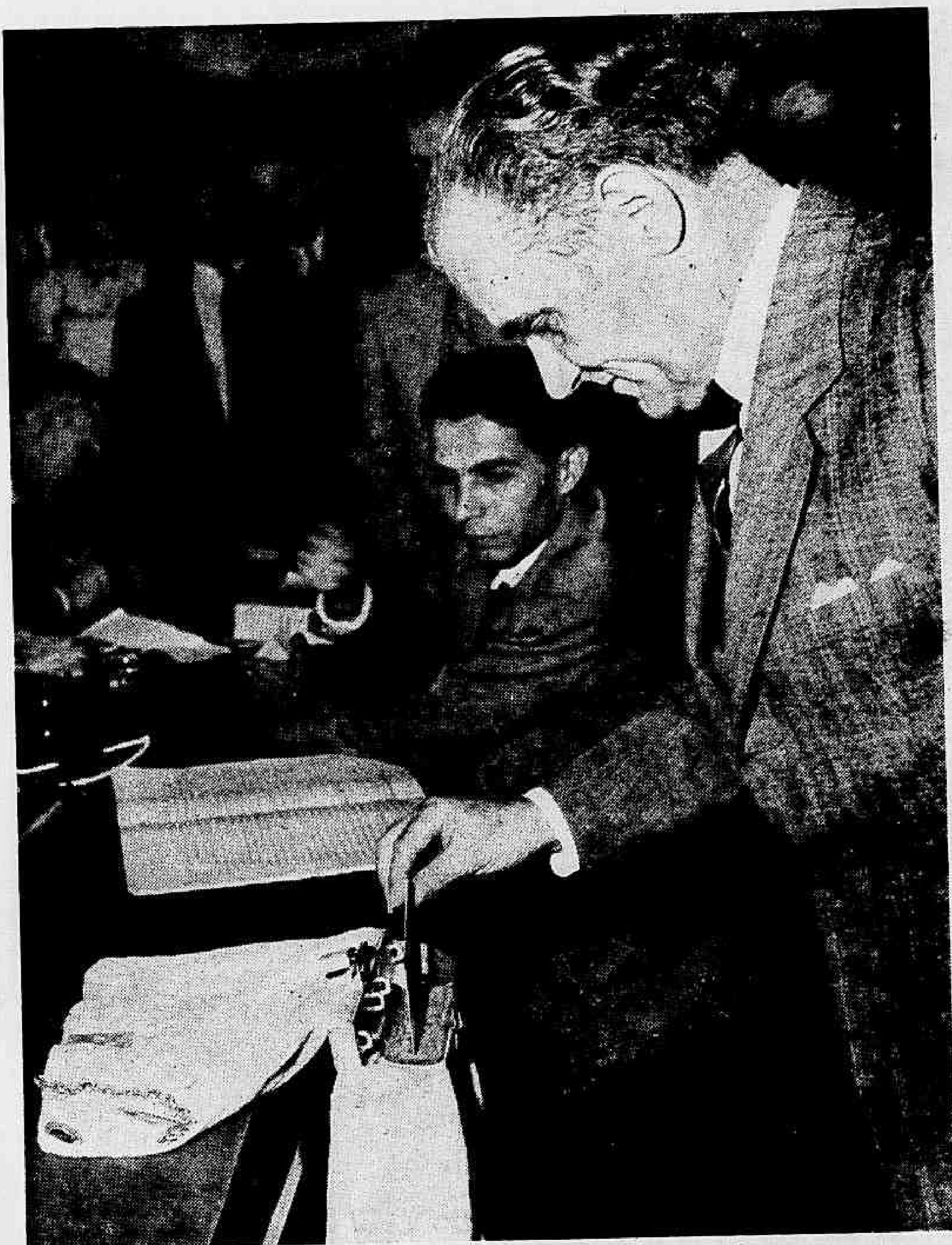


FLAGRANTES DA V[...]
3 DE OUTUBRO. NÃO É [...]
DE BLUSÃO NÃO SE PO[...]





O PREFEITO DO DISTRITO FEDERAL, General Mendes de Morais na secção eleitoral do Colégio Sion.



O MINISTRO DA JUSTIÇA, dr. Bias Fortes, cumpre seu dever de cidadão e depõe seu voto na urna.



OUTRO MINISTRO DE ESTADO, o Gen. Canrobert, da Pasta da Guerra a paisana, coloca o envelope.

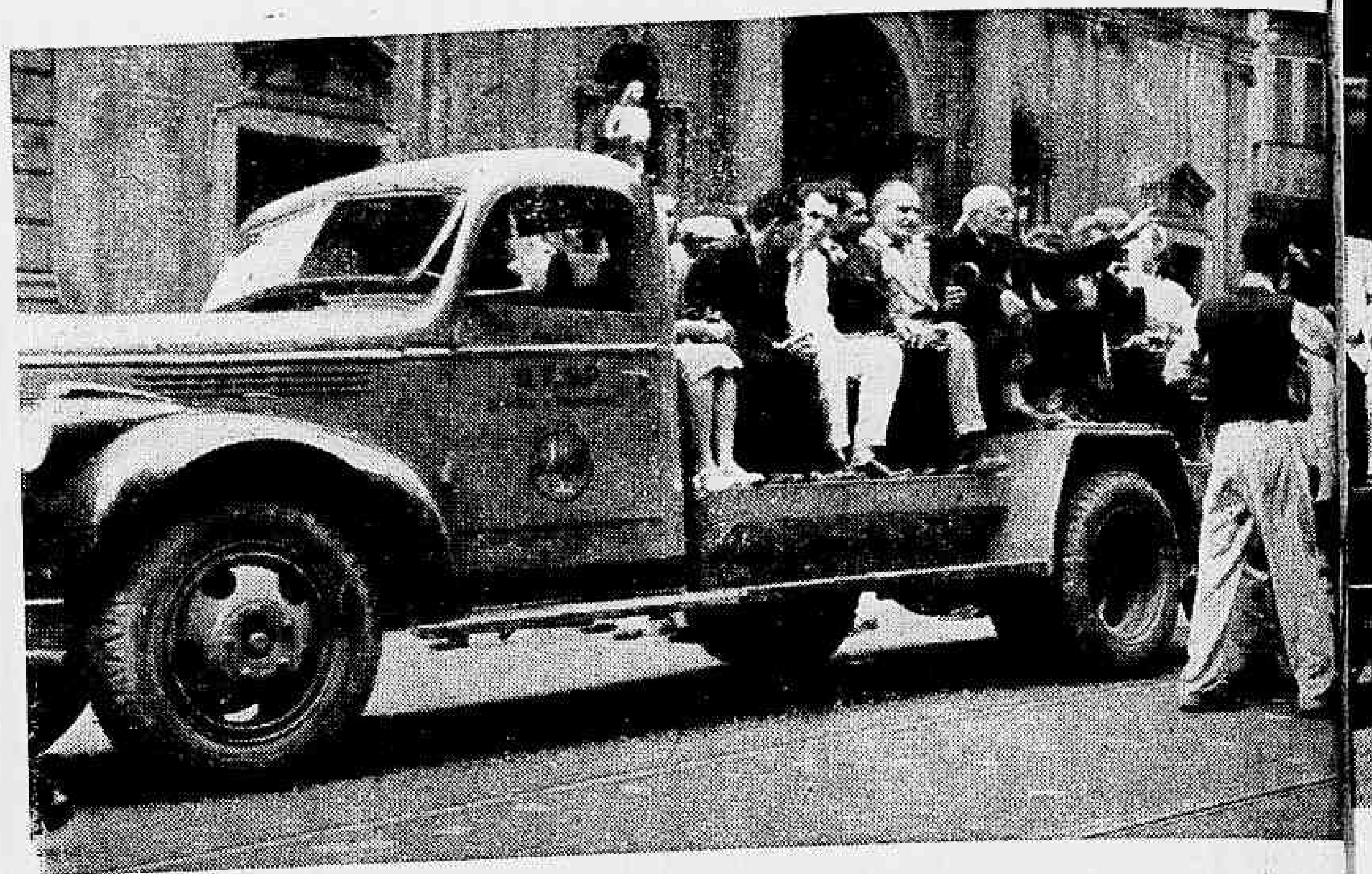


O MINISTRO DA AERONAUTICA, Trompowski, comparece ao pleito de 3 de Outubro e vota democràticamente.



O POVO CARIOCA se movimentou no dia 3 de Outubro e se espalhou pelas secções do Distrito Federal, votando em seus candidatos. Quando as filas estavam muito grandes, muitos se abancavam em lugares mais próximos e descansavam um pouco. Foi o que estes fizeram.





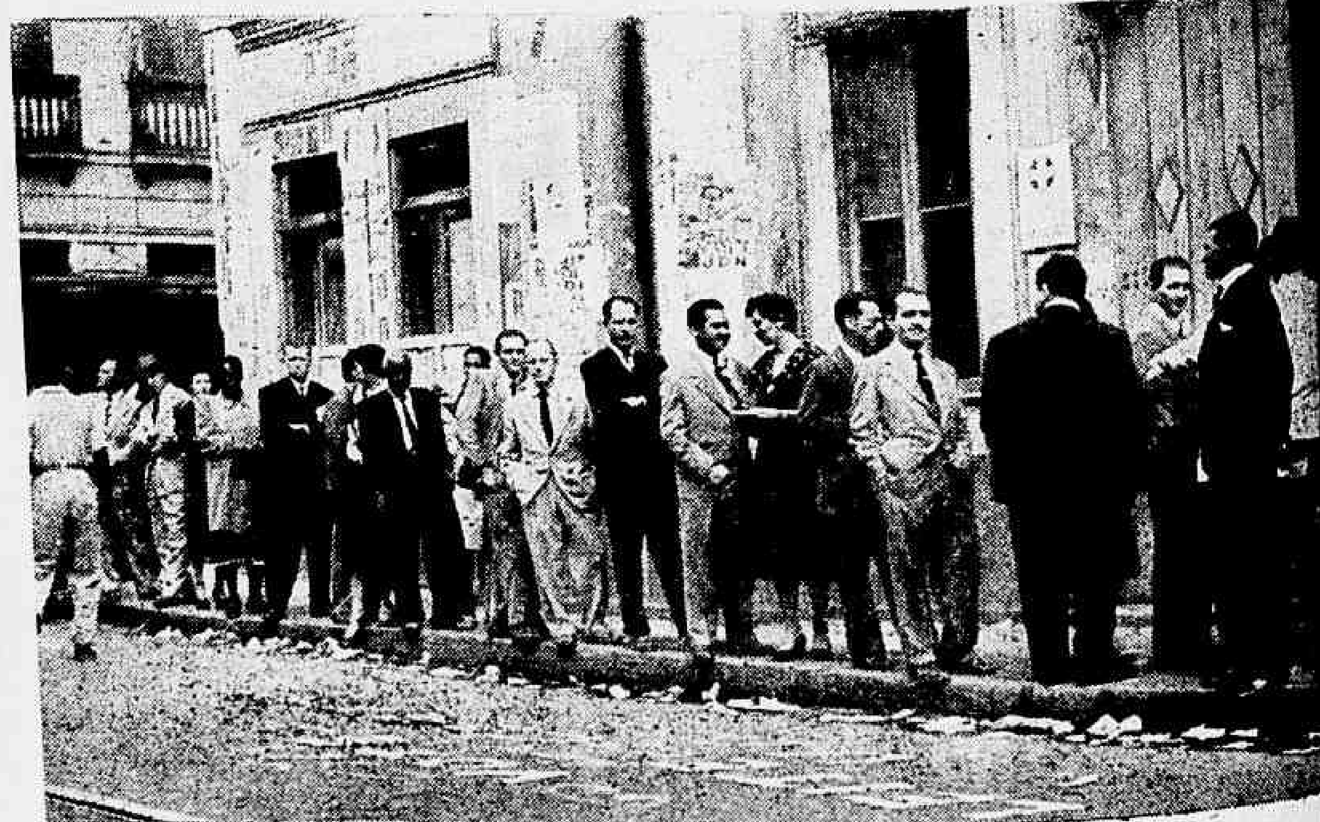
O TRIBUNAL ELEITORAL REGIONAL DO RIO DE JANEIRO, pensando que não seria muito vultoso o número de eleitores em trânsito localizou uma única sec-



ção, na rua Primeiro de Março. Diante da enorme avalanche dos adventícios, deu



outra ordem: poderiam votar em qualquer secção! E a polícia transportou!



TRÊS DE OUTUBRO VAI LONGE...



ASPECTOS DOS MAIS variados tomados pela nossa reportagem em diversas zonas eleitorais do Rio de Janeiro, a 3 de outubro último. Desde os carros da Po-

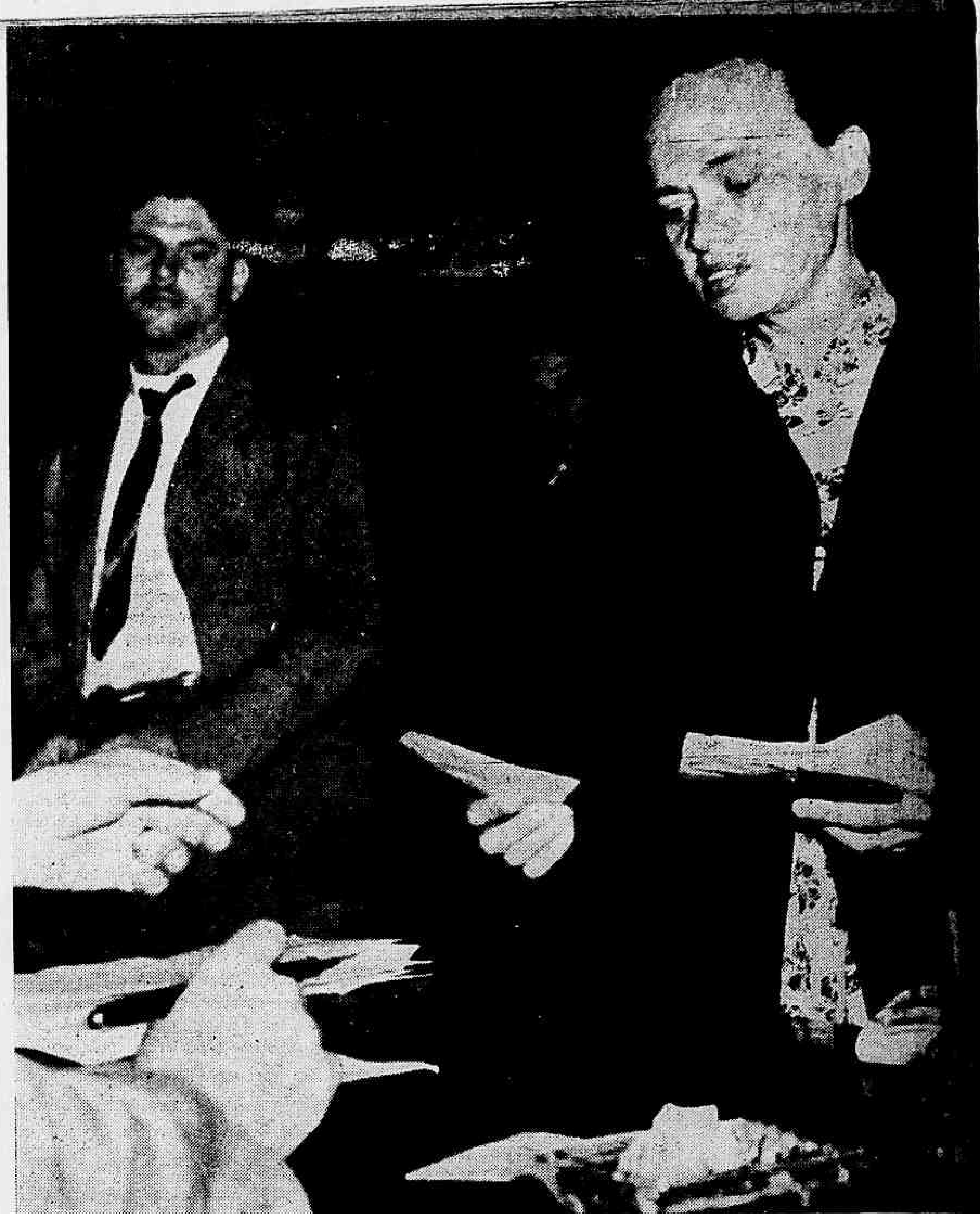


lícia Especial para conduzir os numerosos eleitores em trânsito a outros postos

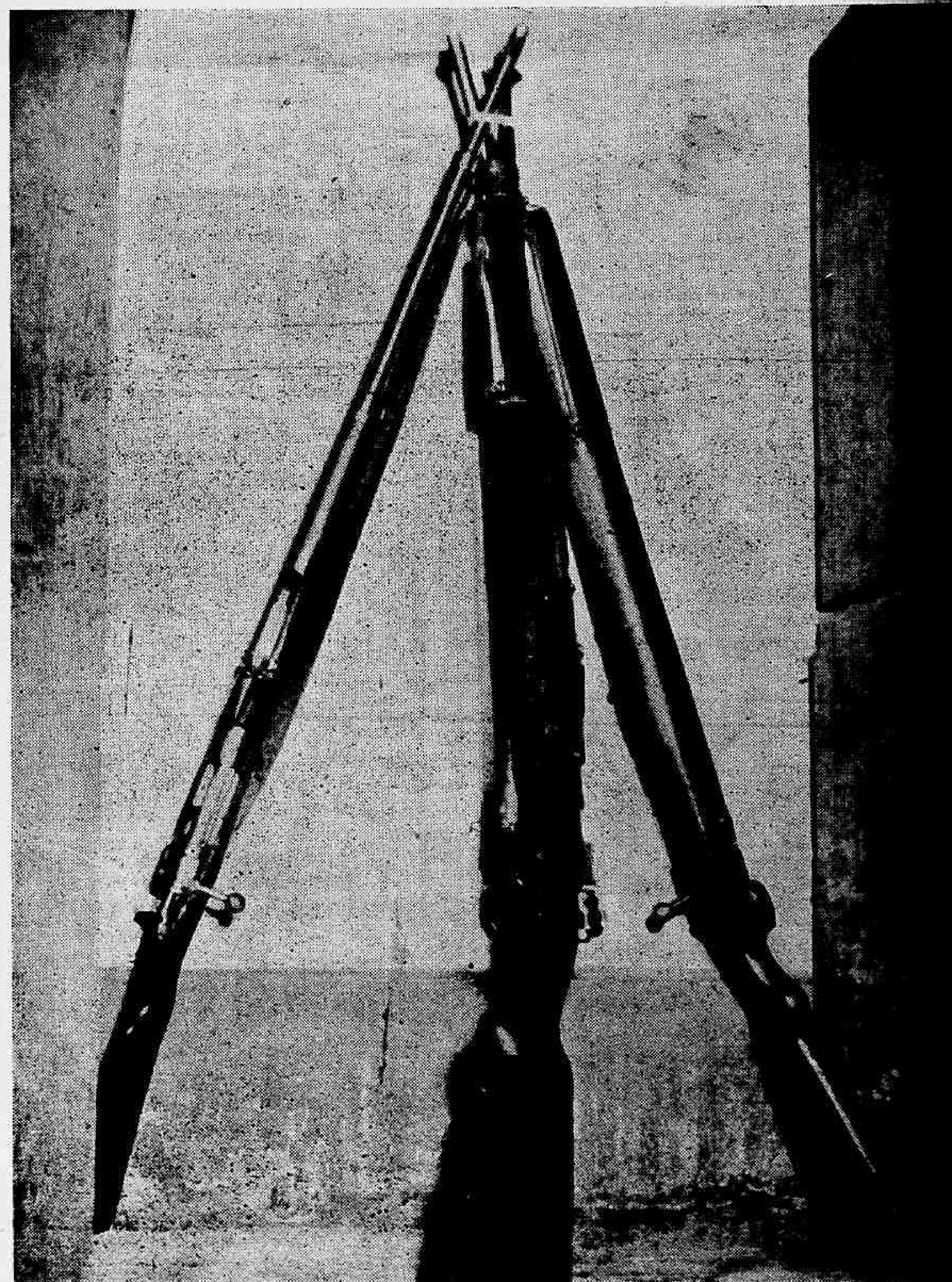


de votação, até aos destacamentos de tropa do Exército para manter a ordem.





UMA ELEITORA se mostra um tanto embaraçada com o exercício do voto; mas o juiz da mesa pede o seu título e lhe dá as necessárias instruções. O pleito correu em absoluta ordem no Rio; por isso, embora houvesse fôrças em todas as zonas as armas ficaram ensarilhadas.



REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 41 ★ 14-10-50

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street. New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

SALVE, PRIMAVERA!



..Segundo dizem, a Primavera começou a 21 de setembro, e, se não continuar a chover intensa e aborrecidamente como está sucedendo, terminará no seu justo prazo, que, por ora, ninguém sabe... Entretanto, apesar do máu tempo, da chuva, do vento, da lama e de outras coisas próprias do inverno brasileiro, foi dignamente recebida a Primavera. Houve um concurso para eleger-se a Rainha da mais bela estação das flôres. Carros alegóricos, música, vivas, fogos de bengala, bombas festivas, animação primaveril em todos os corações. O préstito desfilou pela Avenida Rio Branco entre aplausos do povo que recebia a embaixatriz da Primavera. Nossa bela cidade iria entrar no gôzo de um período zodiacal dos mais encantadores, dos mais lindos e poéticos. Nesse período os pássaros cantam alegremente, vão preparando os ninhos, os noivos resolvem casar e os namorados decidem noivar. O comércio se enche de turistas, as lojas aumentam as vendas, os trens ficam repletos, os campos, os parques, os jardins regorgitam de gente a deliciar-se com o sol e o céu da Primavera. E' isso que está nos almanaques e nos romances alambicados. Casimiro de Abreu, em "Meus Oito Anos", também decantou a primavera lá de Barra de S. João. Pode ser que, àquêle tempo, quando se comprava uma dúzia de ovos por meia pataca e uma passagem de trem até Cabo Frio custava um cruzado, houvesse mesmo a tal Primavera que nos visita a 21 de setembro. Hoje! Que esperança! Primavera é sinônimo de máu tempo, de lama, chuva e irritações generalizadas. Por que não despedem, de uma vez, essa Primavera de falsetas?

O ENTÊRRO DE JOE



Dizem os cantadores do nordeste, em suas emboladas que "não há primeiro sem segundo"... O conceito folclórico dessa expressão é que não há valente que, um dia, não tope outro mais valente, nem rico que não ache outro mais rico, nem mulher bonita que não encontre outra ainda mais bonita... Joe Louis teve a infeliz lembrança de voltar ao ringue para disputar o título de campeão. Embora já houvesse declarado que se retirara das lutas de box com as glórias de invencível, teve a infeliz idéia de medir fôrças agora no fim de setembro, com um novo herói do tablado, o negro Ezzard Charles, mais moço que êle, mais ágil e cheio de entusiasmo. Perante 22.357 espectadores que deram uma renda de 205 mil e 10 dólares, ou sejam, ao câmbio de Cr$ 20,00, a bela importância de 4 milhões e cem mil e duzentos cruzeiros, o astro do box mundial, Joe Louis, o "Dinamitador de Detroit", perdeu por pontos, numa luta inglória e inoportuna, em Nova York. A decisão de Joe causou estupefação e até desolações entre os seus admiradores. O sr. Abe Greene, presidente da "National Boxing Association", declarou após a derrota de Louis diante dos murros de Ezzard, que ficara desolado quando Louis resolveu retornar ao ringue. Os desejos daquele técnico e amigo de Joe, eram que êle pudesse permanecer na lembrança de todos como o campeão invencível. Mas Joe Louis desejava medir fôrças e mostrar que, na idade em que está, e bastante engordurado, ainda era o "Demolidor". Saiu-se mal. Ezzard Charles foi quem lhe demoliu o pedestal e derrubou o ídolo. Justamente como dizem os cantadores do nordeste "Não há primeiro sem segundo"...

PROPAGANDA ELEITORAL



Desde a meia-noite do dia 30 de setembro pp. encerrou-se a propaganda eleitoral em todo o Brasil. Êste ano o sistema de luta eleitoral em matéria de publicidade de nomes e de partidas evolucionou para as demonstrações espetaculares. Na última eleição geral no país, logo após a queda da ditadura, o que predominava eram as faixas de lado a lado das ruas, entre árvores dos nossos parques e jardins, os grandes retratos suspensos em vias públicas. Agora, não. O que predominou foi a propaganda vistosa e volante. Carros enfeitados, caminhões conduzindo "shows" teatrais com artistas de rádio a representar números de músicas populares e "sketches" improvisados ou não para o povo achar graça e lembrar-se dos candidatos patrocinadores de tais diversões. Outra curiosidade: as promessas divulgadas na imprensa, em folhetos e cartazes. Um dos disputantes prometia sustentar as "Quatro Liberdades" de Roosevelt. Mas, sucede, que o povo não está bem a par dessas quatro liberdades. Outro se apresentava com a recomendação única de ter sido considerado como o "Campeão do Silêncio no Distrito Federal"; e, ainda um outro, garantindo lutar pelo petróleo, pelo saneamento da moeda e outras coisas atribuídas ao legislador federal e não ao municipal. Êste último promitente era candidato a... vereadorl Seja como fôr, porém, a cidade do Rio de Janeiro viveu dias de intensidade eleitoral nas vésperas do pleito que se ia ferir a 3 de outubro. A batalha dos alto-falantes foi renhida e, chegamos a esta culminância: todos gritavam e ninguém os entendia. E' que, vis-a-vis e lado a lado os locutores berravam simultaneamente, produzindo mais barulho do que propaganda...

ONDE FICA O AMAZONAS?



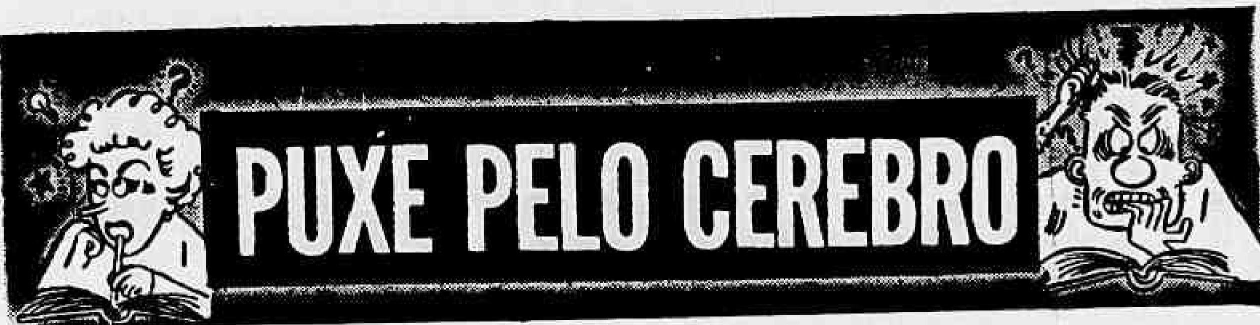
Divulgou a imprensa do Rio um relatório impressionante a respeito do que vai pelo Amazonas em relação à sua vida fiscal. Segundo revela, oficialmente, o auditor Aprígio Mesquita, em relatório ao Tribunal de Contas, o Amazonas está completamente anulado em matéria de regime fiscal. Os serviços de arrecadação, de processos, de executivos, de verificação de impostos, de pagamentos e recebimentos, enfim, tudo o que diz respeito à vida fiscal daquela vastíssima região e territórios vizinhos, está paralisado, criando teia de aranha. Em face da situação de desordem, é iminente o colapso de tôda a organização fazendária do grande e infeliz Estado. O delegado fiscal a quem está confiado o trabalho de supervisionar a fazenda federal naquele mundo esquecido, confessa-se desolado e incapaz de vencer os montões de processos e resolver e julgar. Falta tudo: tempo, gente, transporte, material... Para ilustrar o que ocorre, cita o dramático episódio de humilde marinheiro que servia na Mesa de Rendas de Cruzeiro do Sul, como seu chefe! Essa repartição do Acre, estando com grande falta de funcionários, com a lotação desfalcadíssima, passou a ser chefiada pelo marinheiro. Mas, também êle se sentiu doente, incapaz de permanecer com o pêso de tanta responsabilidade e trabalho. Certo dia, não mais suportando a crise de saúde, telegrafou à Delegacia Fiscal de Manáus pedindo que mandassem substituto. Estava à morte. Nada se fêz, e o desgraçado praticante morreu debruçado sôbre a mesa de trabalho. Depois disso, o juiz mandou lacrar o cofre e fechou a repartição... E olhem lá! A Agência Fiscal de Cruzeiro do Sul não é de pequena importância. Onde ficará o Amazonas?...

A PERSONAGEM DA SEMANA

O pleito de 3 de outubro marcou mais uma etapa na marcha do Brasil na estrada da democracia. No Distrito Federal, terceiro núcleo eleitoral do país, com cêrca de 850 mil votantes, as eleições decorreram em absoluta calma, na maior ordem, distribuindo-se pela cidade e subúrbios, 1922 seções, para as mesmas afluindo os eleitores, numa parada verdadeiramente admirável. Reconhecendo-se que as autoridades principais a quem estavam entregues a normalidade do pleito, sua execução e eficiência em relação a votante e votados, tiveram, tôdas elas, sua participação nesse magnífico êxito democrático, vamos destacar o nome do Ministro Lafayette de Andrada, como o fautor principal dêsse resultado que a todos impressionou sem restrições. Foi o Ministro Presidente do Superior Tribunal Eleitoral o grande arquiteto dêsse clima de ordem e eficiência eleitoral no Rio de Janeiro, organizando-se os trabalhos e executando-se dentro de um programa de absoluta ordem e disciplina, encerrando-se as atas sem embaraços, perturbações ou atropelos. O povo carioca votou sem temores nem sobressaltos. O elemento feminino, apesar de, em


Ministro Lafayette de Andrada

em grande número, ser facultativo o dever de votar, compareceu patriòticamente, depondo nas urnas os votos de seus candidatos. O único embaraço que se ia desenhando às primeiras horas do expediente, foi aquêle dos votos em trânsito, centralizados numa só seção da rua Primeiro de Março. Verificando-se, porém, que era muito mais vultoso do que, à primeira vista parecia, a presença de eleitores em trânsito pelo Rio, imediatamente o Presidente do Tribunal Regional Eleitoral se comunicou com o Ministro Lafayette de Andrada, narrando-lhe o que se passava, tendo êste determinado que os eleitores adventícios poderiam votar em qualquer seção do Rio. Não satisfeito com suas providências pessoais, o Presidente do TSE percorreu grandes extensões do Distrito Federal, inspecionando e tomando contacto com o povo, verificando "in loco" o decorrer da grande batalha que se travava diante das urnas. E' opinião geral que o pleito no País, salvo poucas exceções decorreu em ordem, graças a providências tomadas pelo TSE que tem à sua frente o sr. Ministro Lafayette de Andrada, com justiça, a personagem da semana.



1 EM QUE CIDADE PAULISTA O ENTÃO BARÃO DE CAXIAS PRENDEU O PADRE FEIJÓ, COMO REVOLUCIONÁRIO:

— Na capital?
— Em Santos?
— Em Sorocaba?

2 QUE QUER DIZER, EM LÍNGUA INDÍGENA, *SOROCABA*:

— Pedra pintada?
— Rio estreito?
— Rasgão ou desmoronamento de terra?

3 QUE SIGNIFICA A PALAVRA *GALAXIA*:

— Via-Láctea?
— Aproximação de dois astros?
— Perturbações solares?

4 QUE QUER DIZER *UNIGÊNITO*:

— Filho único?
— Criança que nasce morta?
— O primeiro filho de um casal?

5 QUE NOME SE DÁ À INVERSÃO OU TRANSPOSIÇÃO DE LETRAS DE UM NOME PARA FORMAR OUTRO:

— Teratologia?
— Semântica?
— Anagrama?

6 QUE SE ENTENDE POR *MAREMOTO*:

— Abalo de terra?
— Tremor do mar?
— Maré cheia?

7 QUE SIGNIFICA A PALAVRA *LETOMANIA*:

— Idéia de grandeza?
— Vontade de viajar?
— Desejo persistente de suicídio?

8 ONDE FICA, NUMA EMBARCAÇÃO A VELA, O TRAQUETE:

— No mastro da proa?
— No leme?
— Na ponta do mastro grande?

9 QUAL O GENERAL FRANCÊS QUE COMANDOU O PRÓPRIO PELOTÃO DE SEU FUZILAMENTO:

— Dujardin?
— Grouchy?
— Ney?

10 DE ONDE VEM A EXPRESSÃO, *LEI DRACONIANA*:

— De dragão?
— De uma palavra árabe?
— Do legislador ateniense, Dracon?

11 QUEM JÁ ATINGIU A MAIOR PROFUNDIDADE NO MAR, EM SUBMARINO:

— Pietro Vassena?
— Piccard?
— Simon de la Barca?

12 ONDE HÁ, NO BRASIL, O MAIOR ELEITORADO:

— No Estado de Minas?
— Em S. Paulo?
— No Distrito Federal?

13 A QUE FATO HISTÓRICO SE DÁ, NO BRASIL, O NOME DE *ARMISTICIO DA CAMPINA DO TABORDA*:

— À rendição dos paraguaios em Uruguaiana?
— À capitulação holandesa no Recife?
— À invasão francesa no Rio?

14 QUAL O MOTIVO POR QUE FORAM EXPULSOS OS JESUITAS DO NORTE DO BRASIL:

— Por serem contra a escravidão dos índios?
— Por se meterem na política?
— Porque eram simpáticos aos franceses?

15 EM QUE ESTADO DO BRASIL SE TRAVOU A CHAMADA "GUERRA DOS MASCATES":

— Na Bahia?
— No Maranhão?
— Em Pernambuco?

16 COMO SE CHAMAVA O PRINCIPAL TRAIDOR DA CONSPIRAÇÃO MINEIRA:

— Brito Malheiro?
— Joaquim Silvério dos Reis?
— Visconde de Barbacena?

17 POR QUE FOI TIRADENTES O ÚNICO CONDENADO À MORTE NA CONSPIRAÇÃO MINEIRA:

— Porque os outros eram protegidos de Barbacena?
— Por influência da maçonaria?
— Por já existir uma lei anterior regulando tais casos?

18 COM QUE QUANTIA FOI ABERTA A SUBSCRIÇÃO PARA FUNDAR-SE A E. F. SOROCABANA:

— Cinquenta contos?
— Cinco mil réis?
— Dois vinténs?

19 EM QUE DATA SAIU DO TEJO A ESQUADRA QUE TROUXE AO BRASIL A FAMÍLIA REAL DE D. JOÃO VI:

— 10 de janeiro de 1808?
— 29 de novembro de 1807?
— 15 de fevereiro de 1808?

20 QUAL O PRIMEIRO ESTABELECIMENTO DE CRÉDITO FUNDADO NO BRASIL:

— A Caixa Econômica?
— O Banco da Província do R. G. do Sul?
— O Banco do Brasil?

(Respostas na página 58)

Casada ou Solteira

Quando levar uma quéda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* **Gesteira.**

Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use *Regulador* **Gesteira**

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e tôdas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador **Gesteira** evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* **Gesteira**

COMO APRENDER A DANÇAR

4.ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

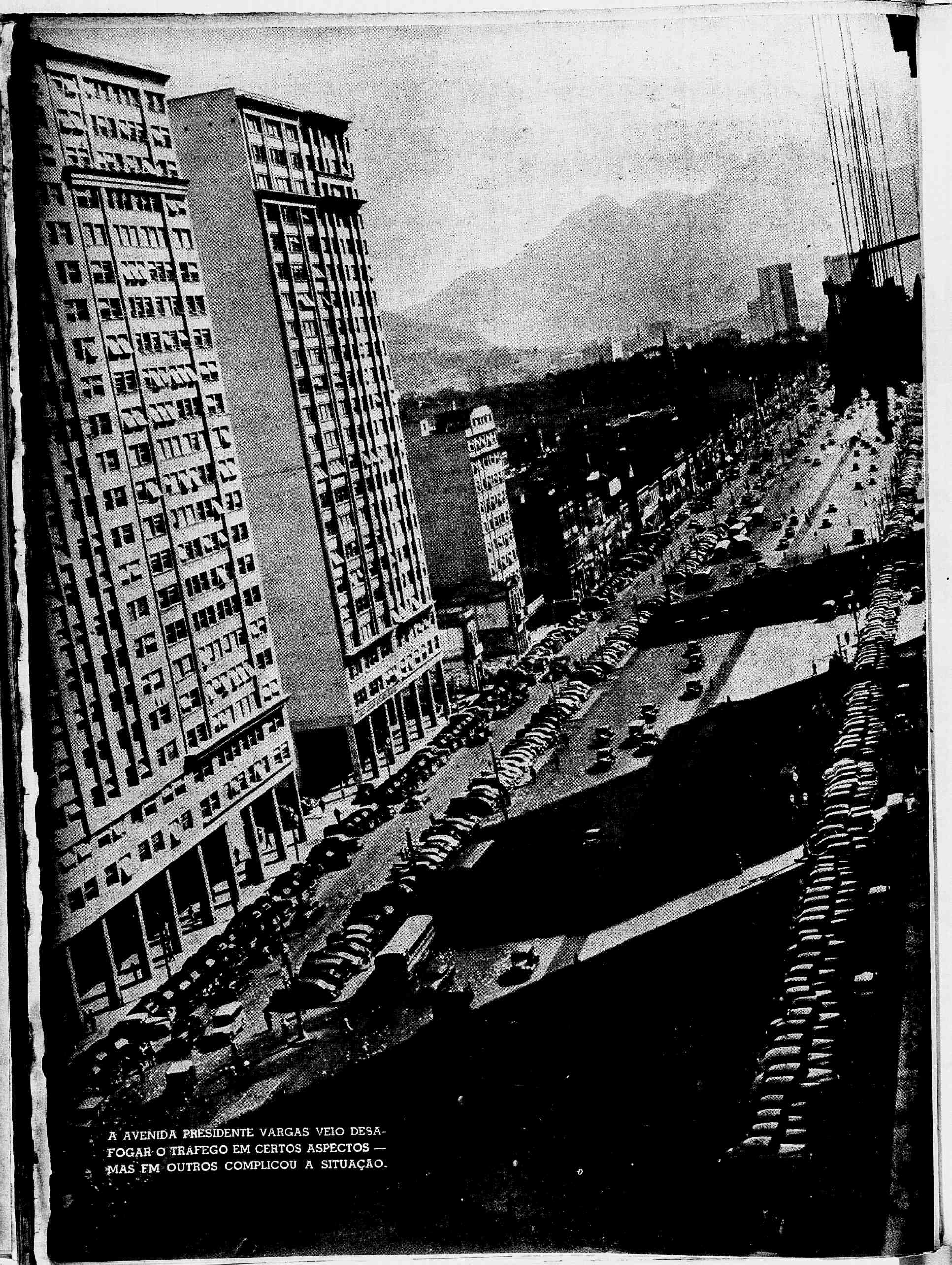
2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



A AVENIDA PRESIDENTE VARGAS VEIO DESAFOGAR O TRÁFEGO EM CERTOS ASPECTOS — MAS EM OUTROS COMPLICOU A SITUAÇÃO.



NESTE CRUZAMENTO, das avenidas Rio Branco e Presidente Vargas, o major Geraldo de Menezes Côrtes vai colocar um sinál de direção decomposta, como já existe no cruzamento da Praça da República dando bons resultados. Em baixo, um carro que estacionou fóra do local indicado, êsse já destinado à passagem dos pedéstres, que ficam, assim, impedidos de atravessar livremente

PARA DESCONGES-TIONAR A CIDADE

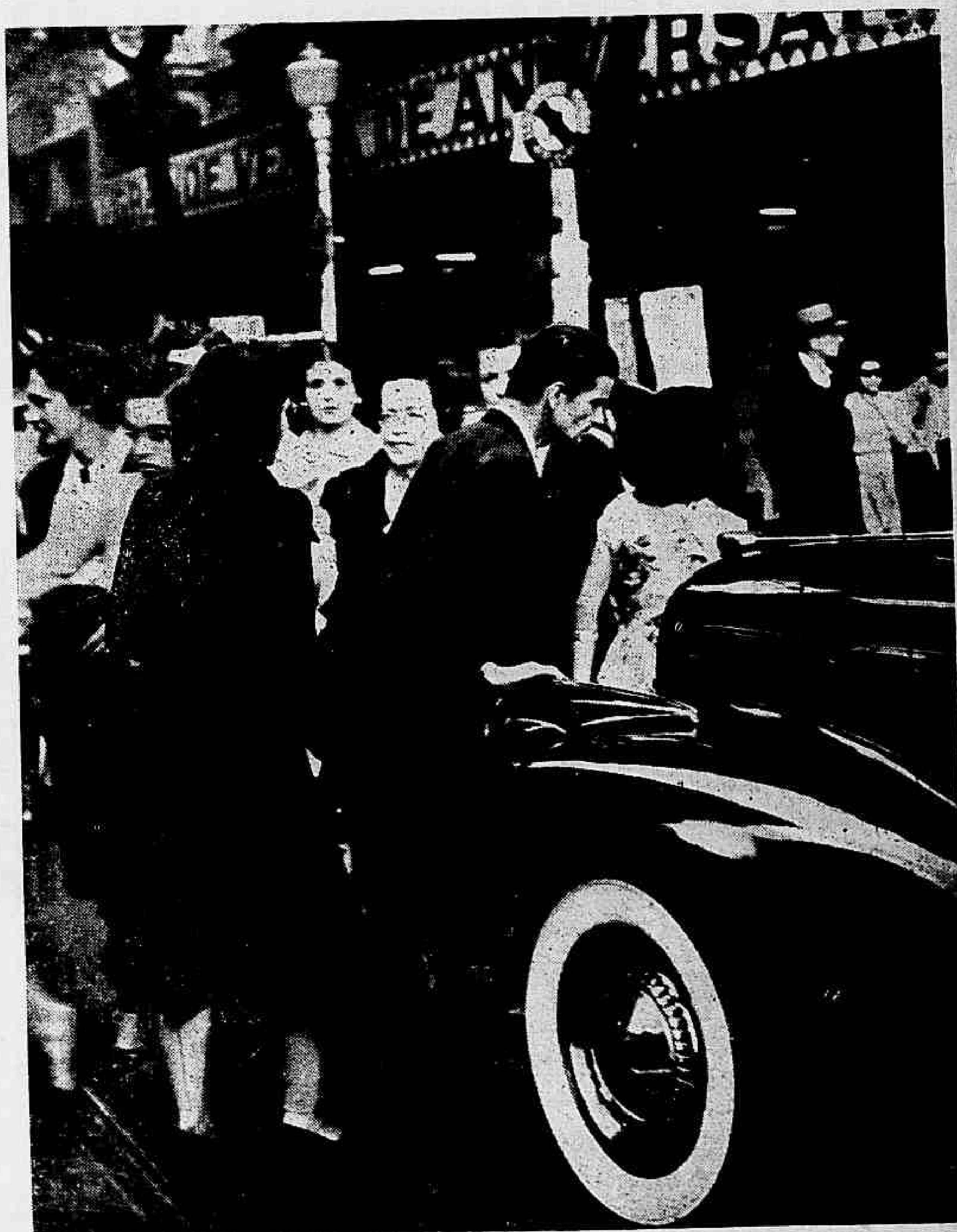
PRETENDE O MAJOR GERALDO MENDES CÔRTES, DIRETOR DO SERVIÇO DE TRÂNSITO, ADOTAR NOVOS SISTÊMAS DE EXAME DE MOTORISTAS ★ JULGAMENTO "POR PONTOS ★ ABOLIÇÃO DA CARTEIRA PERMANENTE ★ SINAIS DE DIREÇÃO DECOMPOSTA NOS CRUZAMENTOS IMPORTANTES ★ TRÁFEGO DESVIADO PARA RUAS ATÉ AQUI NÃO APROVEITADAS ★ UM PLANO DE AÇÃO ENÉRGICO E ESCLARECIDO.

Reportagem de **DANIEL CAETANO** ★ Fotos de **A. VIEIRA**

QUANDO correu pela cidade, no princípio do ano, a notícia de que o sr. Edgard Estrêla fôra demitido do cargo de diretor do Serviço de Trânsito, poucos acreditaram logo no que então parecia mero boato. Mas os jornais da tarde afastaram as dúvidas. Depois de dezessete anos, quando já se falava em vitaliciedade no lugar, o major Geraldo de Menezes Côrtes era nomeado para aquela função.

Mas isso não ia ficar assim. O Sr. Edgard Estrêla impetrou mandado de segurança. O trânsito é uma espécie de serviço público, sabe-se, intimamente ligado aos interêsses da coletividade. O Rio inteiro sempre soube o nome do sr. Edgard Estrêla, esteve cansado de conhecê-lo esguio e de bigodinho, porque não há pobre nem rico que não se sinta beneficiado ou prejudicado pelo tráfego. Quem tinha automóvel sabia da existência do homem porque era motorista, quem não tinha, não ignorava a sua presença porque era pedrestre. Também não vinha o conhecimento dos dezesete anos na direção do serviço. O sr. Geraldo de Menezes Côrtes é hoje quase tão popular quanto o seu antecessor. Tôda gente já o sabe de pouca altura, pêso razoàvel e dono de idéias próprias sôbre a melhor maneira de descongestionar as ruas do Rio. Mas o fato é que a Justiça não concedeu o remédio jurídico invocado pelo sr. Estrêla.

Assim, o Serviço ficou mesmo na mão do major. Êle está se virando. A cidade cresceu demais e depressa nos últimos cinqüenta anos. Um ano antes da guerra do Paraguai, 1869, correu por aqui o primeiro bonde puxado a burro. O eletrico só apareceu em 1891, vinte e dois anos depois. O primeiro automóvel rodou pela cidade em 1901, sendo seu proprietário José do Patrocinio. Mas é comparando os orçamentos da cidade, de dez em dez anos, nos últimos cinqüenta, que se tem idéia melhor da situação. Em 1900, andava por Cr$ 19.229.490; em 1910, Cr$ 28.323.085,00; em 1920, Cr$ 53.805. 602,50; em 1930, Cr$ 200.448.500,00; em 1940, Cr$ 442.545.500,00; 1950, Cr$ 2.796.650.000,00. Para todo êsse crescimento o Rio se adaptou mal e devagar. Basta dizer que só há menos de cinco anos é que se vem falando muito baixinho na necessidade de se construir o *metrô*. A situação é de calamidade. O povo sente, as autoridades reconhecem, a imprensa grita. E o major, dêsde que assumiu, vive de mangas arregaçadas...





O SISTÊMA de sinalização da cidade está atrasado vinte anos —declara o diretor do Serviço de Trânsito — e os trinta mil automóveis de 1930 são agora setenta e cinco mil. O êrro ou a ignorância de certos motoristas atrapalha bastante. E o major Geraldo de Menezes Côrtes está disposto a adotar medidas novas, radicais, deslocando o tráfego pra ruas até aqui não aproveitadas.

O HOMEM TOMA CERTAS MEDIDAS

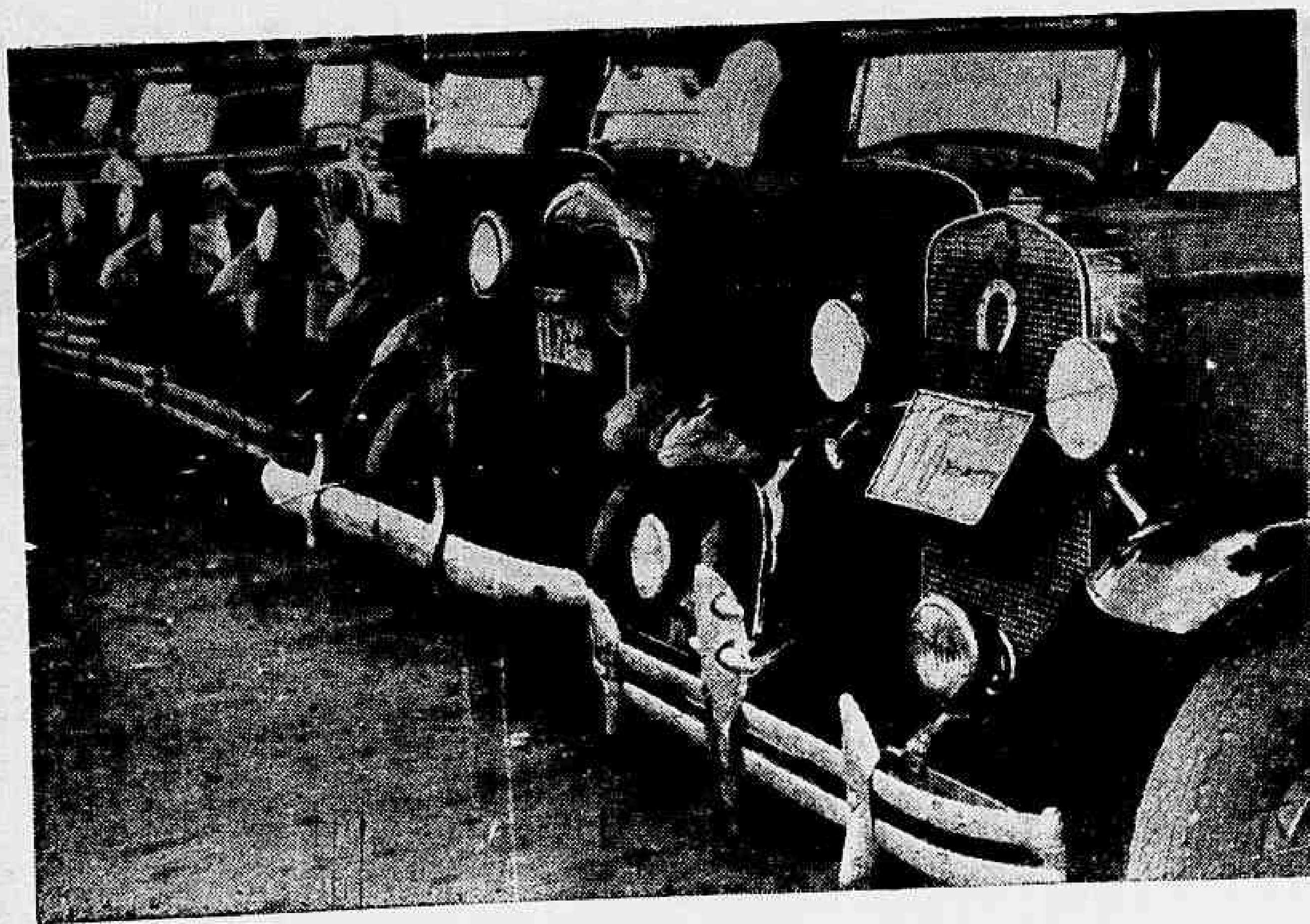
Êle me afirmou que o tráfego anda mal por aqui em vista de umas tantas razões mais ou menos simples. O sistema de sinalização está atrasado vinte anos, os trinta mil automóveis de 1930 são agora setenta e cinco mil, o êrro ou a ignorância dos motoristas atrapalha bastante.

Para acertar as coisas, concluiu, é preciso antes de mais nada energia. Tem dado provas de possuir bastante. Avisou aos que foram assistir os jogos da Copa do Mundo que não deixassem os carros em lugares não permitidos. Nada menos de quatrocentos foram encontrados assim. Pondo em prática seus pontos de vista, o major ordenou aos guardas que esvaziassem os pneus de todos os transgressores da ordem. Ficou assente no dia seguinte que o remédio era dos melhores. Apenas cem não acreditaram na repetição da medida adotada. Mas no terceiro dia ninguém tinha mais dúvida sôbre a melhor maneira de assistir o jôgo sem fazer fôrça no fim enchendo pneu. O negócio era cumprir à risca às determinações do diretor.

Essas atitudes tornaram o major uma pessoa comentada. Elas agradam a uns e desagradam a outros. Um dia o sr. Edgard Estrêla, pouco antes de sair, ficou por sua vez em condições de figurar na chapa de um partido. O senador Melo Viana foi ver a "Tosca". O chauffeur estacionou o carro em lugar proibido. Quando o guarda chamou a atenção dele para a irregularidade, obteve em resposta um desafio. Aquêle não era um carro qualquer, era um carro diferente. O sr. Edgard Estrêla tomou então uma atitude bonita. O veículo foi rebocado para a frente do seu gabinete, no edifício do Serviço, o que pôs o senador em ridículo e encheu o diretor de simpatias. O cargo é espinhoso...

O major já tem sentido isto na própria pele. Há três semanas assinou uma portaria revogando concessões para estacionamento em lugares não permitidos. Os favores, no seu dizer, são muitos. O diretor parte do princípio de que local proibido não dá motivo para exceção. Ou é proibido ou não é, diz êle. O que leva o Serviço a não permitir o estacionamento a certas horas em certos pontos é o interêsse público. Êste não comporta privilégios. Reconhece entretanto que por falta de lugar próprio nas suas repartições, algumas autoridades têm direito a um local reservado. Mas o fato é que, segundo o major verificou, há excessos intoleráveis. A distribuição de carteirinhas dando o mesmo direito a uma porção de gente sem importância vai além de qualquer expectativa. A princípio, o major pensou em ir apreendendo as carteiras a pouco e pouco. Mas se cansou. Elas não acabavam mais, prejudicando sobremodo o serviço de levantamento que está elaborando. Daí a sua portaria.

Apesar de suas boas intenções, tem sido mal interpretado. Êle se confessa triste. Diz que não esperava a atitude assumida por autoridade incumbidas exatamente de zelar pelo direito dos



CARROS DE APRENDIZAGEM, responsáveis pela «produção» de muitos «barbeiros», cujas carteiras de motorista não garantem a qualidade de quem as possúi. São autos legítimos «do tempo do onça»



MAS OS EXAMES futuramente vão obedecer a novos sistemas, «por pontos», e não apenas de manobra, marcha-a-ré, entrada em vaga, etc. Então teremos motoristas competentes

outros. O fato é que os ministros do Supremo Tribunal Federal, quando receberam a circular, ficaram indignados. Os dizeres da nota provocaram forte reação. O major garantia que a concessão era ilegal. Os ministros começaram a se manifestar contra a idéia de o diretor se dirigir a êles, quando para tanto não tem qualidade, uma vez que a comunicação devia ser encaminhada por intermédio do ministro da Justiça. Depois, o diretor não é bacharel em direito e foi considerado a pessoa menos indicada para dizer ao Supremo se a medida é ou não legal. O procurador da República ficou de se entender diretamente com o presidente Dutra a respeito do assunto. Mas o major disse-nos que larga o Serviço do Trânsito na primeira ocasião que lhe faltar prestígio. Nada pode fazer sem apôio do govêrno. Garante que sua intenção é das melhores. Certas autoridades não querem colaborar com êle porque não admite favores. Mas o fato é que até agora o homem está no pôsto.

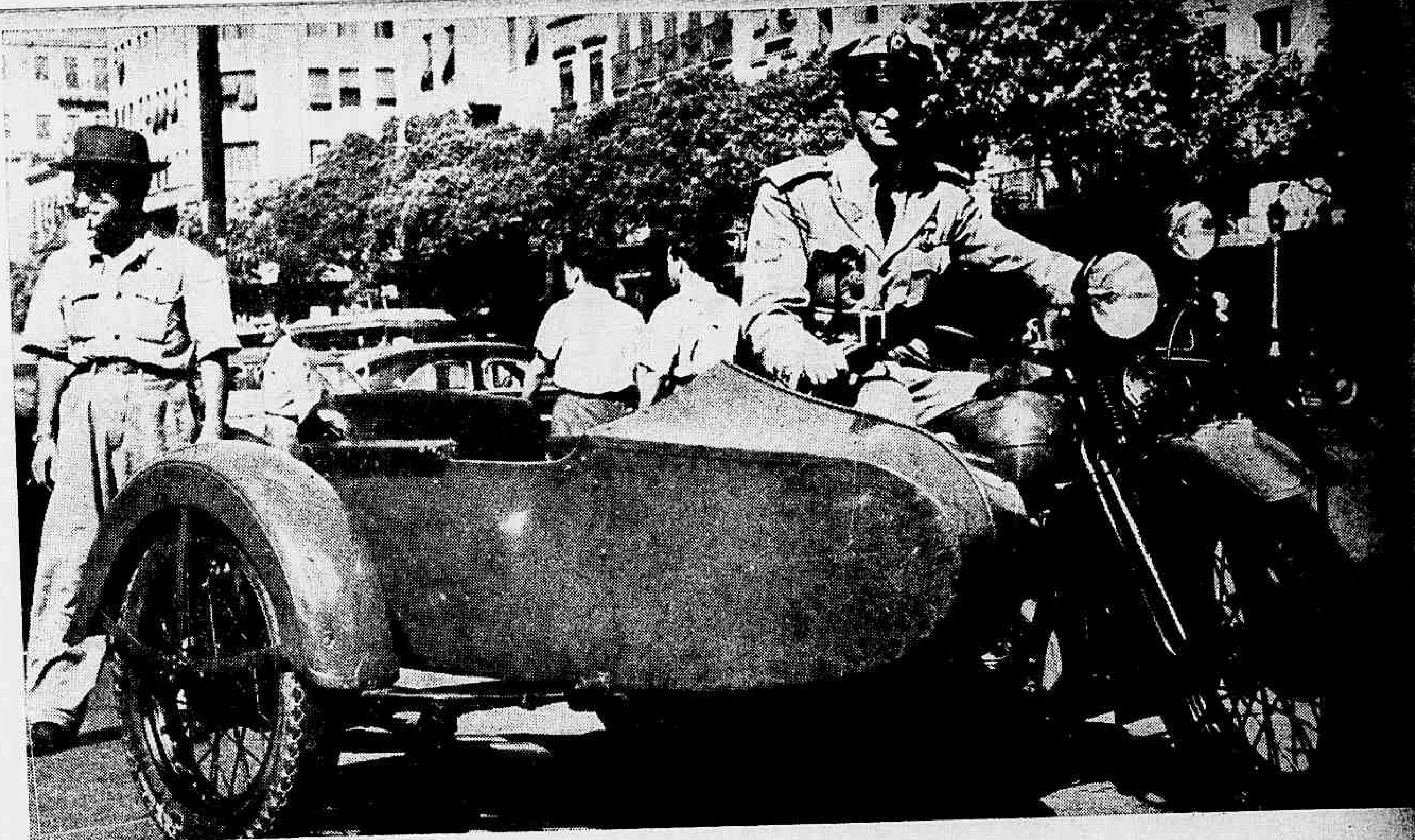
O PROGRAMA É ENORME

A sua maior preocupação no momento, como teve ocasião de nos dizer, é cuidar dos sinais. São antigos. Acha que os cruzamentos de certos pontos se tornam intransitáveis a certas horas porque o sistema não atende mais ao volume de veículos. A vazão será maior no dia em que puder decompôr as direções nos cruzamentos. Aponta como a mais refinada tolice o estabelecimento de faixas longe das esquinas. Não seguem a tendência natural do pedestre. As faixas afastadas das esquinas não são obedecidas. E não é só. O carro quando manobra para virar perde tempo. Precisa de sinal duas vêzes. Não é difícil exemplificar. Um carro pretende entrar à direita de um cruzamento. Faz a volta. Eis que o verde é para os transeuntes. Êle tem de parar. Muitas vêzes não freia a tempo e fica no meio da faixa. Quando não, o número de carros é maior que o pedacinho de esquina entre a faixa e o cruzamento. Ajuntam-se alí em grande confusão. No dizer do major, o sistema em vigôr anda quase morto de velho. Êle explica. Já mandou vir as máquinas de sinalização em uso nos Estados Unidos, pois é de opinião que o nosso tráfego deve seguir o daquele país. E' civilização mais parecida. O sistema europeu não se adapta a seu ver tão bem. Conseguiu pôr no cruzamento da praça da República, ponto antes considerado como o pior do Rio, um sinal de direção decomposta, o que obteve adaptando uma máquina velha. O tráfego melhorou sensìvelmente. Pretende fazer o mesmo no cruzamento da avenida Presidente Vargas com Rio Branco, local de muita confusão aos sábados principalmente, sem esquecer a rua Uruguaiana com Presidente Vargas também. Fala na rua Senador Dantas com o Passeio Público na hora do *rush*. O número de bondes, automóveis, lotações, ônibus e caminhões que passam por todos êsses pontos há muito atingiram o ponto de saturação.

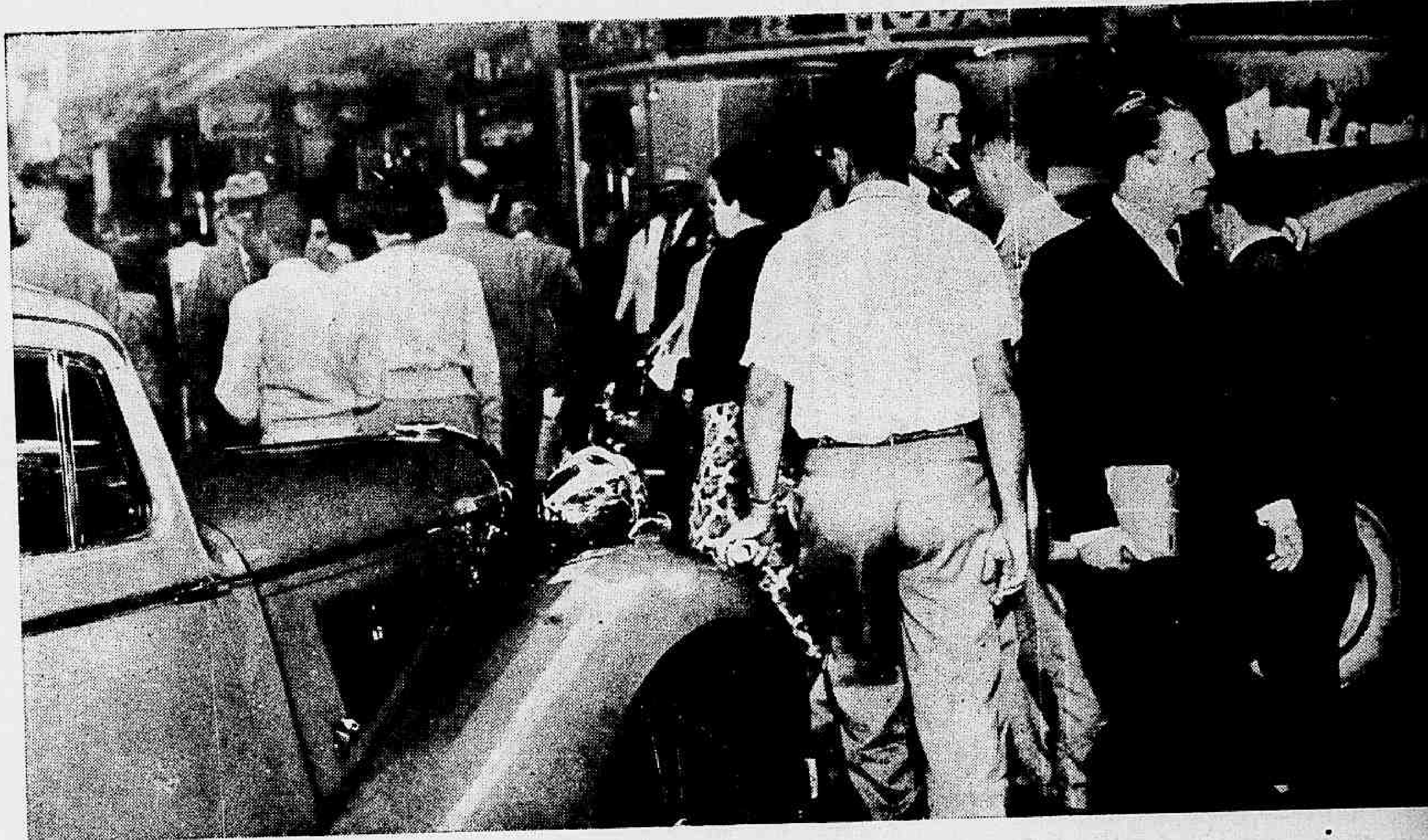
Mas as medidas postas em prática dentro em pouco não se referem apenas à sinalização. O deslocamento do tráfego para ruas até aqui não aproveitadas anda em cogitação. Para tanto, a sala do diretor se enche de mapas da cidade nas mais diversas escalas, e, de tais estudos vai sair um tráfego circulando por ruas que ninguém pensa. Faz parte do plano a entrada pela rua México, avenida Graça Aranha e Antônio Carlos, dando saída pela Nilo Peçanha, para afinal seguir pela Rio Branco até a Presidente Vargas. Em sentido inverso, o tráfego virá pela Presidente Vargas, Avenida Passos, Praça da Independência (antiga Tiradentes), rua da Carioca, Largo da Carioca, rua Bittencourt da Silva ou Almirante Barroso, seguindo Avenida Rio Branco. Desta forma, pensa o major evitar o cruzamento de dois tráfegos intensos.

Mas o homem tem mais idéias. Pretende dar um jeito na aprendizagem. E' outro ponto do seu programa a ser executado em breve. Da maneira que se dá carteira de motorista por aqui, diz êle, não é possível pensar em diminuição de desastres nem de congestionamentos. O ensino é mal feito e, o exame precário. Vai acabar com a carteira de habilitação permanente. O indivíduo que hoje possui carro pode passar muitos anos sem ter um, quando novamente adquire outro já se encontra destreinado, mas sem nenhuma cautela se mete a dirigir, o que pode não estar mais em condições de fazê-lo. A carteira terá validade temporária. O exame não vai constar mais de manobra, marcha-a-ré, entrada em vaga. Às vêzes um candidato aproveitável acaba eliminado com o método até aqui seguido e um de conhecimentos insuficientes passa. Acha o diretor que o julgamento por pontos é melhor. Outras provas serão introduzidas, provas sem as quais, a seu ver, não é possível concluir se um candidato está apto ou não a dirigir sem risco de um acidente na certa.

O major precisa de tempo para realizar o seu programa, mas agora com as eleições, vai saber se continuará tendo, ou não, o prestígio de que tanto necessita no cargo.



O INSPETOR UTILIZA-SE de motocicletas para dar conta do serviço e acompanhar os motoristas imprudentes, que abusem da velocidade. Mas nem sempre podem multar os infratores, por motivos bem fáceis de compreender. Na gravura ao centro, carros que



não freiam a tempo, estacionam em local impróprio, comprimindo os pedêstres com os autos da frente. Em baixo, tipo da confusão clássica, que se repete com frequência, mesmo fóra das horas de «rush». Não é fácil concertar essas falhas, mas tudo será feito em tempo



QUANDO SE COMEÇOU A SUSPEITAR DOS RUSSOS

Por JOHN WALSH

SÔMENTE se começou suspeitar que os russos faziam progressos
nas pesquisas atômicas, quando no dia 6 de novembro de 1947
Molotov declarou que a Rússia teria a bomba atômica e outras coi-
sas mais, quando quisesse. Alguns dias depois, o jornal francês
«L'Intrasigeant» lançou alarmante notícia de seu correspondente em
Moscou, segundo a qual os soviéticos haviam feito explodir a pri-
meira bomba atômica na região de Irkuck, na Sibéria, às 10 horas da
manhã do dia 15 de junho daquele ano. As declarações de Molotov
deram campo para suposições diversas. De parte dos soviéticos aque-
las declarações não foram, todavia, mais esclarecidas. Acredita-se que
os trabalhos soviéticos na construção da bomba atômica são realiza-
dos em diversos pontos da Rússia asiática. No deserto de Turkestan,
por exemplo, foi fundada uma nova cidade: «Atomgrad», em cujas
fábricas trabalham 350.000 homens. Outro centro existe em terrenos
de pequena república, «Tunna Tuva», conhecida na Europa sòmente
através de selos postais, situada na fronteira da Sibéria do Sul e
Mongólia. A população desta república foi transferida, em 1946, parte
da Sibéria do Norte e parte do Turkestan — ao todo 70.000 famílias.
«Tunna Tuva» é um grande vale fechado de todos os lados por altas
montanhas, onde só se pode entrar, com grande dificuldade, por
poucas passagens. Grandes cachoeiras foram aproveitadas para a
eletrificação da indústria de mineração de carvão de pedra e outros
minérios. Tôdas as entradas para êsse vale são guardadas pelo exér-
cito soviético. O terceiro centro de pesquisas, conforme informação
do jornal turco «Djumurrieti» está situado no cume das montanhas
Aracas, no Cáucaso, onde foram construídos os laboratórios. Êste cen-
tro dedica-se a pesquisas sòmente no terreno dos raios cósmicos, sob
a direção do professor Arekelian, membro da Academia de Ciências
de Moscou. Os minérios radioativos dos soviéticos são descobertos e
examinados escrupulosamente pelo grupo de especialistas sob a dire-
ção do professor Vernadski. Êstes minérios, juntamente com os miné-
rios dos terrenos da Alemanha e da Checoslováquia, ocupados pelos
russos, são suficientes para a indústria em grande escala. Alguns tem-
pos atrás, surgiram notícias sôbre discos voadores na Europa setentrional e meridional. Com êstes boatos, quase ao
mesmo tempo, falava-se que os soviéticos realizavam pesquisas em atmosfera terrestre e que, em pouco tempo, seria
organizado um laboratório astrobiológico na Rússia. Isto quer dizer que os russos estão preparando as raquetas, movi-
das pela energia atômica, com a possibilidade de lançá-las a grandes distâncias, pela atmosfera, que é a via mais curta.



Klaus Fuchs, cientista e espião a serviço da URSS, à qual entregou segredos de energia atômica.

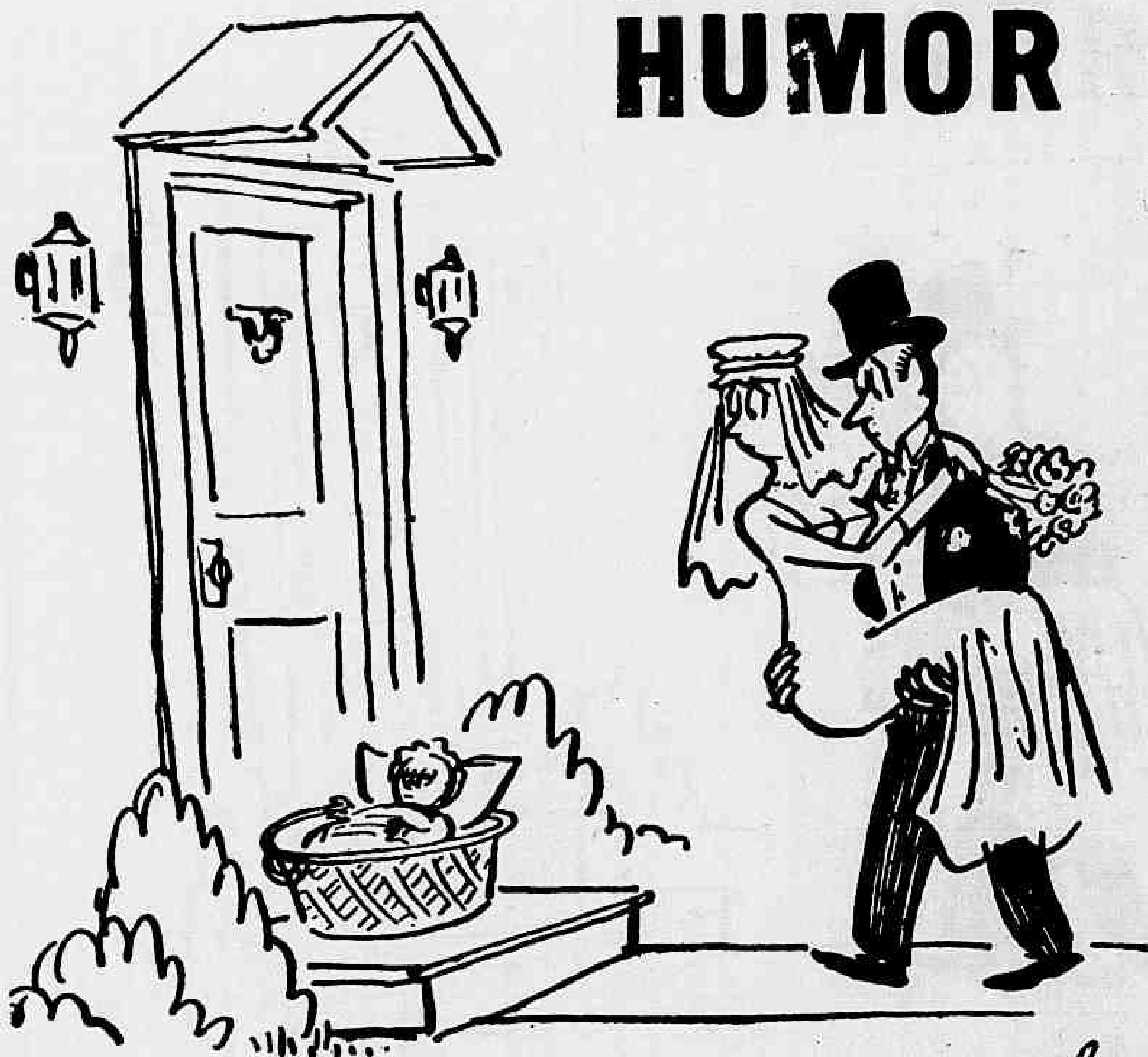


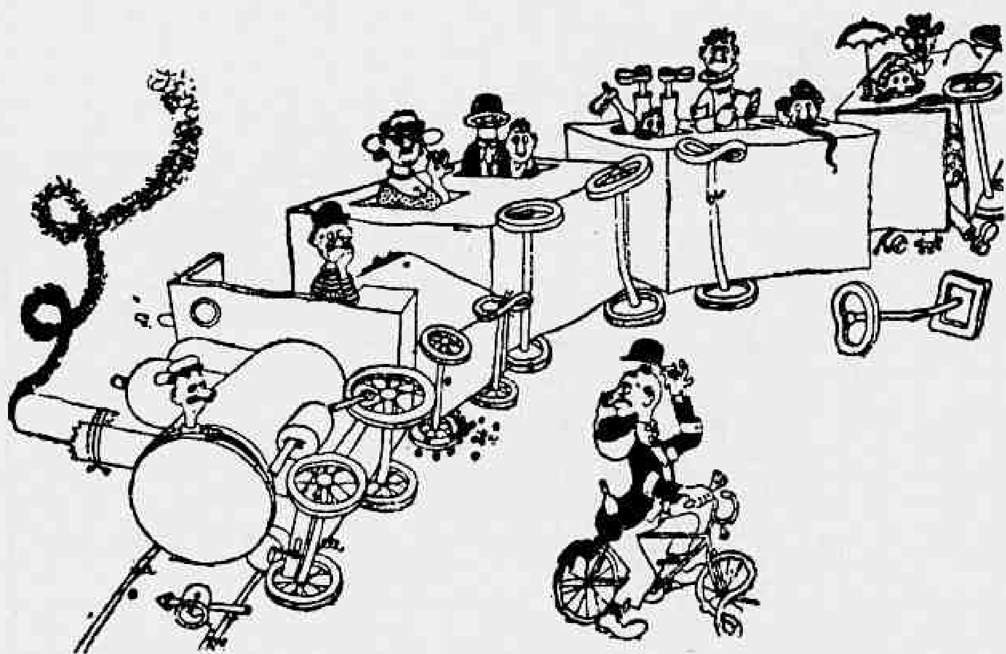
Vemos aquí como se trabalha em energia atômica: um
técnico metido em aparelhagem especial e com máscara
de oxigênio para poder estar em seguro contacto com os
ares contaminados; e, ao lado, um operário munindo-se
com aparelhagem registradora de irradiaçes perigosas
para trabalhar a salvo

BOM HUMOR

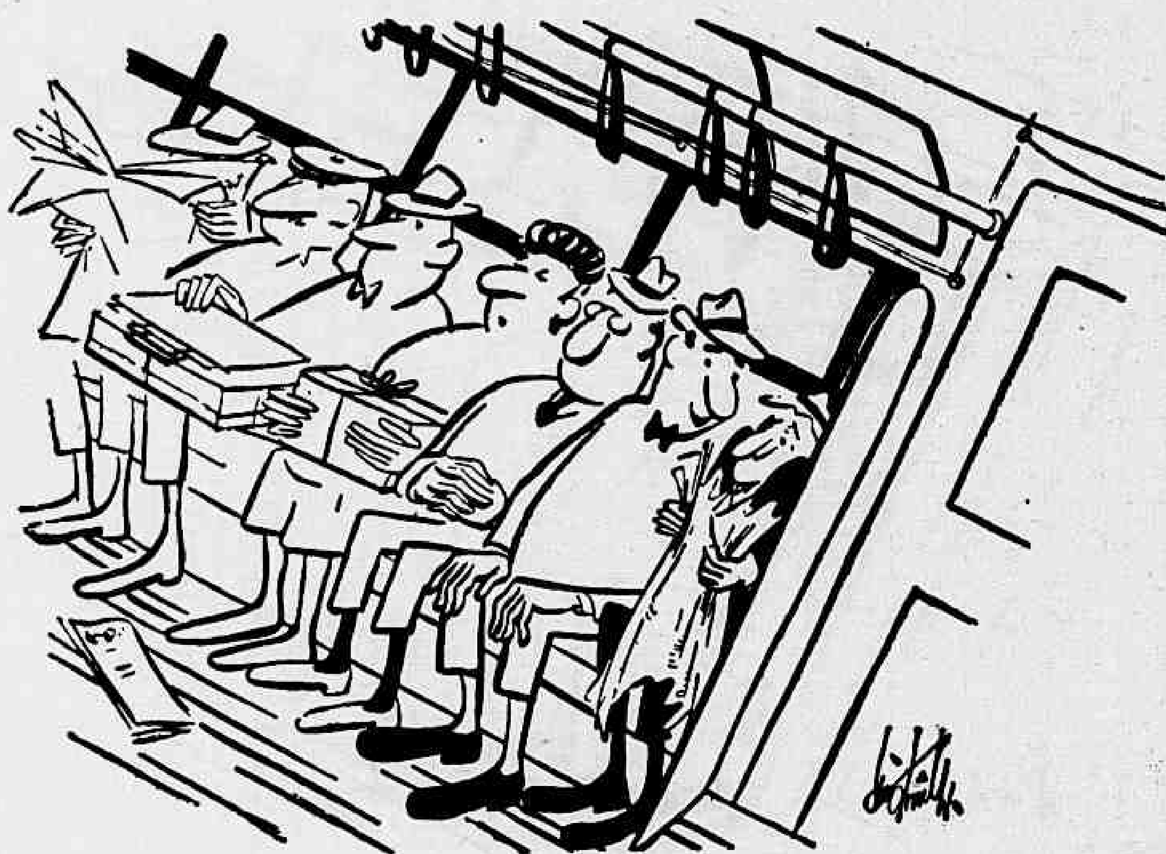


— Lá vêm eles, pode começar!...





— Oh, perdão, não os havia visto!...



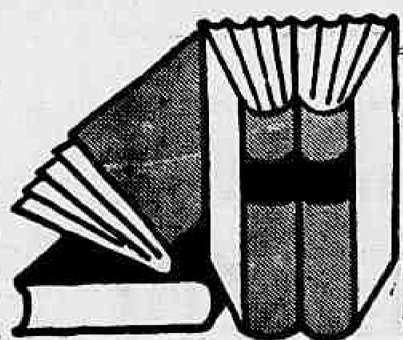
— A ascenção é rápida, são só vinte minutos...



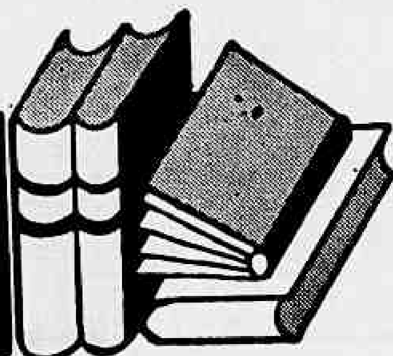
— Prefiro o mar, é muito mais emocionante.



— Bem feito, eu bem disse que estava quente!...



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA

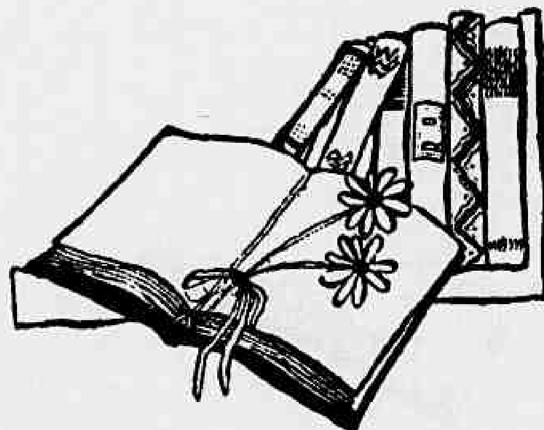


GUILHERME DE ALMEIDA

GUILHERME de Almeida, filho do ilustre jurisconsulto e professor de Direito, Estevam de Almeida, nasceu em Campinas, Estado de São Paulo, a 24 de julho de 1890. Bacharel em Direito pela Faculdade de São Paulo, onde colou gráu em 1912, estreiou nas letras em 1917, com versos de «Nós», obra que lhe deu dêsde logo popularidade e prestígio literário. Poeta de inspiração parnasiano-simbolista, profundo conhecedor da técnica do verso, aderiu também ao movimento modernista de 1922, fazendo-o, no entanto, dentro de grande equilíbrio, sem abusar jámais das facilidades ou excessos da escola, impondo-se a si mesmo uma disciplina de construção das mais louváveis. Requintado nos têmas e na técnica, apurado na linguagem, Guilherme de Almeida tem cantado sempre em função da própria sensibilidade muito rica, sem qualquer receio de parecer menos moderno ou menos atual. Seus livros principais, em verso, escalonam-se assim: «A Dança das Horas», 1919; «Messidor», 1919; «Livro de Horas de Soror Dolorosa» e «Era uma Vez», 1921. Depois desses volumes, publicou ainda «A Frauta que eu perdi», 1924; «Meu e Raça», 1925, todos de inspiração modernista, voltando no entanto a seguir o espírito de sua fase inicial de poeta, com os livros «Encantamento», 1925; «Você», 1930; «Cartas que eu não mandei», 1932; «Acaso», 1938; «Cartas do meu amor», 1941, e «Poesia Varia», 1947. Guilherme de Almeida, cuja atividade literária não se separa do jornalismo militante e do exercício de cargos públicos, já foi Presidente da Associação Paulista de Imprensa, membro do gabinete do Govêrno Paulista de Fernando Costa, Chefe da Divisão de Expansão Cultural do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, Secretário do Conselho de Bibliotécas e Museus, óra, colaborando no Gabinete do Prefeito de São Paulo. Tomou parte na revolução paulista de 1932, razão pela qual esteve exilado no estrangeiro. Eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 1930, ocupa a cadeira n. 15, onde sucedeu a Amadeu Amaral, além de ser também membro da Academia Paulista de Letras e de várias associações nacionais e estrangeiras de ordem cultural. Notável tradutor de poesia, já verteu para a nossa língua os seguintes livros: «As Flores do Mal», de Baudelaire; «O Jardineiro» e «O Gitanj'ai», de Rabindranath Tagore; «O Amor de Bilitis», de Pierre Louys e «As Palavras do Buda», todos editados pela Livraria José Olympio na sua prestigiosa Coleção Rubaiyat.

ATRAVÉS DOS SUPLEMENTOS

QUASE não vale a pena falar nos suplementos dêste domingo (1 de outubro) de ante-vespera das eleições. E' que eles estão naturalmente fraquinhos. Entretanto...



Comecemos pelo de «O Jornal». Entre coisas sem o mínimo interêsse, há contudo, o artigo de Otto Maria Carpeaux sobre o aniversário da morte de Hans Christian Adersen, que se assinala a 4 de agôsto. E há a colaboração de Olívio Montenegro, falando no «animal estranho», que é o homem, comentando a teoria da «subjacência animal» (no bípede implume), de Robinson.

xxx

Passando daí para o «Diário Carioca», encontramos logo a continuação do estudo de Sérgio Buarque de Holanda sôbre a poesia de Schmidt: vale a pena. As eleições estavam preocupando tanto o amigo Pedro Dantas e a turma do «Diário», que o título de um artigo, aliás muito bom, de Pierre Emmanuel, saiu assim: «Duas Eleições de Poesia»... e, na verdade, se trata de duas **Edições**. Lúcio Cardoso fala, e promete falar de novo, sôbre a poesia de Marcos Konder dos Reis: coisa para se lêr mesmo.

xxx

Finalmente — porque o «Diário de Notícias» não deu suplemento — enfrentamos «Letras e Artes», de «A Manhã». Ali, está João Gaspar Simões descobrindo nosso primeiro romancista «existencialista», Clarice Lispector. O crítico fala muito da beleza da escritora, mas, ainda assim, consegue dizer, com alguma serenidade, coisas acertadas, a respeito de seus livros. Sergio Milliet comenta a «Mensagem aos poetas novos», de Augusto Frederico Schmidt. Na seção «No Petit Trianon», outra nota sôbre os «namorados» da Academia, que podem ser assim arrolados: Ciro dos Anjos (denunciado por Nilo Bruzi), Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado, Cristiano Martins e Afonso Arinos de Melo Franco. Trata-se, como se vê, de uma nova Escola Mineira ao pé da Casa de Machado. Parece que os mineiros resolveram conquistar a imortalidade, pois o grupo é muito bom.

★

UMA NOVA EDIÇÃO DE "PROTEÇÃO DO DIREITO DE AUTOR NA AMÉRICA"

O Departamento Jurídico e de Organismos Internacionais, da União Pan-Americana, anuncia uma nova edição do estudo sôbre a "Proteção do Direito de Autor na América". A primeira edição dêsse estudo foi publicada pela União Pan-Americana em abril de 1943. Desde então a Colômbia, México e República Dominicana promulgaram novas leis sôbre a matéria. Por outro lado, em 1946 realizou-se em Washington a conferência Interamericana de Técnicos para a Proteção dos Direitos de Autor, na qual se assinou a Convenção Interamericana sôbre os Direitos de Autor de Obras Literárias, Científicas e Artísticas.



No segundo volume de "Proteção do Direito de Autor na América", põe-se em dia o resumo da legislação dos países acima mencionados; examina-se novamente e particulariza-se mais a legislação dos outros países americanos; e reproduz-se o texto de todos os tratados e convenções interamericanas da América, em matéria de direitos de autor, inclusive a Convenção de 1946.

O alvo que tem em mira êsse segundo volume é, em geral, oferecer os dados essenciais para a proteção das obras intelectuais, de acôrdo com as leis nacionais e os tratados em vigor; mas também assinalar os trâmites a seguir nos casos em que fôr necessário que o autor registre sua obra em um ou mais países onde os tratados não facultam a proteção automática da mesma, uma vez preenchidas as formalidades do país de origem.

O novo volume divide-se em cinco partes. Consiste a primeira em uma relação cronológica dos esforços realizados para organizar, em base continental, a proteção do direito de autor na América, inclusive uma breve análise da atuação mais recente, isto é, da Convenção de Washington em 1946. A segunda contém um resumo bastante extenso e detalhado da legislação nacional de cada país. A terceira consiste em uma análise comparada das leis de cada país, a qual permite que se comparem as diferenças e semelhanças entre as mesmas. A quarta abrange uma breve explanação das condições existentes nas diferentes nações, sôbre a base dos tratados, convenções e acordos, bem como quadros que mostram em forma clara os convênios assinados entre todos os países. A quinta compreende o texto de todos os convênios interamericanos em vigor.

Na elaboração da nova edição, a União Pan-Americana contou com a valiosa cooperação de eminentes advogados que reviram a parte do manuscrito que descreve as leis de seus respectivos países. A seção correspondente aos Estados Unidos, por exemplo, foi revista em consulta com o dr. Luis Charles Smith, Assessor Jurídico de Repartição de Registro de Propriedade Intelectual; a correspondente à República Argentina foi revista pelo dr. Eduardo Mendilaharzu; a de Cuba, pelo dr. Natalio Chediak; e a do México, pelo dr. Germán Fernández del Castillo, todos os quais foram delegados à Conferência de Washington em 1946, e são reconhecidos como autoridades no campo do direito autoral na América.

A nova edição de "Proteção do Direito de Autor na América" acha-se à venda em todos os países do Continente, nas línguas portuguêsa, inglêsa e espanhola.

ANDRÉ MAUROIS APLAUDE O BRASIL



Um curioso instantâneo do escritor André Maurois publicado pela revista «Paris-Match», este: Maurois aplaude o Brasil... isto é, o biógrafo de Byron, no «Colosso de Maracanã», durante o jogo Brasil-Uruguai, de triste memória, aplaude o «goal» brasileiro que deixou tantas esperanças mas que acabou em lágrimas.

EU . . .

(De MARIA ANTÔNIA SAMPAIO)

Cabeça e coração o meu ser como um elo
Para sempre os uniu. Inextinguível chama
que a vida me consome, introvertido duelo
vibrando dentro de mim.. motivo do meu
[drama.

Sentimento e razão. Aquele como é belo
e esta como é sublime. O destino conclama
de ambos o antagonismo e a um e a outro
[apelo
pois um ordena: pensa! — o outro segreda:
[ama...

Que imenso turbilhão na minha alma se
[agita
para os dois agradar, equilibrando-os, pois
não sendo por nenhum, quero ser pelos dois,

na luta exasperada, indômita, infinita,
entre o anseio e a renúncia, o querer e a
[repulsa
de um cerebro que pensa e um coração que
[pulsa.

NOTICIÁRIO

O poeta mineiro José Gonçalves de Souza publica "Maria da Cruz", coletânea de poemas de ritmo livre, calcados no folclore do nordeste de Minas, folclore que, segundo seu prefaciador, João Dornas Filho, é quase virgem de pesquisas.

★

Trinta-e-sete milhões de volumes. E' a quantidade vendida até hoje da excelente "Everyman's Library", uma das melhores coleções literárias existentes. Esta série, editada pela casa J. M. Dent & Sons, de Londres, conta com quase mil títulos. Seus volumes, perfeitamente impressos, encadernados em tela, custam 4 xelins e 6 pences, independentemente do tamanho que varia entre 300 a 1.000 páginas. Criteriosamente escolhidas entre os livros substanciais da literatura mundial, as obras que formam a coleção são frequentemente reimpresas e nas sucessivas reedições se introduzem muitas vêzes modificações essenciais, tendendo a melhorar sempre a edição. ★ O livro de versos do poeta José Laurênio de Melo, "Palhano", recentemente editado, vem obtendo os mais calorosos elogios da crítica pernambucana. ★ "Três alqueires e uma vaca", o estudo biográfico sôbre G. K. Chesterton de Gustavo Corção, a exemplo da "Descoberta do Ouro", está sendo traduzido para o castelhano por uma editôra argentina. ★ Um exaustivo estudo sôbre a poesia pura, com penetrantes ensaios sôbre Valery, Paul Saudav, Baudelaire e outros, é o livro de Henri Bremont — La Poesia Pura — editado pela Argus, de Buenos Aires, e recentemente oferecido ao público brasileiro pelas livrarias do Rio.

★

Noticia-se o próximo aparecimento das Poesias Completas de Ascenso Ferreira, volume que encerrará, além de vários trabalhos inéditos, os poemas de seus dois livros anteriores: Catimbó e Cana Caiana.

★

Otávio de Faria terminou um novo volume da "Tragédia Burguesa". O livro deverá ser lançado apenas no ano que vem.

★

"Sombra e exílio" é o romance, recentemente editado, do escritor mineiro, Valdomiro Autran Dourado. Um livro denso, forte, rico de substância, que vem reafirmar as qualidades de ficcionista que colocaram o utor de "Tela" entre os mais destacados escritores da nova geração.

FORA DO PRELO

O GITANJÁLI — R. Tagore — Tradução de Guilherme de Almeida — José Olímpio — Rio

Mais uma edição, a quinta, desta primorosa tradução que Guilherme de Almeida fêz do belo livro de Rabindranath Tagore vem de aperecer na seleta "Coleção Rubáiát". Trata-se, como é sabido, de um dos mais enternecidos poemas de amor que já foram escritos. São grandes páginas de prosa poemática, vasadas em finíssimo lavor, obra que a tradução de Guilherme passou para a nossa língua com um estilo que enriquece, ao contrário de tantas traduções, o trabalho original.

O que mais recomenda esta tradução é, realmente, o tom que o nosso poeta conseguiu, de extrema fidelidade ao texto do poeta indiano, no movimento, na doçura, na simplicidade. E, assim, o "Gitanjáli", em nossa língua, conserva-se fiel ao original, tanto na fidelidade do vocabulário e das expressões, como no seu movimento profundo e no seu tom.

Veja-se, por exemplo, êste número:

"Busquei-te sempre com minhas canções em minha vida. Foram elas que me conduziram de porta em porta, e foi por elas que, pesquisando e tateando o seu mundo, eu me encontrei comigo mesmo.

"Foram minhas canções que me ensinaram tôdas as lições que aprendi: elas mostraram-me caminhos secretos, elas puseram diante dos meus olhos muitas estrêlas no horizonte do meu coração.

"Elas guiaram-me durante todo o meu dia pelos mistérios do país do prazer e da dor, e afinal a que portal de palácio trouxeram-me elas de tarde, ao têrmo da minha jornada?"

UM GÔSTO E SEIS VINTENS — W. Somerset Maugham — Tradução de Gustavo Nonnenberg — Editora Globo — Pôrto Alegre

Já em quarta edição, manda-nos a Editora Globo êste famoso romance de Maugham, mais popularizado, depois que o cinema utilizou a história em um filme mais ou menos medíocre, cuja vantagem foi exatamente essa de despertar o interêsse dos leitores por um dos bons romances modernos, aliás um semi-documentário, pois aqui encontramos uma biografia romanceada de Gaugin, o torturado e infeliz pintor que se finou morfético.

O romance é muito bem feito, vasado naquela maneira pessoal e aparentemente frívola, melhor, superficial, que a crítica "stuffed shirt" gosta de atribuir ao grande escritor inglês. Tècnicamente perfeito, no seu gênero, êste romance de Maugham resiste às exigências do leitor mais requintado e, diante do seu êxito, justamente, e que a crítica gravebunda, sempre desconfiada com os êxitos de livraria, incapaz de distinguir com isenção uma boa obra, de muitas edições, de uma obra pífia igualmente com muitas edições — fica sem saber como opinar, falando com muitas reticências. Nada disso importa, com certeza. Os grandes livros vão vivendo com ou sem a aprovação dos catedráticos que, como de hábito, erram muitíssimo.

A INÚTIL ESPERA — Dirceu Quintanilha — Pongetti — Rio

Dirceu Quintanilha que é essencialmente um poeta, mesmo quando escreve prosa, foi há pouco laureado, exatamente por uma obra de prosador, recebendo da Academia Brasileira de Letras o "Prêmio Afonso Arinos" que coube ao seu livro de contos "Novos Mundos em Vila Teresa". Agora, o poeta se vinga do prosador e, logo depois de premiado como contista, nos entrega êste livro de poemas que confirma tôdas as suas qualidades líricas, já denunciadas em obras anteriores.

Dirceu Quintanilha é um lírico e poderíamos chamá-lo néo-romântico, por amor às classificações, para arrumar a sua poesia na estante. A verdade, entretanto, é que estamos aqui em presença de um dos bons poetas da nova geração, um poeta que já atingiu ao domínio técnico e que, como outros grandes vultos de nossa poesia moderna, não se ateve às preocupações embaraçosas da forma. Inspirado, seu verso flúi com facilidade e beleza, sua poesia de roupagens singelas evoluindo com a graça e a leveza que êle busca, para exprimir-se. Falem por êle

POESIA ILUSTRADA



Ilustração de Emeric Marcier, em «Cântico», de Lêdo Ivo.

êstes versos que recuperam para o nosso instante essa velha música surdinada e grata que parecia para sempre perdida:

"Tu andavas dentro de mim.
Antes de seres gesto e lágrima.

Antes de seres alegria ou dor,
Eu te criei nas longas noites de
[vigília.

O lirismo branco do luar
Plasmou, no silêncio das madru-
[gadas,
As formas raras, a tepidez suave
De tuas carnes.

Antes de seres amor,
Eu te amava.

Eras tu, ùnicamente tu,
A emoção de sonho no enlêvo da
[música
Brancos tombos de cachoeiras can-
[tantes.
Tu eras o orvalho ou o mar.
Tu eras a poesia de um pôr de sol
Agonizando em sangue.
Eu te criei de sofrimento,
Vieste de longe, bem longe,
De recortes apagados na infância,
Do inesquecível frio do inverno
Que não morre mais, que não se
[esquece mais...
Tu estavas em mim,
Antes de seres gesto e lágrima.

Por isso, em silêncio, chegaste na
[minha vida.
E em silêncio eu te amei..."

PROVÍNCIA — Alves Mota Sobrinho — Editora Brasiliense Ltda. — S. Paulo

É muito raro aparecer um contista com as fortes qualidades de que vem dotado Alves Mota Sobrinho. Êste livro, "Província", que não é um livro de estréia, mostra a fibra de um excelente escritor de histórias curtas a que só falta ambiente — e, com certeza a sanção de nossas igrejinhas — para projetar-se como dos melhores de nossa prosa atual. Dono de um estilo pessoal, fascinante pela precisão e simplicidade, tanto mais de louvar-se quanto os tempos são de escrever difícil e complicado, o autor de "Província", com êsse título demasiado modesto e pouco glamoroso, marca no seu livro páginas de intenso calor humano, de drama pungente, fixando episódios e personagens com uma sobriedade, um colorido, um vigor e um recorte de água-fortista. Água-fortista é êle, que se compraz em trabalhar as tragédias cotidianas, os tipos marginais, em que põe traços steinlianos, de comoção e de sarcasmo. Não é, como se poderia supor, um caricaturista. Nada disso. Alves da Mota não pretende fazer rir, sacando humor dessas criaturas, de seus anti-heróis desgarrados. E é por isso que o aproximamos dos artistas de água-forte, aquêles que o meio sóbrio permite nos dar trechos de vida, com tôda a sua marca de tragédia e de grotesco, sem nenhuma alegria, por mais deformados que nos pareçam.

Há aqui inúmeros contos que têm valor antológico. Não vamos ter o trabalho de citar aquelas páginas em que melhor excelem as qualidades dêste realista de nossa tão pobre, mesmo paupérrima "short story". Todos os contos do livro, e são apenas dez, demonstram qualidades excepcionais neste escritor que sempre nos dá a idéia daquela qualidade que nele assinalou Roger Bastide, do documentário, do material "direto", como que colhido, melhor, transposto da própria vida — tanto êle sabe figurar a realidade, tocando-a do pitoresco provinciano, para melhor aproximá-la da verdadeira província é colorida, tem o "parti-pris" da côr e, sem isso, não têm atmosfera as suas histórias.

Livros Infantis das Edições Melhoramentos

Qual a origem das "Mil e uma noites"? A Arábia? O Egito? A China? Fato é que ainda não se chegou a uma conclusão, mas ninguém lhes discute a beleza imaginativa.

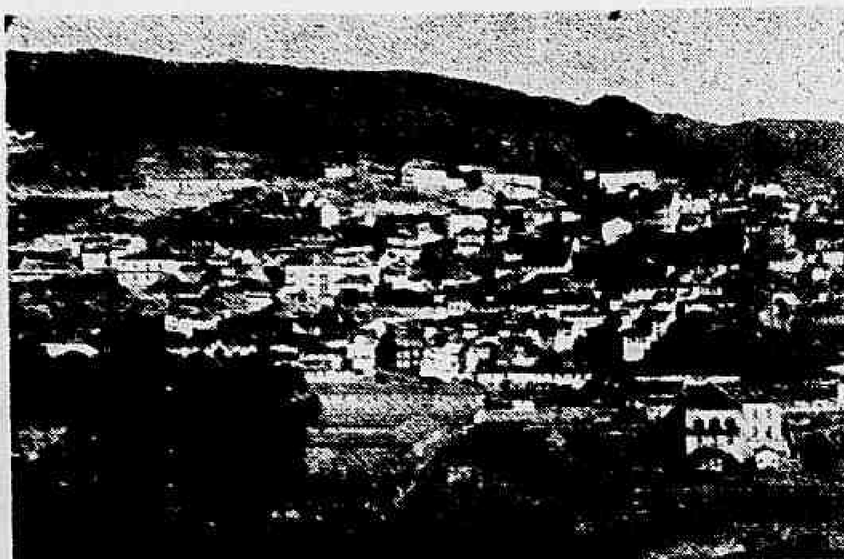
As Edições Melhoramentos estamparam, em volumes caprichosamente ilustrados, "Sindbad, o marinheiro" e "Viagens de Ulisses", extraídas da "Odisséia", de Homero, naquele tom epopéico tão ao gôsto da mocidade, de todos os tempos, enquanto o marujo pertence àquela célebre obra oriental. Outra realização da Melhoramentos, como leitura para a infância e a adolescência, é "Vitórias e Derrotas de Globi", o trêfego papagaio que parece gente.

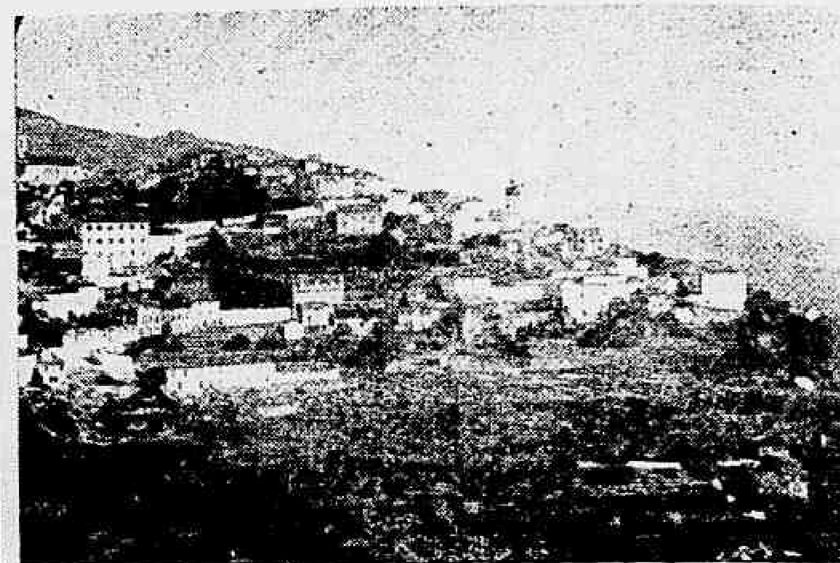

SERRA DA ESTRÊLA. Capela da Sra. do Destêrro sôbre o vale do Alva.


«CABEÇA DA VELHA», um dos mais notáveis antropoglifitas do mundo.


AINDA NA SERRA, alguns dos elegantes «chalets» de Manteigas.


O CÃO PASTOR acompanha o dono e mantém vigilância contra os lobos.


COVILHÃ, nos contrafortes da Serra, a 650 metros de altitude.


OUTRO ASPECTO do grande centro industrial de lanifícios do país.

LISBOA EM REVISTA

HOMENAGEM A MALHOA ★ CASAS PARA POBRES ★ "O INFIEL AMIGO"

De MANUELA AZEVEDO

(Exclusividade da IPA para a REVISTA DA SEMANA)

LISBOA (Por via-aérea) — Quem estas linhas escreve levantou há uns dois anos o problema psicológico, criado pela prática do tiro aos pombos. Foi uma reportagem irónica feita no aristocrático Estoril e publicada no "Diário de Lisboa". Pouco depois, no "Século", Aquilino Ribeiro glosava o mesmo tema e no "República" Rocha Martins lavrava o mesmo protesto contra as realezas que se distraem no Estoril, encarcerando pombos em caixas de madeira, automàticamente abertas, para dar saída às aves estonteadas. As pobres, sem fôrças que as ajudem, como hão de defender-se da emboscada dos homens e dos seus tiros traiçoeiros?

Foi a favor dos pombos e contra o snobismo da arte de os matar, que então se desenvolveu uma campanha nos jornais. Mas como por detrás do crime de matar a avezinha — símbolo da Paz e como esta ferida de morte — existem os interêsses dos apostadores, aí está porque o negócio do tiro aos pombos se mantém no Estoril, embora noutros pontos do País os pratos lançados a grande velocidade vão contentando os que têm tão ardentes tendências cinegéticas...

Agora, porém, a campanha assumiu outros aspectos: foi levada à última reunião da vereação da Câmara Municipal, onde dois vereadores pediram enèrgicamente que se acabasse com o vexatório tiro aos pombos — tão vexatório que pode levar alguns estranhos a considerar os portuguêses de uma sanguinolência que na verdade não possuem.

Será, portanto, agora que o Município vai intervir contra a morte bárbara do mais pacífico ser da criação divina?

Lisboa, que adotou tantos e tantos centos de pombas esvoaçando por essas praças públicas — assim o tem reclamado.

HOMENAGEM A MALHOA

O Brasil conhece José Malhoa. Nos museus — pelo menos no do Rio de Janeiro lá o vimos — há telas que através do seu pincel evocam a doce claridade da terra portuguêsa,


TORTOZENDO, ontem um povoado, hoje uma vila ridente e movimentada.

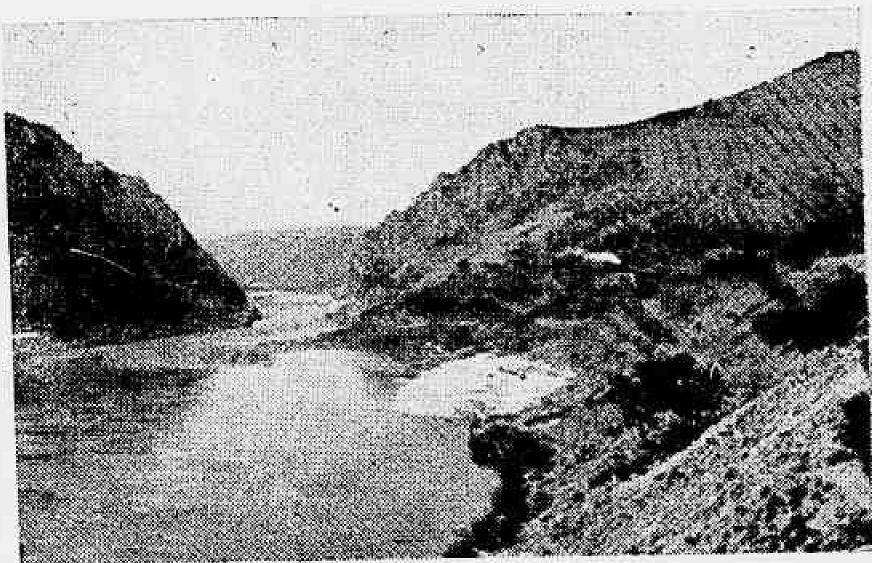

PONTE PEDRINHA, uma visão de beleza, poesia e progresso.


FUNDÃO, na Beira Baixa, um dos mais férteis pomares de Portugal.


CASTELO BRANCO, cidade afamada pelos seus finos azeites e queijo.


JARDINS do velho Paço Episcopal, fins do Século XVI, em Castelo Branco.

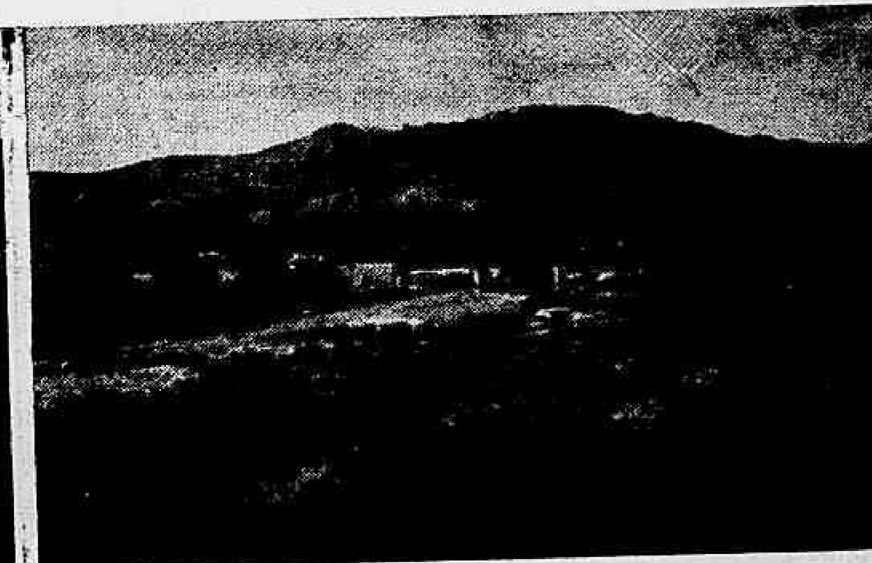

ESTRADA de Castelo Branco às Portas do Rodão, na Beira Baixa.



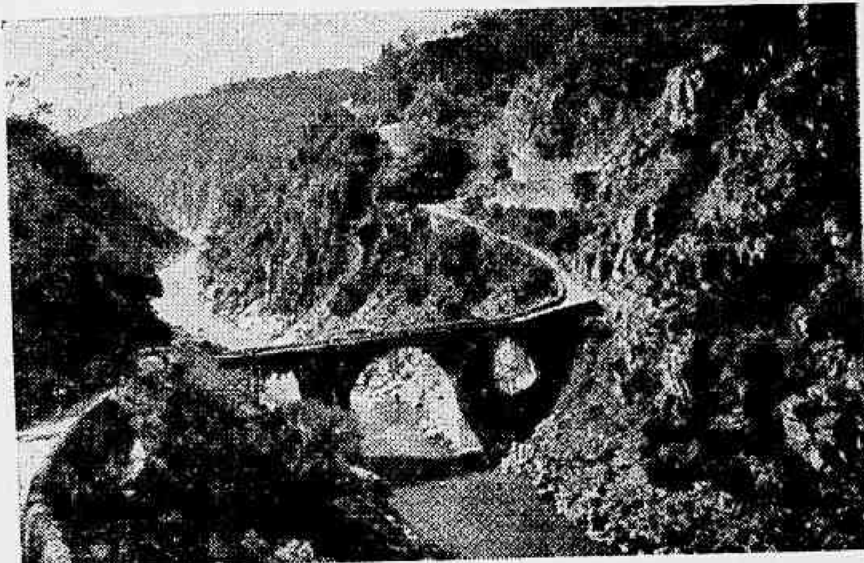
PORTAS DO RODÃO onde o rio atravessa toda a região montanhosa.



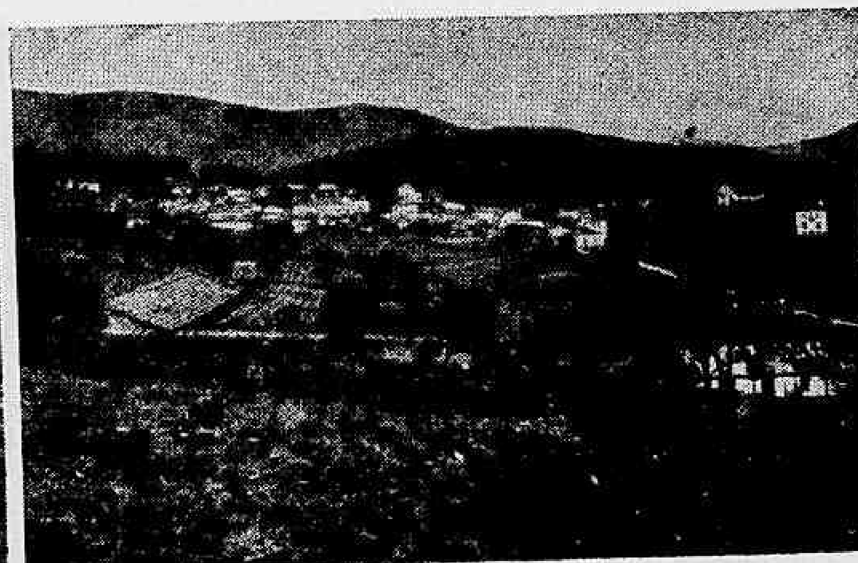
PAISAGEM da Beira: Estrada entre Castelo Branco e a Sertã.



PONTE do Vale da Ursa, dos mais pitorêscos atravessada pelo Zêzere.



CURVA DE ESTRADA e pontilhão sôbre Pedregão Grande, na Baixa.



CASTANHEIRA DA PÊRA, localidade altamente industrial da Extremadura.



SERRA DA LOUZÃ. O negro das rochas e a alvura dos santuários.

os costumes das suas aldeias, os pecados e as virtudes da sua gente. Pois Malhoa — e êle não foi um revolucionário criador da pujança de Columbano — que era natural das Caldas da Rainha, uma linda terra estremenha, teve agora a consagração definitiva da sua obra, por muitos titulos perduràvelmente luminosa. Na sua terra, o autor de "Os bêbados" e de "O fado", uma tela admirável que Amália Rodrigues popularizou através do "O fado Malhoa", ergue-se a partir de há três dias o museu que só existia no nome. Na verdade, assim funcionava o Museu Malhoa — com um nome e alguns centos de quadros carinhosamente armazenados e de vez em quando expostos à luz dos olhos humanos.

Como, porém, Deus não falta quando promete — a promessa cumpriu-se em forma de auxilio do Estado, claro — eis agora o Museu Malhoa instalado num belo edificio especialmente construido para o efeito. A inauguração foi assinalada com a presença de ministros que se deslocaram às Caldas da Rainha e com uma série de conferências pelos mais notáveis criticos de arte.

Assim se consagra um artista português que consagrou o povo de Portugal.

CASAS PARA POBRES

Sem dúvida, o movimento de construção para as classes pobre e média não se faz naquele crescendo que as necessidades justificam, numa altura em que a iniciativa particular cruza os braços e tudo espera do auxilio do Govêrno. Assim, o Estado que não pode gabar-se de modesto arrecadador de fundos, vê-se na obrigação de acudir a tôda a parte onde há "fogo": às doenças dos pobres, ao seu desemprêgo, à sua falta de habitações, a tudo, tudo, o que muitas vêzes poderia ser obra de particulares, muito embora com o intuito de lucros moderados, como no respeitante à construção de moradias modestas.

Essa iniciativa privada não vem. Então, eis que vão surgindo novos aglomerados, construidos com comparticipações importantes do Ministério das Obras Públicas, pelo Fundo de Desemprêgo. Foi isso o que sucedeu agora em Leiria, onde no último domingo se inaugurou um novo e lindo bairro de 150 moradias para mil pessoas, destinado às classes pobres — embora lá possa ir parar algum ou outro mais endinheirado, como sucede noutros bairros seus irmãos.

Êste bairro, entretanto, com as rendas orçando entre os 90 e os 130 escudos, tem caracteristicas especiais. Foi construido de modo a constituir uma futura freguesia da cidade do Liz. E, por isso, logo agora ao nascer, trouxe os sinais do seu progresso: além das 150 moradias, surgiram uma estação dos Correios, Telégrafos e Telefones, um mercado moderno, lavadouros públicos, uma escola, uma igreja e um centro de assistência social.

Eis uma obra que é um padrão — e um padrão que é uma obra eminentemente social.

O "INFIEL AMIGO"

O bacalhau foi durante anos e anos o companheiro dedicado do povo português. Nas horas más e nas horas boas, havia sempre entre as "cem maneiras de cozinhar bacalhau" uma receita que em algumas circunstâncias nem sequer era cozinhado... Cru, acompanhado de pão-de-milho, vinho e azeitonas, era o melhor "mata-bicho" matutino do trabalhador dos campos.

Durante a guerra, porém, as infidelidades do velho amigo

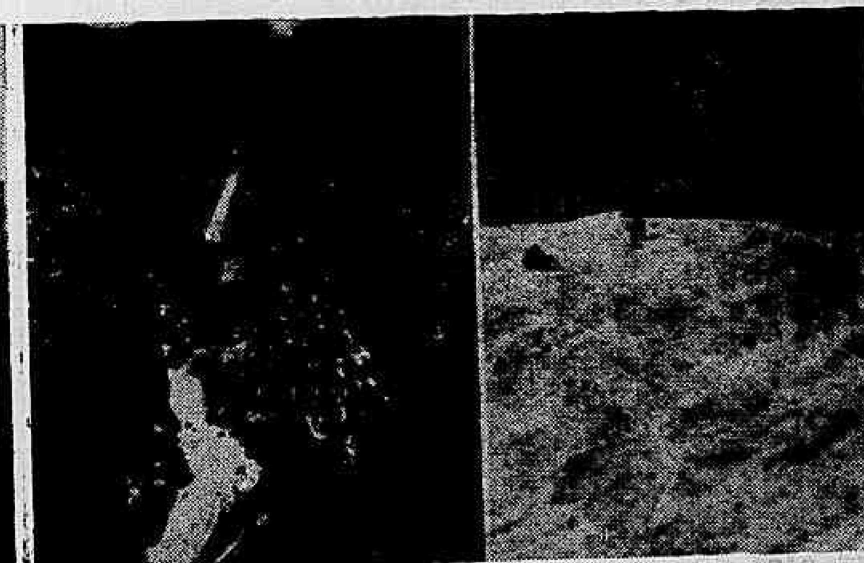
(Cont. na pág. 49)



MATA DE CASTANHEIROS na estrada de Manteigas ao Pôço do Inferno.



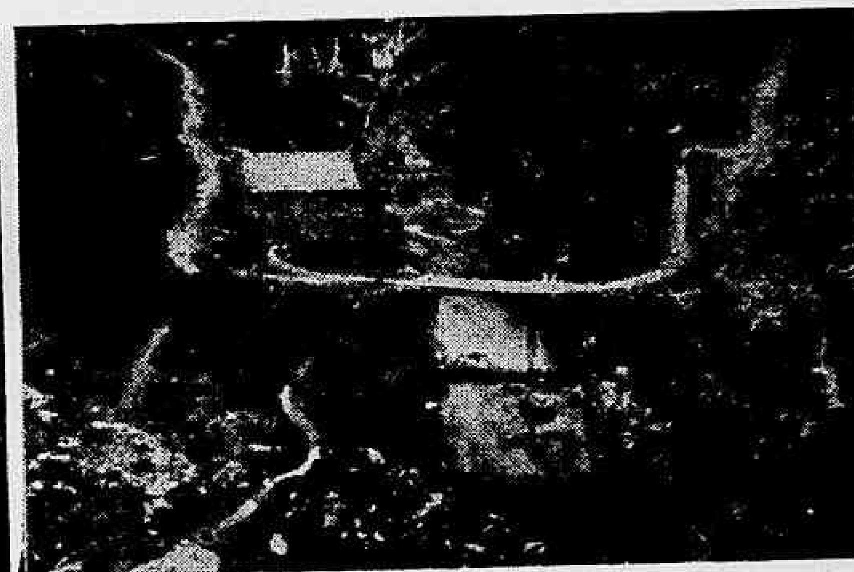
A ESTRADA de Manteigas permite visões panorâmicas dêste vulto.



A ESQUERDA, o célebre Pôço do Inferno; à direita, skiando na Serra.



TRECHO entre o Pontão das Quatro Estradas a Figueiró dos Vinhos.



A PITORESCA Ribeira de Almofala, cêrca da ponte de Vale de Tábuas.



PENHAS DE S. SIMÃO. Impressionante beleza dramática.



Elizabeth Taylor e seu espôso Nick na Itália. Em cima, ela ao visitar igrejas. Ao lado, no balneário do Lido.

LUA DE MEL CINEMATOGRÁFICA

A ESTRÊLA ELIZABETH TAYLOR PASSA A LUA DE MEL EM ROMA ★ COMO BOA CATÓLICA, CASA-SE NA IGREJA DO BOM PASTOR EM HOLLYWOOD E VAI ORAR NA BASÍLICA DO VATICANO

QUEM não conhece a bela estrêla de cinema Elizabeth Taylor? Não apenas pela excelente performance de seus desempenhos artísticos, como pela impressionante semelhança fisionômica em face de Vivian Leigh, a inesquecível "Scarlet O'Hara" de "...E o Vento Levou".

Elizabeth Taylor casou-se, a 6 de maio último, com Conrad Nicholson Hilton, ou "Nick", como é chamado na intimidade. Para uma boa estrêla de cinema e católica, Mrs. Hilton empreendeu, ao lado do espôso, uma longa lua de mel pela Itália.



«Close-up» de Elizabeth Taylor, quando admirava as belezas panorâmicas e históricas das cidades italianas!

Antes de desposar Nick, riquíssimo jovem de Nova York, já havia ela noivado por duas vêzes. Mas, estava escrito que se uniria ao milionário que o destino lhe havia reservado como se estivesse lendo páginas de contos de fadas com seus príncipes encantados...

Segundo rezam as crônicas, nasceu ela a 27 de fevereiro de 1932, em Londres. Seu pai era um técnico de Arte e comerciava com quadros. Mrs. Taylor era artista e declamadora. Não é, pois, de estranhar, que a lindíssima "Liz", tenha saído essa talentosa estrêla de Hollywood, conquistadora de fãs e de multidões. Seu espôso tem 26 anos e é herdeiro de colossal fortuna avaliada em mais de 125 milhões de dólares. Seu pai é proprietário da mais gigantesca linha de hotéis dos Estados Unidos.

Ambos, porém, se caracterizam pela simplicidade. Especialmente ela, que é de uma candura e uma singeleza de criança... pobre! Ao chegar à Itália todo mundo já a conhecia pela exibição de "Cynthia", produção que a consagrou na carreira cinematográfica.

Não gosta muito de ler. Mas é fanática pela carreira cinematográfica, entregando-se de corpo e alma às interpretações que lhe confiam. Tem alma de artista e sabe dar aos papéis, por mais difíceis que sejam, um desempenho verdadeiramente genial.

Está em plena fase de sonhos e devaneios. Com seu talento, sua mocidade e um espôso jovem e simpático com uma fortuna de mais de 125 milhões de dólares, Elizabeth Taylor deve ter chegado, em vida, ao Sétimo Céu da felicidade e do triunfo.

A lua-de-mel pela Itália, com excursões suplementares por vários outros países da Europa, lhe proporcionou excelente descanso e sólido cabedal de conhecimentos artísticos e humanos, o que muito auxiliará o seu desenvolvimento espiritual e cultural.

Espírito religioso e católica praticante, Elizabeth Taylor se encaminha para visitar a basílica de S. Pedro, em Roma.

Depois de haver gozado as delícias de uma semana em Veneza, dirigiu-se a famosa artista para Roma, a fim de tomar parte nas festas do jubileu, nos programas religiosos do Ano Santo.

Mas, dotada de grande espírito de observação e cultura, Elizabeth se dedicou, durante vários dias, a percorrer Museus e templos, basílicas e demais lugares históricos e culturais da Cidade Eterna. Procurou ver tudo com minúcias de quem estuda e viaja com o propósito de ilustrar-se.

A estrêla, que é londrina e vai fazer apenas dezenove anos, iniciou sua carreira cinematográfica com uma pontinha no filme "Lassie regressa ao lar", quando tinha apenas oito anos de idade.

Mas, de tal sorte é o seu talento artístico, que conseguiu pelos méritos próprios, atingir a culminância de sua arte no filme "Cynthia".



Os noivos em plena lua-de-mel em Roma. O milionário Nick nem parece que tem à sua disposição Cr$ 2.500.000.000,00!





O CHARLESTON (ao alto) foi ressuscitado em uma noitada alegre do Mocambo (Hollywood). Ginger Rogers (à esquerda) e Ann Miller dançaram-no às maravilhas, mas, ao terminar a festa, ambas estavam com as meias rôtas. — (Em baixo) Errol Flynn, de óculos escuros, finge não tomar conhecimento da presença de sua espôsa Lili Damita, que lhe retribúi na mesma moeda, no tribunal, em Los Angeles. Errol Flynn não quer continuar pagando a mesada de 18.000 dólares, quando tem de dar mais 6.000 a Nora Eddington, sua segunda mulher, pois, declarou, "não possúi uma fábrica de dólares"

NORMA SHERAR ainda aparece em público, justificando um fiu-fiu da rapaziada moça. Aí a vemos fingindo de "brotinho" e cumprimentada pela jornalista Elsa Maxwell, em sua residência de Santa Monica (Califórnia). Norma é viuva de Irving Thalberg, ficou milionária e tem 46 anos. Parece?





MARLENE DIETRICH, outra veterana que conserva fortes predicados de beleza. Por princípio a estrêla de "Anjo Azul" não pôsa para os fotógrafos, mas não pôde impedir que o fizessem quando compareceu, recentemente, à Festa do Diadema. E o que ela exibiu era dos mais elegantes da festa



STAN LAUREL e Oliver Hardy fizeram recentemente um giro pela Europa e estão filmando "Attolo K", película ítalo-francesa, satirizando a bomba atômica. O Magro tem 55 anos e nasceu em Ulverston, Inglaterra; o Gordo é norte-americano da Georgia e tem 58 anos. Aqui os vemos (em cima) ao desembarcar em Roma. Em baixo: assinando um autógrafo. Onde apareciam eram muito ovacionados. Stan Laurel foi um modesto ator do teatro inglês, antes de ir para os EE. UU., e seu companheiro filmou pela primeira vez em 1913. O primeiro envelheceu bastante e o segundo está sempre mais gordo





EM «AS ARVORES MORREM DE PÉ», o antigo escritor e jornalista, hoje ator renomado, tem uma de suas bôas criações. Na gravura, dona Conchita de Morais, protagonista da já famosa peça; Manoel Pêra e Suzana Negri. O primeiro foi substituido por Armando Rosas.

ODILON SEM DULCINA

O LIVRO "MACEGAS" ERA UM "ÁBRE-TE SÉSAMO" FALHADO: ABRIA TODAS AS PORTAS, MENOS A DO TEATRO ★ ESTAVA COM TUDO: DINHEIRO NO BOLSO, ANEL DE BACHAREL, PAI RICO E CINCO LIVROS EDITADOS ★ ABANDONOU TODAS ESSAS "CHANCES" POR UMA VIDA MAIS TRABALHOSA ★ MÁRIO NUNES LEVA-O A FRÓES ★ CHABY FAZ UMA APRESENTAÇÃO E PÕE UM ELOGIO NA TABELA DA NOITE ★ DULCINA, SUA PRIMEIRA CONTRATADA ★ FRACASSO NA BAHIA ★ CASAMENTO ★ NOVA COMPANHIA E TRIUNFOS DURANTE 15 ANOS

Reportagem de NEY MACHADO

O dr. Odilon de Azevedo tinha já cinco livros publica-
dos, um anel de bacharel, pai rico e camarada que lhe po-
deria dar, durante tôda a vida, uma mesada astronômica,
era um rapaz elegante, simpático. Tinha apenas, um há-
bito que o faziar andar de um lado para o outro, pro-
curando «pistoles», escritores, jornalistas: nascêra com a
mania do teatro. Rejeitava a vida folgada que poderia ter,
para conseguir qualquer papel, pequeno que fôsse, que o
lançasse nos palcos do Rio. Muita gente o desanimara,
mas o mineiro de Santa Rita de Cassia tinha fibra. Um
dia, Viriato Corrêa recebeu das mãos do rapaz um exem-
plar de «Macegas», livro dos melhores que temos no gê-
nero de contos, de autoria de Odilon. Após o presente,
veio o pedido: «O senhor não poderia me apresentar a
uma companhia teatral?» Viriato leu algumas páginas do
livro e aconselhou: — «Menino, não pense em teatro. Você
já é escritor, um bom escritor, chega»

Odilon saiu da casa de Viriato desiludido. Fez uma cam-
panha de persistência em cima de Fróes. Naquele tempo,
isto era em 1927, o grande ator tinha com Chaby Pinhei-
ro a melhor companía nacional.

Odilon andou de Seca a Meca atrás do velho Fróes. Ia
do Hotel Avnida — o grã-fino da época — ao Teatro Li-
rico, situado atrás do Hotel, onde é hoje o estacionamento
de automóveis do Tabuleiro da Baiana. Fróes nunca o aten-
dia. Odilon levando o «Macegas», espécie de «Abre-te Sé-
samo» falhado, que não lhe abria as portas do teatro. Até
que um dia... Bem, teve que haver um dia na vida do dr.
Odilon de Azevedo, caso contrário seu nome não estaria
brilhando nos cartazes de hoje.

MINEIRO DE DOIS ESTADOS

Vamos retroceder 18 anos antes de 1927. Já naquêle tem-
po vésperas da crise do café, a fazenda do senhor An-
tenor Machado de Azevedo, às margens do Rio Grande,
era uma das maiores do Estado. Grande criador, as ter-
ras do pai de Odilon se espalhavam por vários municípios,
ligadas a outras de membros da família. Quando nasceu,
Santa Rita de Cássia era disputada por dois Estados:
Minas e São Paulo. Quem nascia no tempo do litigio po-
dia optar por um dos dois Estados. Na hora da certidão,
Odilon preferiu os dois. O juiz olhou por cima dos óculos,
para aquele garôto metido a engraçado, sentenciou: «Mi-
neiro, não discuta»... Fez em Santa Rita as primeiras le-
tras e depois foi cursar o ginásio de Muzambinho. Odilon
confessa que só então leu o primeiro romance, fato que
lhe pareceu extraordinário, pois novos mundos surgiam
de repente em suas mãos, ao tôque mágico de um virar
de folhas. O primeiro romance: «Agulha em palheiro», de
Camilo Castelo Branco: a primeira diversão: Grupo Dra-
mático de Muzambinho, onde tinha o alto pôsto de pri-
meiro ator. Primeiro fiasco: um concurso de poesia na
cidade. As garotas torciam por Odilon, que sempre teve
êsse jeitão simpático de galã. Diziam as pequenas: «Êle
não pode perder. Está acostumado com o palco». O moço
entrou solenemente, recitou o primeiro verso de «O caçador
de esmeraldas», de Olavo Bilac e embatucou. As palvras
estavam mais dificeis de arrancar que as esmeraldas do
Fernão. E foi um fracasso, com chôro, desilusão e uma
amargura sartreana da vida.

ESCRITOR E BACHARÉL

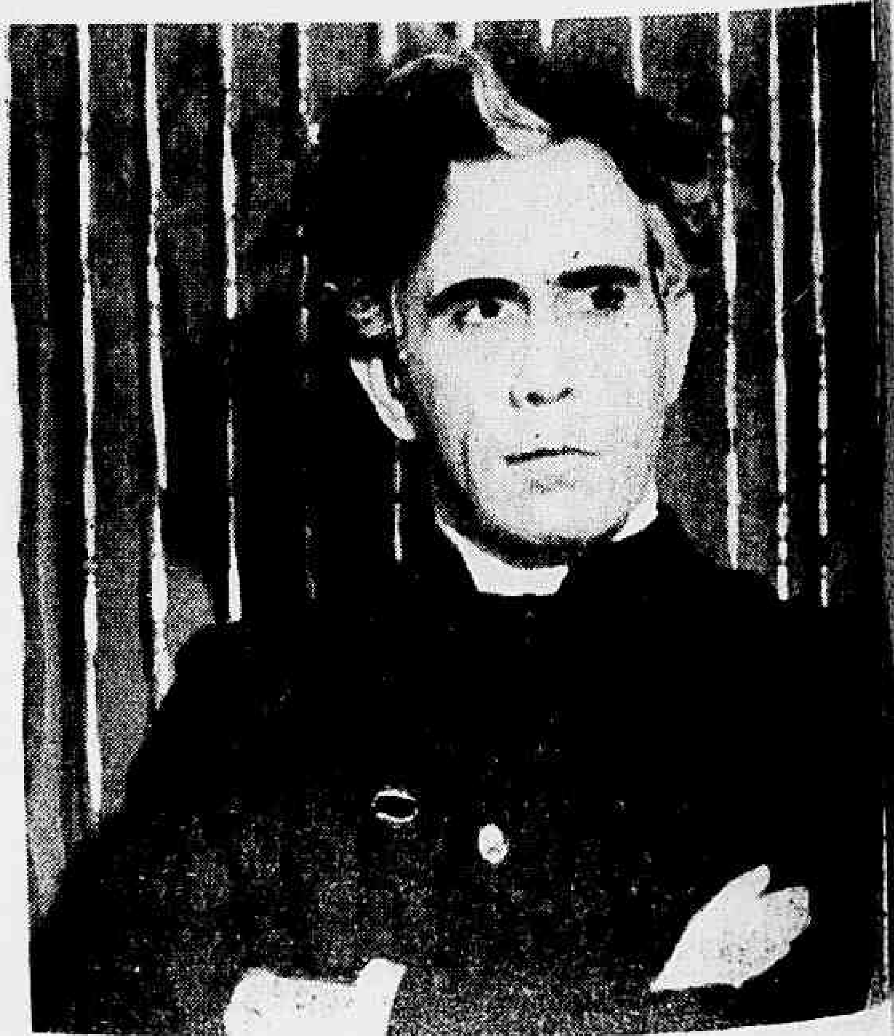
Veio para o Rio, onde se bacharelou em Direito, cur-
sando a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. En-
quanto estudava, escreveu cinco livros, três de contos e
dois romances. «Por ordem de entrada em cena» foram:
«Macegas», contos: A mulher do promotor», romance; «Ca-
sa de cômodos», contos: «O terceiro sexo», romance e
«Ainda existe o amor», também romance.

— Êste último, estilo «jeune fille», foi um fracasso com-
pleto, diz-nos Odilon em seu camarim.

Em compensação, «Macegas» foi uma autêntica vitória.
Êxito no mercado de livros e elogiado publicamente por
Monteiro Lobato, mêstre das nossas histórias sertanejas,
o mesmo têma do livro. Todos os livros foram escritos
durante os seus anos de estudos. Aguns, a pedido dos
editores, cujos direitos autorais eram comprados contra
a entrega dos originais, a dois e três contos de réis.

SEU PRIMEIRO MÉSTRE

Durante as férias, o estudante Odilon voltava para
Santa Rita e dava movimento a um grupo de comedian-
tes. Quando passavam os mambembes pela cidade, Odi-
lon era o cônsul honorário dos artistas, conseguindo mil
e uma facilidades da Prefeitura. Chegou ao cúmulo de
arranjar o lugar de secretário da Câmara Municipal para
o veterano ator Marcílio Lima, cuja companhia se dissol-
veu naquela cidade. O velho Lima nas horas de folga
fundou com Odilon o «Grupo Nina Sanzi»; sucesso na re-
dondeza. Odilon confessa-nos que teve em Marcílio Lima



NO REVERENDO DAVIDSON, em «Chuva», de Sommerset Maughan, que agora foi representar com Dulcina, em um teatro de Buenos Aires.



VEIO PARA O RIO ainda garôto, bacharelou-se em Direito, cursou a Faculdade, escreveu dois romances e três livros de contos, e acabou no teatro. Foi Mário Nunes quem o apresentou a Leopoldo Fróes.

seu primeiro mêstre na arte de representar, mêstre inculto é verdade, mas que sempre conhecia alguns segrêdos do palco para transmitir ao discípulo.

Quando voltava ao Rio vinha com o espírito transtornado pelas peças que levavam em Santa Rita e já com o pensamento de tornar-se ator profissional. Enquanto o sonho não se realizava, ganhava uns valecos na redação de «A Manhã», de Mário Rodrigues. Um dos companheiros do reporter Odilon era Renato Viana, já famoso naquela época como autor — 1927 — e que andava às turras com Leopoldo Fróes.

(Cont. na pág. 48)



EM «O PIRATA», de Behrman, papel inteiramente outro, com nuances de forte romantismo, espírito de aventureiro irresistível.



NO PROFESSOR JACINTO de «As Solteironas dos Chapéus Verdes», de Acremeut, uma figura de composição tragi-grotesca.



NO PAPEL DE SCHUBERT, em «Sinfonia Inacabada», de Alejandro Casona, o mesmo autor de «As árvores morrem de pé», em cartaz.

A 4ª. ALEXANDRINA

Conto de VICENTE C. DE CARVALHO

O diretor do Hospital Santa Maria estava naquela tarde em seu gabinete quando uma enfermeira veio cientificá-lo de que um senhor desejava falar-lhe. Introduzido o cavalheiro, que vinha acompanhado de duas senhoras, o diretor delicadamente dispôs-se a ouví-lo, depois de instalados comodamente no grupo estofado, que dava à sala moderna um aspecto aristocrático.

— Sou pai da enfêrma do apartamento 8 — começou o visitante, em quem se notava certo embaraço.

— Muito bem, prazer — tornou amável o diretor.

— Aqui — disse, designando as senhoras — minha espôsa e filha; é para satisfazê-las que lhe venho falar...

— Estou ao seu inteiro dispôr — acentuou o diretor . — Sei que o estado geral de sua filha é satisfatório para a operação de amanhã; está tudo correndo bem.

— Nem tudo, doutor, por isso venho fazer-lhe um pedido: estamos contando com uma desvantagem fundamental.

— Não compreendo — disse soridente o diretor.

Depois de buscar a frase menos crua o cavalheiro declarou:

— A doente não confia no médico operador.

O diretor do hospital interrompeu seu sorriso, ergueu a cabeça interrogativamente, e, após breve reflexão, voltou a sorrir serenamente, indagando em seguida a causa da desconfiança. Agora, livre do embaraço inicial, alentado pela atitude acolhedora e atenciosa do diretor, as palavras do cidadão eram fluentes, desenvolvia o assunto num cascatear de argumentos e razões, concluindo por pedir a substituição do cirurgião, única maneira de anular as apreensões da enfêrma e da família. A mãe da doente também falou, lacrimosa e aflita; disse que tinha um mau pressentimento, perdera o sono e a calma, a ela cumpria tudo fazer pela vida da filha. Talvez fôsse falsa a impressão, mesmo simples antipatia, o operador não tinha culpa de não lhes haver caído no agrado, o diretor desculpasse, era, talvez, excesso de zêlos maternais, mas a troca de médicos se impunha, dizia, limpando os olhos molhados com a manga do vestido.

A filha contara-lhe, receiosa, que, na véspera, o operador depois de dar uma *escandalosa gargalhada* no corredor, apareceu no seu apartamento *em mangas de camisa*.

— E camisa rasgada — esclareceu sua filha.

Depois, com um *cigarro na boca*, perguntara se a doente estava preparada *para entrar na faca* e, vendo sua expressão natural de abatimento, dissera secamente que *implicava com doente medrosa*. Fôra essa a *visita* do médico!

O pai declarou que estava presente no 1.º dia, quando o dr. Cássio apoiara um pé na mesinha de cabeceira da enferma para atar o cordão do sapato, tendo dado, à saída do apartamento, *uma palmada na enfermeira*, num flagrante desrespeito ao local, à enfêrma e à profissão. Por tudo isso parecia impossível que médico tão prosaico pertencesse ao corpo médico do mais conceituado estabelecimento de saúde da cidade! Havia mais: naquela manhã, por ocasião da visita, o dr. Cássio fizera a jovem estremecer de mêdo, quando lhe examinava o coração; enquanto retirava o estetoscópio dos ouvidos exclamara alarmando-a: "Rifa-se um coração!" Em seguida, num tom de chocante zombaria, juntara irreverente: "Cuidado, menina, nesta cama já morreram 7!" Tudo isso na véspera da operação!

— Além de tudo, senhor diretor, na conversa rápida que tivemos há dias, à qual o médico deu pouca atenção, disse-me que, às vêzes, a mesa de operação é *o limiar da morte!*

De braços cruzados sôbre o peito, o diretor ouviu atento tôdas as queixas; depois, ajeitou os óculos, corrigiu sua posição na poltrona, aproveitando o gesto para, disfarçadamente, descer mais uma perna da calça sôbre o sapato, porque estava com a meia rôta, e recomeçou a falar. Compreendia perfeitamente as apreensões da família, em face dos fatos apontados como irregulares e que tornavam o facultativo tão antipático; porém, deviam estar tranquilos, tratava-se de excentricidades do dr. Cássio, conhecia-o bem, trabalhavam juntos havia 10 anos; aliás, as excentricidades eram do homem, não do médico ilustre. Como profissional e operador era integro; conhecia dele verdadeiros milagres, feitos impossíveis. Cássio era, além disso, professor da Faculdade, dos mais brilhantes, não conhecia outro igual, por isso conservava-o apesar de perceber suas maneiras singulares, reveladas depois de um noivado malogrado, havia 6 anos. Depois dêste vivia assim, ora melancólico e distraído, ora eufórico e frívolo. Podiam estar certos de que a enfêrma tinha à cabeceira um grande médico, protetor e amigo; aquela impressão passaria e tudo estaria bem; deviam confiar, êle se responsabilizaria; ao bom nome do estabelecimento estavam ligadas, escritas com letras de ouro, as intervenções cirúrgicas realizadas pelo dr. Cássio. No caso, os meios não tinham importância, o que interessava era o fim, a operação; aquêles fatos nada influiriam no bom têrmo da tarefa.

Achava o diretor que não devia, para não ferir a ética profissional, nem podia, por falta de motivo justo, fazer substituir o dr. Cássio na véspera da operação. Todavia, se não autorizavam o trabalho, respeitava os cuidados do dono da enfêrma; salva a responsabilidade do hospital, poderiam levá-la a outra casa de saúde. Isso, entretanto, era perigoso e podia criar um caso de imprevisíveis conseqüências; a operação era urgente, a moça sofrera uma quéda arriscada, quando jogava tênis e estava com o fígado sèriamente ameaçado. Falava como médico; a intervenção seria delicada, todos sabiam, o operador, melhor que todos. Havia ainda um pormenor vantajoso a considerar; a operada teria o cirurgião a sua disposição durante a noite, pois o dr. Cássio estaria de prontidão na noite seguinte, era uma coincidência favorável.

Parece que as ponderações do diretor causaram aos circunstantes o mesmo efeito de um jato de ar sôbre a brasa dormida de suas esperanças agonizantes, porque o cavalheiro até sorriu, quando êle se levantou e deu a entrevista por terminada, concluindo:

— O transporte da jovem, agora, para outro hospital, insisto em acentuar, seria um crime. Deixem-na sair, feliz, com seus próprios pés, completamente sã.

Todos se entreolharam confiantes, reafirmaram a autorização e saíram. O diretor do hospital ficou pensativo; também êle não concordava com aquêle procedimento de Cássio. Que transformação seria aquela? Que era feito de sua antiga austeridade? Não restava dúvidas de que o rompimento do noivado fôra o grande mal que lhe modificara os hábitos tão apreciados por todos. Era pena! Talvez viesse até a perder aquela linha e dignidade de médico de valor, tornando-se um tipo aparentemente vulgar... Seria realmente o princípio de inexplicável degradação? Não tinha coragem de dizer ao colega que aquêle comportamento comprometia e era impróprio de um médico, impressionava mal os estranhos. Era lamentvel !

Fôsse como fôsse, o diretor tranquilizara a família da enfêrma e estava intimamente tranquilo; tivera o cuidado de não mencionar os casos curiosos, profundamente desoladores, das duas Alexandrinas...

No dia seguinte, às 8 horas e 30 minutos, chegava o dr. Cássio ao hospital. A operação estava marcada para as 8 horas. A família da enfêrma esperava o cirurgião, cheia de ansiedade e angústia. O facultativo saltou do automóvel, rindo-se muito, em companhia de dois colegas aos quais enlaçava pela cintura; haviam contado uma anedota... Trazia *um palito num canto da boca* e tinha *as calças arregaçadas* porque chovera muito, chuviscava ainda. Ninguém diria que o levava ali a missão importante de um operador. Péssima impressão causou à família da jovem do apartamento 8, que o interpelou no saguão do edifício. Sua atitude desenvolta, *o casaco aberto, a gravata torta*, o atraso, enfim, tudo agigantava a repulsa inicial. Certamente era um charlatão inconsequente, um debochado, carniceiro vulgar, a quem a infeliz jovem fôra entregue! Que displicência no cuidar da vida alheia! Lacônico, o aventureiro negava ao representante da família sua presença ao lado da paciente, na Sala de Cirurgia! Achava um absurdo; poderiam assistir, todos, de fora, pelo vidro do "aquário". Como o pai da enfêrma lhe pedisse uma palavra sôbre a gravidade do ati, respondera-lhe que *não havia de ser nada, já tinha palado cêrca mais alta!* E foi-se pelo longo corredor, *assobiando*, sem preocupações nem cuidados, entrando a rir no seu gabinete cuja porta com violência, *servindo-se de um pé*.

Cinco minutos após, os parentes da paciente viram pelo *"aquário"* que o carrinho-transporte penetrava na sala de operações, conduzido por três enfermeiros e pelo médico anestesista. Colocada sôbre a

(Continua na p. [illegible])



Ilustrou OSWALDO DA CUNHA



LUIZ GONZAGA, o homem que canta com lágrimas na voz, criador do Baião, lançou últimamente «Cintura de Pilão», ou «Cintura Fina». Nesta foto aparece o grande intérprete sertanejo, medindo a cintura de uma fã

"EU VOU MOSTRAR PRA VOCÊS"...

COMO SE DANÇA O BAIÃO

DIZ LUÍS GONZAGA: "E' FÁCIL DE SE CANTAR E GOSTOSO PARA SE DANÇAR" ★ COMO VENCEU O INTÉRPRETE DE "JOAZEIRO" ★ AS PREVISÕES SÔBRE ÊLE E AS DIFICULDADES ENCONTRADAS ★ LONGE DE SER CÔR DE ROSA O CAMINHO DA GLÓRIA ★ RECRUTA, CORNETEIRO, E AGORA, FINALMENTE, UM GRANDE ARTISTA

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

Fotos de WALTER MORGADO

TEMPOS atrás, o cronista radiofônico do vespertino "O Globo" escrevia o seguinte: — "Quem é Luiz Gonzaga? — perguntará muita gente. Aqui estamos para esclarecer. Trata-se de um jovem cantor de emboladas, quadras caipiras, motivos populares, que se apresenta dono de uma voz clara e simpática, fazendo irradiar, com uns versos engraçados, uma boa dose de otimismo.

Ouvindo-o, nós o imaginamos um rapaz bem alimentado, sem preocupações, sem contas a pagar, cantando por prazer, para cair nas graças do público — e mais nada.

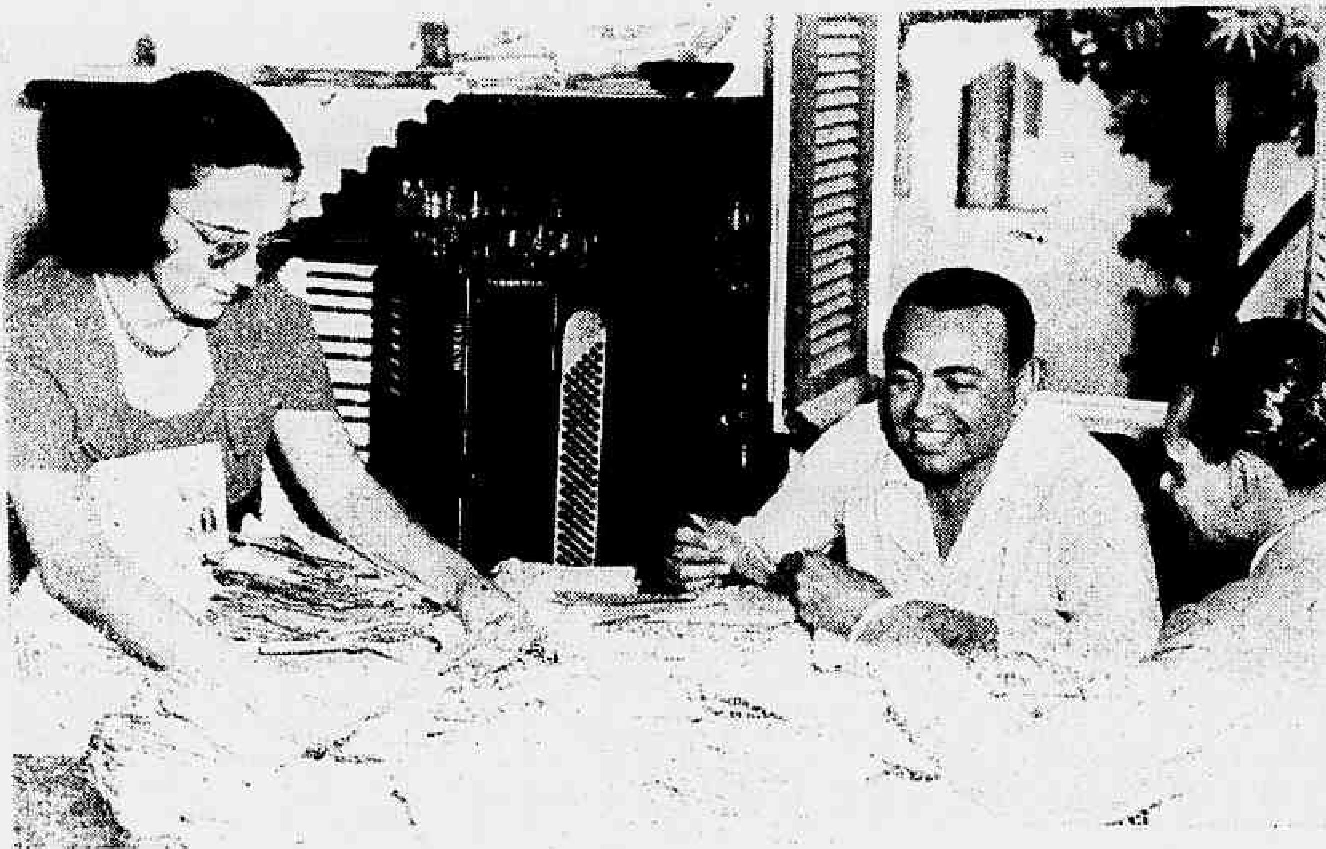
Mas os versos que êle canta, têm sempre uma história engraçada a relatar, e quando não são engraçados, encerram seu bocado de filosofia, daquela que fêz consagrar a memória de Noel Rosa.

Ou nos enganamos, ou êsse cantador da Nacional vai fazer época. Dêle ouvimos uma noite destas "Pão Duro", de sua autoria, e, duvidamos que alguém o faça sem cair na simpatia do homem..."

De fato, o previdente cronista não se enganou. Luiz Gonzaga fêz época e venceu de ponta a ponta.

..."Mas os versos que êle canta têm sempre uma história engraçada... e encerram um bocado de filosofia..." Por quê?

Porque é sentimental. E o sentimentalismo é peculiar à raça brasileira. Luiz Gonzaga é um simpático mestiço, onde se nota acentuadamente características antropológicas do português, do índio e do africano — as três raças que, em fusão, deram origem à brasileira.





CARTAS, MUITAS CARTAS! Nem mesmo o mais importante político recebe tanta carta. E todas são respondidas pontualmente, disse-nos a espôsa-secretária do acordeonista. A direita: sendo profundamente humano e profundamente sensível, Luiz Gonzaga gosta muito de aves e animais. Aqui o vemos com o seu papagaio favorito.



NO BRASIL INTEIRO não há quem não conheça Luiz Gonzaga e os acórdes da sua sanfona bonita. Do mais simples cidadão ao mais taciturno magistrado, todos, gostam de ouví-lo. Nêste flagrante vemos o Presidente Dutra dizendo: — «Quer tocar «Joazeiro»?». Ao lado aparece o cantor com o harmônio que o celebrizou.

Os verdadeiros artistas, os verdadeiros talentos, que cedo ou tarde se revelam, trazem estigmatizados na alma o caldeamento da ambição do português com a escravização do negro e o domínio do índio.

As nossas canções folclóricas, as cantigas de nossa gente, e as histórias de ninar que nossas avós ainda hoje cantam, têm um sabor dolente... um quê de ternura indescritível.

Luiz Gonzaga sempre gostou de ouvir essas histórias fantásticas e cheias de aventuras. Lá em Exu, sua terra natal, ficava ao luar a ouví-las, enquanto o sr. Januário, seu pai, tocava sanfona. Nascera a 13 de dezembro de 1912. Sendo filho de roceiros, daquela gente simples do interior, criou-se à sôlta, ao sol daqueles sertões, fortalecendo o físico e a vontade ante a grandeza do céu luminoso e das matas misteriosas. Aprendera com o pai os segredos das matas, a maneira de derrubar um caroàzeiro, de pegar um boi tresmalhado e assim, como vaqueiro e caroàzeiro, ao sol e à chuva, ia crescendo o garôto.



NO QUINTAL de sua casa aparece o intérprete de «Vira e Mexe», em companhia de sua espôsa e sogra, examinando os recém-nascidos filhos de «Aza Branca» cadelazinha de sua estimação.



MEU DEUS QUE DÔR! Também, você Luiz é sanfonista e não carpinteiro. Largue o martelo e apanhe o «fole»! Pode ser que lá em Exu você já tenha trabalhado nisso, mas agora os seus dedos valem muito!





"EU VOU MOSTRAR PRA VOCÊS..."



DECIDIDAMENTE, Luís Gonzaga é o maior cantor da atualidade. O disco
dade, e, sobretudo, o fundo moral das músicas que canta, muito cont[illegible]ra
"Apanhei-te Cavaquinho", "A Volta da Asa Branca", "Que nem Gilóias t
de Luís Gonzaga tornou-se um fato com a criação do Baião. Interp[illegible]ão
era preciso revolucionar. Assim pensou Luís Gonzaga, e assim o f[illegible]tá
do Baião ensinando as senhoritas Sydnea Thees e Luzia Matos como [illegible] Ba
Que se mire nesse exemplo as espôsas ciumentas.

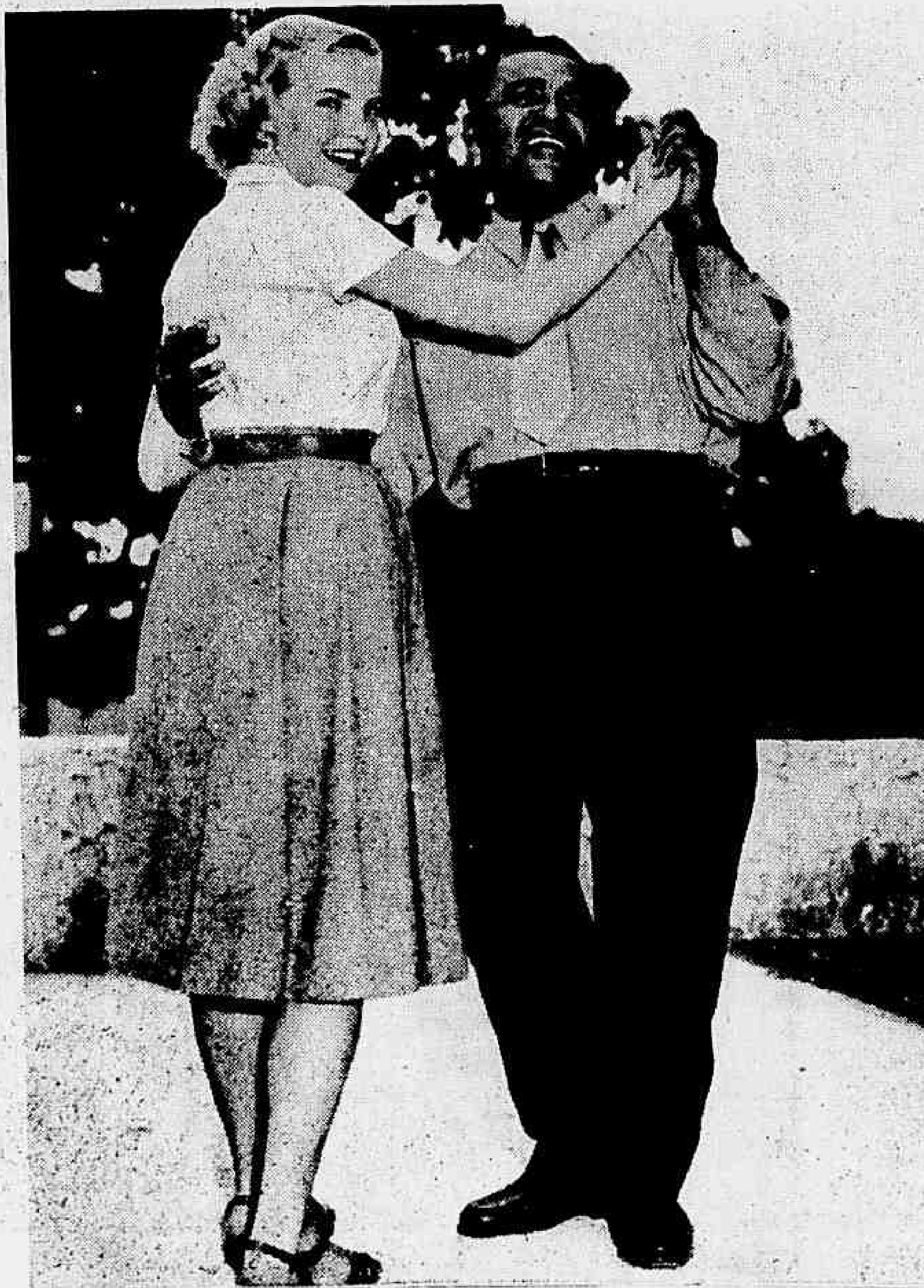
Nos serões ao luar ouvia sempre as histórias fantásticas, para o seu pensamento de sertanejo, da vida das grandes cidades, dos prazeres e diversões que nelas havia...

Os recursos da familia e o meio em que vivia não lhe proporcionavam nenhum confôrto; nunca soube o que fôra um "brinquedo bonito", como os que usam, comumente, os meninos ricos. Nunca pôde, ao menos, tirar um retrato, na sua infância, pois na região, não havia "retratista". No entanto, conhecia bem "madeira de lei". Usava muito o "pereira" e a "carne de vaca" para fazer bodoque e matar passarinho. Gostava de apanhar tanajuras, de pescar, de "furar abelha" e apanhar melancia na roça. Nas fazendas próximas, "ia de pés descalços, camisa aberta ao peito, correndo pelos campos atrás das borboletas azuis".

E assim cresceu. Aos 8 anos de idade começou a aprender a manejar o instrumento que tôda a familia toca. Acompanhava o pai às festas. Ouvia os desafios, os duetos e as toadas sertanejas. E assim ia apreciando tudo... ia armazenando emoções.

A SAUDADE MATA A GENTE...

Um dia resolveu partir em busca de aventuras. A exemplo do que lhe contaram, quando criança, queria, agora, também, ter a sua própria história. E partiu... para depois repetir: — *a saudade mata a gente... morena!* Em chegando a Fortaleza, Luiz Gonzaga sentiu saudade. Uma saudade danada. Em Exu haviam ficado o sr. Januário, seu pai; D. Sant'-Ana, sua mãe; as suas irmãs: srtas. Muniz, Socorro, Geni e Francisca, e os irmãos: Severino, José e Aloisio. E uma cabocla bonita que fôra a sua primeira fã. Era a primeira vez que saia de casa. Pois nem mesmo a capital do seu Estado — Pernambuco — conhecia. A saudade aumentava. Quis voltar. Mas como? O dinheiro que trouxe mal deu para a passagem de vinda. Os dias foram se passando e a situação agravando. Finalmente, teve uma idéia salvadora: — sentar praça. Entrou para o 23º Batalhão de Caçadores. Como o seu desejo era viajar,









idade. Odiscos esgotam de um dia para outro. A sua atitude franca, a sua simplici-
ito contara o seu sucesso. Poderíamos citar aqui os seus grandes sucessos como
em Gilólas tudo isso foi apenas o prólogo de uma grande carreira. A consagração
. Interpretação bastava... era preciso criar... era preciso lançar coisas novas...
m, o fêz... está o Baião — a coqueluche do momento. Nestes flagrantes vemos o criador
como seu Baião. A sua espôsa — sra. Helena Gonzaga — toca para o marido dançar.



conhecer, quando se tornou "recruta escolado", pediu transferência para o 12º R.I. de Belo Horizonte, onde estêve até a revolução de 32. Depois, andou passeando por Mato Grosso, Juiz de Fora, São João d'El-Rei e Ouro Fino. Nesta cidade mineira esteve 9 anos como corneteiro.

O ORFEU DE OURO-FINO

Luiz Gonzaga procurou sempre demonstrar a sua sensibilidade... o seu sentimentalismo, a que nos referimos antes. Conta Brasini que êle tocava tão bem sua corneta que chegaram a dar-lhe o honroso apelido de "Bico de Aço". "E tinha suas fãs no lugarejo!"

Dia de serviço do 122 era dia de festa para os ouvidos da vizinhança. Recebia, como qualquer artista de rádio, os seus pedidos escritos e verbais:

— Escuta aqui, 122... A Marocas brigou com o namorado. Toca hoje um silêncio bem sentido, sim?...

E já sabe: fiel aos seus ouvintes espontâneos, Luiz Gonzaga derramava litros de doçura num "recortadíssimo" toque de silêncio. A corneta chorava notas trêmulas... E o plangente anúncio pulava os muros da unidade, espalhava-se pelas ruas, pelas praças, pelos campos, adoçava os olhos tristes de Maroca e embriagava de saudade os ouvidos indiferentes do jovem namorado...

Eram dez horas da noite; às dez e quinze, passavam os dois, braços dados, pela porta do quartel, sorrindo agradecidos ao sentinela, bendizendo a existência do Exército e do seu corneteiro providencial.

Orfeu de corneta, botas, capacete e verde-oliva. Certa noite, quando muitas eram as encomendas românticas, "Bico de Aço" soprava o próprio coração num "silêncio" de virtuose. Os olhos fechados em êxtase...

Abriu-os diante do oficial de dia, um tenente novo na corporação.

— Que é isso que o senhor está tocando?

— E' silêncio, meu tenente.

(Cont. na pág. 48)

nicodemus LAVA AS MÃOS ANTES E DEPOIS DO

CRIME

ERA
INCERTA MOCINHA
DOS SEUS DEZOITO ANOS.
DEI EM CIMA DELA
FALANDO NOUTROS ASSUNTOS
SEM AFOBAÇÃO
COM A CALMA DA AGUA DAQUELA HISTORIA
QUE TANTO BATE EM PEDRA DURA ATÉ QUE FURA...
E LOGO NO PRIMEIRO MOMENTO
ELA
SE
ENTREGOU...
FIQUEI SURPRESO, PARADO MOMENTANEAMENTE MAS, VERDADE,
ELA SE ENTREGARA ASSIM MESMO, SEM MAIS
NEM MENOS...

E SENTINDO A CORRUPÇÃO DE UM ESPIRITO
TÃO MOÇO, QUE SABEDOR
DE MINHAS INTENÇÕES
MAIS CLARAS
SE ENTREGARA
SEM
LUTA...



...SEM AO MENOS
SE FAZER DE DÔCE,
SE ENTREGARA
PELO SIMPLES PRAZER
DO PRAZER,
PELA MORAL

EU A
MATEI!..

... DE
BEIJOS ...



NOVELA DE J. M. BARCALA

DURANTE alguns anos trabalhei como viajante de uma fábrica de adubos e, nesse mister, percorria o litoral do Rio Grande do Sul. Do itinerário fazia parte um lugarejo perdido nas margens da Lagoa dos Patos, tão pouco povoado que, da única pensão ali existente e onde dormiam os raros viajantes em trânsito, não se via sombra de habitação. Cheguei duma feita já ao entardecer, apressei-me a reservar quarto, e saí a visitar meu único cliente nas redondezas. Anoitecia quando regressei; um companheiro de viagem esperava-me para o jantar. Sentei-me a seu lado e iniciamos a refeição. Mal o fizemos chegaram mais dois hóspedes, que tomaram lugar à nossa frente, na mesma mesa. Um dêles, já idoso, tipo de estrangeiro, olhos azuis, cabeça rala, e zigomas protuberantes de eslavo; o outro, que nas maneiras se revelava pessoa de trato, era jovem e moreno, de cabelos negros bem penteados e olhos castanhos, olhos que despediam uma doçura feminina contrastada pela masculinidade de sua barba preta por fazer. Meu espírito comercial levou-me a encetar palestra e, dali a pouco, conversávamos em ampla camaradagem. A digressão girou em tôrno das riquezas naturais do Brasil; derivou, depois, para as dificuldades que os agricultores, plantadores de arroz, experimentavam no processo de financiamento de suas lavouras.

O homem dos olhos azuis fêz menção às lagartas que devastavam os arrozais, e eu, que sempre nutri um ingênito horror às cobras, manifestei minha admiração pelo destemor dos cortadores de arroz, descalços ou de chinelos, arriscando-se aos botes dos ofídios entocados nas plantações.

— Deviam inventar um meio de acabar com as cobras — sugeri.

— Por quê? As cobras são úteis! Como todo animal da criação, elas têm uma função natural — observou o moço moreno dos olhos azuis. — Devoram sapos, bichos daninhos e outras pragas que arruínam as lavouras...

— Sim. Mas muita gente por aí morre de picada de cobra! — contraveio meu companheiro.

— Nada disso! As cobras não molestam ninguém, a menos que sejam atacadas.

— Isso é verdade — assentiu o homem dos olhos azuis. — Dizem até que quem não maltrata cobras não é perseguido por elas... Será verdade que quando mata uma cobra, e a companheira dela a encontra, sai à procura de quem a matou?

— Sei lá! A humanidade gosta de lendas... Quem brinca com cobras e não as maltrata nada deve temer delas. Lido com cobras há cinco anos, e nada me aconteceu até hoje — informou o moço moreno.

— Venenosas?! — saltei, aparvalhado e enojado.

— Venenosas e não venenosas...

Arrepiei-me só em saber que aquêle jovem tão bem apessoado manuseava êsses animais frios e peçonhentos que são as cobras.

E êle desfiou uma longa história sôbre cobras. Estivera em Mato Grosso, onde vira sucuris gigantes com o bucho cheio, a boiar nas lagoas. Mencionava as cobras por seus nomes e características, côr do ventre, tipo de escamas, colorido, desenho do dorso, forma da cabeça. Possuía, de fato, conhecimentos sôbre ofídios.

— O senhor é médico? — arrisquei.

— Não, senhor. Topógrafo.

— Não leve a mal minha curiosidade — mas por que se dedicou tanto ao estudo das cobras?

— Circunstâncias da vida, ou melhor, da profissão.

— Acredita o senhor na existência de encantadores de serpentes, de pessoas que dominam cobras?

— Sim. Eu, por exemplo, carrego algumas que me obedecem cegamente. Estão aí fora, no carro. Posso mostrá-las, se quiserem...

— Não, não, obrigado! Não suporto cobras! Causam-me mais repugnância que mêdo! — atalhei.

— Logo vou trazê-las para o quarto. A chuva e o frio lhes fazem mal... Nada temam, porém; nada acontecerá. As cobras não nos fazem mal; devemos temer é aos homens.

O jantar prosseguiu, e durante êle só se falou em cobras, sapos, jacarés, mosquitos, batráquios, répteis, e ofídios em particular. Eu me sentia indisposto até, tais eram os detalhes e vivacidade com que o moço conduzia a narativa, mas curioso por saber o que êle conhecia sôbre jibóias, sucuris, cascavéis, jararacussus, fazia-lhe perguntas cujas respostas só poderiam enojar-me ainda mais; maquinalmente, eu mesmo procurava o fantasma que me aterrava.

Ao deixarmos a mesa, êle convidou-nos para irmos ao seu quarto.

— Se não se importarem, vou mostrar-lhes uma coleção que me acompanha — observou.

Não imaginei uma coleção de moedas, selos ou porcelanas; esperava ver objetos de uso dos nossos silvícolas.

— Eu também tenho uma coleção de armas antigas... — informou meu companheiro. O moço interrompeu-o.

— A minha é de dentes de onça, espinhas de cobra, prêsas de porco-do-mato, guisos de cascavéis, mosquitos, borboletas gigantes e algumas peles de cobra. Tenho até o couro duma sucuri... Encontraram-na enroscada num bezerro, com duas pacas no papo, quando a mataram.

Tudo quanto aquêle moço bonito dizia tresandava a movimentos vagarosos de serpentes traiçoeiras ou ao odor pestilencial dos charcos e pântanos. Mas sentia-me atraído, cada vez mais, pelo que de horrendo havia em suas histórias. E, ao vê-lo alisar algumas das peles de cobras, tão ciosamente guardadas, ou mostrar os guisos das cascavéis e outros troféus de suas incursões ao interior do Brasil, me convenci do exagêro de meus arrepios só de ouvir falar nas rastejantes conselheiras de Eva.

(*Cont. na pág. 47*)

O AMIGO DAS COBRAS

A VIDA DE FRANCES E. WILLARD

1839-1898

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

ESTAVA havendo uma "luta indiana" no quarto de brincar. As duas meninas, Frances e Mary, tinham erguido uma estacada de cadeiras e estavam se defendendo contra um "bando" de selvagens, composto de dois guris e um cachorro. A luta corria desfavorável para as meninas, quando de repente Frances teve uma idéia luminosa. Deu um pulo até a despensa, e voltou com um pedaço de costela magra.

— Aqui, totó, pega essa carne e para de brigar.

O cachorro "atendeu à razão" e bandeou-se para o lado das meninas. As defensoras ganharam a batalha graças a um sábio golpe estratégico.

Dessa maneira agiu Frances Willard durante sua vida. Conciliação de preferência à disputa. "Pega essa carne e para de brigar". Seu princípio era que se devia antes conquistar o inimigo do que derrotá-lo.

II

Passou a infância abrindo caminho para o Oeste, com seus pais. Quando ela nasceu, o pai era gerente de uma loja em Churchville, Nova Iork. Dois anos mais tarde, entretanto, adveio o pânico de 1837, e seu pai ficou sem ocupação. Resolveu levar sua família para Ohio, onde esperava ingressar no Oberlin College — já tinha mais de quarenta anos — e se preparar para a vida eclesiástica. Nada era difícil demais, e nunca era tarde demais, para a família Willard.

— Vocês sabem, o nome *Willard* significa *he who wills*. (*).

Assim, aboletou sua família num carro com tolda e partiu para uma nova vida no Oeste. Frances ia de envolta com um montão de roupas de cama, no alto da escrivaninha do pai.

A princípio foi um grande divertimento para Frances aquêles solavancos sôbre os calombos da estrada, e aquêles saltos para a frente e para trás, entre a escrivaninha e o teto do carro, como uma bola de borracha. Mas depois de algum tempo já não era tão divertido.

— Mãe, o vestido da mana está me machucando!

A mãe, com um sorriso, observou ao marido:

— Repara só a pequena, Josiah. Ela já sabe que não é a sua verdadeira personalidade, mas seu invólucro mortal que sofre.

E êsse "invólucro mortal" dela estava destinado a sofrer ainda, antes que sua família pudesse estabelecer-se. Após poucos anos de estudo em Oberlin, Josiah Willard pegou uma tuberculose.

— Vida ao ar livre — ordenou o médico. — Para o Oeste.

Outro arrastão de carro rumo ao Oeste, uma jornada de três semanas com descanso nos domingos, e em seguida armaram barraca num morro sobranceiro a Rock River, em Wisconsin.

Aí Josiah construiu uma casa, lavrou a terra, fortaleceu-se e prosperou. E criou seus três filhos; dois outros "tinham entregue suas almas a Deus". O lugar em que viviam era uma beleza. "Os montes erguiam-se nas cercanias à direita e à esquerda; de ambos os lados havia matos de carvalho e de nogueiras; uma floresta em miniatura de coníferas quase ocultava a cabana da vista dos passantes... Através da espêssa e luxuriante vegetação arbustiva havia veredas sem direção certa e que se extraviavam na brenha, tentando os pés dos curiosos a palmilharem seu misterioso recinto".

E os pés de Frances, a quem seus pais chamavam de Frank, estavam realmente tentados pela curiosidade. Ela era uma aventureirazinha atrevida. Não se preocupava com os afazeres caseiros. Gostava sempre de explorar o "deserto" que circundava a casa; de carregar sua cabra com merenda para piquenique e sair como "pioneira" pela pradaria, aquêle mar de grânulos dourados que se estendia além do horizonte.

Ela viera de lá do horizonte. Que mundo grande, cheio de lugares atraentes e gente interessante! Viveriam tôdas as pessoas em casas, como ela e os seus? perguntava-se, admirada. Casas em que os pais eram bastante rigorosos, sem dúvida, mas tão bondosos no seu rigor? "Obedece aos pais e fala a verdade", essa era pràticamente a única norma pela qual se guiavam. Casas onde havia risos, travessuras, cantos, bolos de aniversário e pudins de dia de festa. Casas repletas como a sua — lembrava-se das palavras freqüentemente empregadas pela mãe — "com a paz de Deus e o amor da humanidade".

Quando mais crescida, aprendeu dos pais, que *nem tôdas* as casas eram como a sua. Nalgumas delas, em muitíssimas delas mesmo, havia carestia e miséria à bessa.

— E qual é a razão disso?

— Muitas são as razões — respondeu-lhe o pai. — Cupidez, desonestidade, egoísmo, vícios, trapaça e canalhice, e a maldição das bebidas alcoólicas.

A maioria dêsses têrmos pouco significava para Frank. Um deles, porém, ela compreendeu: bebidas alcoólicas. Certa vez vira um empregado agrícola que sofria dêsse mal. Um mal *terrível*. Transformava um homem num porco. Seu pai falara sôbre isso aos filhos. Pedira para que "firmassem uma promessa". E todos os três — Oliver, Frank e Mary — tinham assinado os nomes numa página em branco da Bíblia da família, bem debaixo do juramento. Uns insterssantes versinhos, que afinal tinham bastante sentido:

Para matar a sêde sempre beberemos
Água fresca e boa do poço ou da nascente.
Assim que aqui aversão perpétua prometemos
A tudo que é bebida que envenena a gente.

No que tocava ao presente, entretanto, ela estava interessada em outros assuntos. O trabalho na fazenda. Alimentar as aves, apascentar as ovelhas, encilhar a petiça. E cuidar das suas "bonecas vivas": perus, cabras, bezerros, potrilhos, pavões, e seus dois coelhos de estimação, Bonito e Brilhante. E ler livros. *Êsse* era o melhor passatempo de todos. Sua mãe ensinara-a a ler

— Que queres dizer, filha?

— Faço dezoito anos hoje; agora sou uma moça de juízo. E o senhor sabe, uma moça de juízo pode fazer o que quiser.

Seu pai estava disposto a tirar-lhe o livro, mas ela o olhou com olhos sorridentes.

— E' uma história muito interessante, pai. Não a leu?

Mr. Willard acompanhou-a no riso.

— Quero crer que *sejas* uma moça deveras, Frances. E um rebento que não nega o tronco de onde vem!

III

Frances Willard orgulhava-se de ser mulher. "Depois de ser anjo", dizia ela, "o maior dom de Deus é ser mulher". Todavia se irritava contra a indignidade do seu sexo, assim como se ufanava da dignidade dele. "Quando meu irmão se fêz homem", escreve ela, "foi com meu pai votar. De pé junto à janela, vi quando êles se afastaram... e senti uma dor estranha no coração, e me vieram lágrimas aos olhos. Viran-



Frances E. Willard

e escrever: fôra uma mestra-escola antes de casar. Que mundo de aventura havia nos livros! As andanças de Enéias, os apuros do Antigo Marinheiro, o passeio de John Gilpin, as brincadeiras de Falstaff e de Sir Belch. Mas novelas, não. "Romances de ficção não calham bem para meninas", dizia Mr. Willard.

Mas um dia chegou a emancipação de Frances, há tanto tempo esperada. Ela comemorava seu décimo oitavo aniversário. Seu pai estava trabalhando no campo. Quando voltou para casa ao anoitecer, encontrou a filha sentada na cadeira de balanço da mãe, lendo descansadamente o *Ivanhoe* de Scott.

— Acho que já te disse que não lesses romances, Frances!

— Sim, pai. Mas o senhor esqueceu que dia é hoje.

do-me para a minha irmã... eu disse: — Não achas bom que a gente possa ir com êles quando fôr grande? Nós também não amamos nossa terra como êles? — E a sua vozinha assustada esganiçou: — Está claro que sim... Mas não devemos contar a ninguém: seríamos chamadas de *voluntariosas!*"

Essa era a diferença entre Mary — entre *tôdas as mulheres* — e Frances Willard. Outras tinham mêdo de parecer voluntariosas. Mas Frances não.

Frances não tinha mêdo de nada. Quando, juntamente com a irmã, entrou no Northwestern Female College, foi tratada pelas colegas de "pretensiosa". Mas sua "pretensão" era simplesmente uma combinação de aberta franqueza e de sobranceira arrogância para dissimular o embaraço estampado na sua aparência rústica.

Porque a aparência dela, como lhe disse sem rebuços uma de suas condiscípulas, era decididamente "caipira". Da mesma forma seu traje. Mas notava-se nela uma atitude agressiva, que lhe servia de ornamento. Um dia uma jovem comentou que o gorro vermelho que estava sôbre os cabelos avermelhados dela era "um tanto berrante". Frank derrubou-a imediatamente e a fêz "engolir" suas palavras.

Seu cabelo ruivo, que nos últimos anos adquiriu uma linda côr de acaju, era uma fonte de constante humilhação para ela. Por isso usava-o aparado, o que fêz seu pai observar sêcamente, parodiando o provérbio: "Logo se tira o cabelo de um bôbo".

No seu tempo de colégio era uma criaturinha altiva, provocante e briguenta. E trocista. Uma jovem fogosa como uma potranca. Durante algum tempo as professôras a julgaram ingovernável. Uma noite, junto com Maggie, outra aluna travêssa como ela, vestiu uma indumentária de pirata: botas de cano alto, faixa vermelha na cintura, lenço na cabeça, facão de mato e pistolas; colocou sôbre a mesa uma garrafa de cerveja de gengibre, para substituir o uísque, cruzou as pernas e meteu nos lábios um grande charuto aceso.

Batidas na porta. Sem esperar resposta, Miss Dickinson, uma das professôras de Frank e Maggie quase desmaiaram nas cadeiras. Miss Dickinson, porém pôs-se à altura do momento.

— Mas que sorte! — exclamou. — Os mosquitos quase me comeram viva. Querem fazer o favor de entrar no meu quarto para os expulsar com a fumaça?

Que remédio! Era expulsá-los mesmo, com a fumaça. Sufocando-se, e cuspinhando, e protestando enèrgicamente, as duas "piratas" foram forçadas a consumir os charutos inteirinhos. Uma dor de cabeça acompanhada de tonturas e náuseas, e resultou do incidente que Frank se tornou uma rapariga mais prudente, se não mais séria.

De fato, não demorou que ela fôsse aclamada como a mais sensata aluna da sua aula. Tornou-se diretora do jornalzinho do colégio, presidente do grêmio de oratória, oradora da sua classe, e animadora da vida social das estudantes, embora preferisse livros a pessoas; "nos livros, o que há de melhor no escritor vai ao encontro do que há de melhor no leitor". Com tôdas essas atividades, ela contraiu uma prolongada febre tifóide, de modo que não pôde assistir à sua própria diplomação.

A fortaleza de ânimo dos Willards foi sempre maior do que sua fôrça física. As múltiplas vicissitudes de um caractere em formação quase lhe haviam arruinado a saúde. E destruíram a vida de sua irmã. Mary Willard tinha apenas dezenove anos quando sucumbiu à maldição da família: a tuberculose.

A morte da irmã foi um derradeiro livro escolar na educação formal de Frances. Dirigiu seus sentimentos altruísticos para a irmandade de tôdas as mulheres. Aceitando o cargo de professôra no Pittsburgh Female College, soube fazer-se tão benquista dos alunos, que as outras professôras acusaram-na em empregar encantamentos hipnóticos.

Mas tratava-se simplesmente do hipnotismo de uma personalidade forte consagrada à tarefa de desenvolver outras personalidades o mais possível. Como professôra tinha o propósito de "não deixar o estudo atrapalhar a educação"; não enumerar fatos, mas construir caracteres.

Depois de uns poucos anos de magistério, no entanto, ela verificou que seu próprio caráter precisava ser reestruturado. Assim é que, na primavera de 1868, partiu para uma longa excursão pela Europa com uma das suas amigas, Kate Jackson. Seu pai acabava de morrer; a antiga moléstia voltara passados muitos anos. Foi em parte para fugir à sua dor pungente que ela rumou para a Europa. Como o velho poeta latino, porém, aprendeu que "todo aquêle que atravessa o mar não muda de dor, só de lugar".

Ela viu a Europa com olhar aguçado pela curiosidade, entristecido pela mágoa. Não só viu novos lugares e novos povos, mas os viu a uma nova luz. A princípio ficou maravilhada com os palácios, com os museus, com as galerias de arte, e comparou essas "belezas" com a "vacuidade" da sua terra. Mas um dia conversou com camponeses de Irlanda.

— A América — disse êle — é um lugar onde existem *homens superiores*. Um lugar onde todos têm a sua oportunidade. Eu me mandaria para lá se não fôsse a água que há no caminho.

Era *essa*, pois, a idéia que os europeus faziam da América. "Um lugar onde todos têm a sua oportunidade". Um exagêro e dos grandes, sem dúvida. Mas por que essa *idéia* do camponês não havia de se tornar *realidade?* Por que não havia ela, Frank Willard, de se esforçar por *fazê-la* uma realidade?

Um novo desejo febil se apoderara de Frances Willard. Um dia, quando percorria as alturas do Passo Simplon em direção ao Convento de São Bernardo, lembrou-se de uma história a respeito

(Continua na pág. 49)

(*) *Aquêle que quer.*





Os plissados continuam sendo muito usados, formando os mais variados efeitos nas «toilettes». Vestido estampado com saia plissada e um grande laço atrás. Modêlo esporte com corpo transpassado e saia plissada. Vestido de baile em fazenda escura com a saia plissada e uma faixa formando grande laço, em fazenda de «pois». Modêlo para tarde com mangas japonesas e corpo plissado, vindo o plissado até à saia.

PLISSADOS



OS ANIMAIS, NOSSOS AMIGOS

Em Decatur, no Illinois, existe o "Tabby Club", uma sociedade de proteção aos gatos, fundada há pouco já com reais serviços à "gens felina".

★

Por falar em gatos: em Pittsburgh, o gato Nicodemus, tratado por Nick, acordou incomodado com o cheiro de gás que invadiu o edifício e por tal forma arranhou as colchas de seus donos adormecidos, que, afinal, êles despertaram e se salvaram, despertando os vizinhos e assim escapando todos de morte certa. O herói recebeu uma medalha com êstes dizeres: "A Nicodemus, um gato, por ter salvo a vida de várias pessoas".

★

Outro herói que recentemente recebeu uma medalha foi o "foxterrier" Buster, condecorado em sessão solene do Kennel Club de Buffalo, em presença de mais de quatro mil pessoas. Buster salvou sua dona, a menina Patricia Fox, de nove anos, que, com um irmãozinho e outro garoto brincavam num lago gelado, quando o gêlo quebrou e êles afundaram, perecendo os dois meninos, salvando-se apenas a garota graças aos esforços de seu pequeno e dedicado amiguinho.

★

Outro salva-vidas denodado, que recebeu a medalha de bronze da American Humane Association, é Thumper, um cão de raça "Chow", de propriedade do casal La Tosh, de Portland, Oregon. Por ocasião de um incêndio no edifício em que residiam os donos, despertou-os, assim salvando-lhes a vida. Antes, quando sua dona se perdera numa tempestade de neve, Thumper foi buscar-lhe socorro e conseguiram salvá-la.



SILHUETAS *elegantes*





VESTIDO EM FAILE ROSA CLARO, SAIA AMPLA COM GRANDES PREGAS EM TODA A VOLTA, CORPO JUSTO SEM MANGAS BEM DECOTADO, O BOLERO DE FEITIO BEM MODERNO E' TODO COBERTO EM BORDADOS DE SOUTACHE MARRON, TAMBÉM O CORPO E' COBERTO DO MESMO BORDADO.

NO CANTO ESQUERDO DA PAGINA TEMOS DOIS ENCANTADORES MODELOS PARA A TARDE. SÃO DOIS SUGESTIVOS «TAILLEURS». O PRIMEIRO EM PANAMA BRANCO. LAPELAS LARGAS, BOLSOS COM LAPELAS DUPLAS, CINTURA JUSTA, CASACO COM UM ÚNICO BOTAO. O SEGUNDO E UM MODELO AGRADAVEL EM SEDA BEIGE.

À DIREITA TEMOS PARA A NOITE, UMA DAS ÚLTIMAS CRIAÇÕES DA COSTURA FRANCESA. TRATA-SE DE UM ELEGANTE E MODERNISSIMO MODELO EM ORGANZA VERMELHA, CORPO SEM DECÓTE, COM ALÇAS. O MODÊLO E' TODO TRABALHADO EM LARGAS PREGAS HORIZONTAIS, O QUE CONSTITUI A GRANDE ORIGINALIDADE DO MODÊLO.







EM CIMA PARA O «COCK-TAIEL». PARIS ACONSELHA ÊSTE SIMPLES PORÉM ENCANTADOR MODÊLO E MSEDA PRETA. A PEQUENA GOLA E AS MANGAS JAPONÊSAS DAO PECULIAR ENCANTO AO CORPO. QUANTO A SAIA OS BOLSOS EMBUTIDOS E O MACHO BEM ACENTUADO NA FRENTE, CONSTITUEM TODA A SUA ORIGINALIDADE. CINTO E FIVELA FORRADOS COM O MESMO TECIDO.

NO CANTO DIREITO DA PÁGINA, APRESENTAMOS PARA A TARDE ÊSTE LINDO MODÊLO EM SEDA BRANCA, A GOLA ENVIEZADA ATINGE DE UM LADO ATÉ A CITURA: A SAIA DEVERÁ SER BEM RODADA E TODA PLISSADA, MANGAS JAPONÊSAS COM PUNHO E CINTO E LUVA EM CAMURÇA PRETA.

FINALMENTE, TAMBÉM PARA A TARDE E' ÊSTE MODÊLO AQUI ESTAMPADO À DIREITA. ABUNDANTE EM DRAPEADOS CONSTITÚI SEM DÚDIDA UM MODÊLO BASTANTE ELEGANTE PARA ABSOLUTA ORIGINALIDADE DE SUAS LINHAS, MANGAS FRANZIDAS. GOLA AMPLA DRAPEADA, E O PANO SOLTO, TAMBÉM EM DRAPE, DA SAIA CONSTITUEM A SUA NOTA ELEGANTE.

NOITES DE *Gala*





PARA as noites cerimoniosas de jantares elegantes ou recepções, oferecemos nestas duas páginas alguns sugestivos e modernissimos modelos. Ao alto, à direita, elegante modêlo em organdí branco com ramagens estampadas em cores delicadas; à esquerda, em baixo, em tafetá preto, saia godet, sobre saia também em godet, alças caindo nos ômbros; em baixo dois graciosos modelos em organza branca. Na página ao lado, ao alto, notável modêlo em tule rosa, mantilha em renda veneziana, preta em tafetá Estrado preto e branco e tafetá rosa, elegante modêlo para jantar. Nas fotos menores temos três outras criações para jovens de dezoito a vinte anos, tule rosa, tafetá preto e organdí branco, e organsa branca, são os materiais empregados para a confecção destes três últimos modelos.



















VESTIDOS PARA A *Praia*

OS vestidos para a praia deverão ser simples, de fácil execução em tecidos alegres e de fácil lavagem. Nesta página você encontrará alguns modelos alegres e agradáveis que muito lhe ajudarão, por certo, na escolha do seu guarda roupa de primavera.







Intimidade

PARA a sua elegância na intimidade oferecemos aquí algumas sugestões bastante interessantes que você por certo muito apreciará. São modelos de camisolas, robes, etc., que pela originalidade e delicadeza de suas linhas serão por certo muito apreciados.









MODELOS ESPORTIVOS

PARA passeios, excursões ou mesmo esportes temos estampados nesta página dois novos e sugestivos modelos; em cima modêlo em ombro branco com grandes bolsos, com debruns em côr viva, casaco azul com bolas brancas; em baixo, um bastante sugestivo conjunto composto de «slack» em linho azul marinho, colete branco, e echarpe vermelha.





STERZ

½ k de farinha, ½ litro de leite, manteiga e sal. Mistura-se a farinha com o sal, despejando-se o leite quente sôbre a mistura, mexendo-se bem até formar uma massa consistente. Põe-se de lado para esfriar. Em uma frigideira põe-se bastante manteiga ou gordura. Quando ela estiver quente, junta-se-lhe a massa acrescentando-se um pouco de açúcar e algumas passas. Mexe-se bem a massa com um garfo, deixando-se frigir bem.

KNEDEL DE QUEIJO

125 gr de semolina, 1 xícara de leite, 3 ovos, 1 xícara de rigota. Deita-se a semolina em leite quente e cozinha-se até despregar do fundo. Em seguida deita-se em uma travessa e juntam-se um pouco de sal, os ovos e a rigota. Com uma colher que se mergulha na água fervendo vão se tirando pequenos knedels que se cozinham em água com sal e que se frigem em manteiga.

MAIONESE

1 gema, ¼ de litro de azeite (ou 2 gemas e ½ litro de azeite), sal, um pouco de suco de limão ou 1 a 2 colherinhas de vinagre e mostarda



à vontade. Todos os ingredientes devem ter mais ou menos a mesma temperatura, isto é, mais ou menos 15°. Misturam-se o sal, a mostarda e umas gôtas de vinagre com as gemas. Junta-se então o azeite, as gôtas, mexendo sempre. Por fim, acrescenta-se o vinagre ou o suco de limão.

SALADA ALEMA

Sôbre um pratinho, coloca-se um pouco de repôlho picado bem fino e temperado com môlho 'vinaigrette". Dispõem-se em seguida 2 fôlhas de alface cobertas com môlho maionese. Toma-se um tomate que se corta em 4 partes que se arrumam sôbre a salada. Por fim guarnece-se com tiras de aipo cozido e rega-se tudo com uma colher de môlho "vinaigrette".

OVOS COM PATÉ
(2 metades para cada pessoa)

Tomam-se ovos cozidos que se cortam ao meio, mas no sentido do comprimento. Tiram-se cuidadosamente as gemas. Misturam-se paté e manteiga e com esta massa se recheiam as cavidades dos ovos. Em seguida, arrumam-se os ovos sôbre fôlhas de alface temperadas com môlho de salada e sôbre os mesmos ralam-se as gemas.

CREME DE BAUNILHA

½ litro de leite, ½ litro de nata, 5 gemas, 300 gr de açúcar, um pacotinho de açúcar de baunilha, 15 gramas de gelatina.

Levam-se o leite, o açúcar e a baunilha ao fogo. Dissolve-se a gelatina em água quente. Batem-se as gemas. Logo que o leite ferver, retira-se do fogo, misturando-se-lhe a gelatina e as gemas. Quando frio, acrescenta-se a nata, batida e deita-se o creme em uma fôrma em que se passou água fria, levando-se para gelar. Antes de virar a fôrma, mergulha-se a mesma por um minuto em água quente.

TORTA ARABE

120 gr de açúcar, 6 ovos, 100 gr de farinha de trigo, 50 gr de amêndoas raladas, 30 gr de cacau, 50 gr de cidra, 1 colherinha de chá de fermento em pó, açúcar de baunilha e marmelada.

Bate-se o açúcar com as gemas (bem batidas), o cacau, as amêndoas e junta-se a pouco e pouco a cidra bem picadinha, o açúcar de baunilha, a farinha, peneirada com o fermento, e as claras bem batidas.

Esta massa vai ao forno quente em fôrma de abrir, bem untada e forrada com papel pergaminho também untado. Depois de fria, corta-se em duas partes, passa-se em uma delas a marmelada, cobre-se com a outra parte e enfeita-se com glacé de chocolate e com frutas de compota ou cristalizadas.

ESTRELINHAS DE CANELA

3 claras, 125 gr de açúcar, 125 gr de avelãs raladas ou amêndoas raladas com a casca e uma colherinha de café de fermento em pó.

Batem-se as claras com o açúcar durante ¼ de hora e misturam-se bem com os outros ingredientes. Estende-se a massa na grossura de 1 centímetro em uma tábua polvilhada com açúcar, e cortam-se estrêlas com o auxílio de forminhas de fôlha. Leva-se ao forno moderado. Pode-se passar uma clara batida com açúcar sôbre as estrelas antes de assar.

ANÉIS DE AMÊNDOAS

100 gr de manteiga, 125 gr de amêndoas raladas, 125 gr de açúcar, 200 gr de farinha, 1 ôvo e a casca ralada de 1 limão.

Bate-se a manteiga, junta-se o ôvo, o açúcar, a casca do limão e continua-se a bater durante ¼ de hora. Adicionam-se as amêndoas e a farinha, põe-se a massa em um cartucho de papel com a abertura em formato de uma estrêla, espremem-se anéis numa assadeira untada e assam-se em forno quente.

PÃO DE MEL

500 gr de mel, 375 gr de açúcar, 70 gr de cidra cristalizada, picadinha, 375 gramas de amêndoas picadas, 8 gr de cardamomo, 8 gramas de canela, 7 gr de cravo em pó, 10 grãos de pimenta branca, um pouco de noz-moscada, 500 gr de farinha de centeio, mais ou menos, casca ralada de 2 limões e de uma laranja azêda, ½ copo de arrak e 12 gemas.

A COZINHA

SALADA 'BIARRITZ"

Sôbre um pratinho colocam-se 2 a 3 fôlhas de alface que se cobrem com salada de aipo misturado com môlho de maionese. Esta salada se prepara, descansando e ralando o aipo cru. Guarnece-se com tiras de tomate cruzadas e salsa picada.

OVOS COM PEIXE

Tomam-se restos de peixe que se passam à máquina, misturam-se com maionese e um pouco de paprika. Com esta mistura, enchem-se as claras, das quais se retiram as gemas, de forma que a mistura forme um monte sôbre as claras. Enfeitam-se com tiras de tomate.

ARROZ-DOCE COM GELÉIA

Arruma-se uma camada grossa de geléia de qualquer fruta numa fôrma. Deixa-se gelar e, quando dura, recorta-se no ventro da geléia qualquer figura, como por exemplo, uma cruz ou uma estrêla. Em seguida, enche-se a fôrma com aroz-doce levando-se a mesma novamente a um lugar fresco, para gelar. Antes de virar sôbre um prato, mergulha-se a fôrma, durante um minuto em água quente. Por fim, enfeita-se com creme Chantilly e serve-se com môlho de qualquer fruta.

MORANGOS 'BIARRITZ"

Limpam-se os morangos e pulverizam-se em seguida em açucar. Derrama-se sôbre êles o suco de algumas laranjas e um pouco de Kirsch. Deixam-se os morangos em lugar fresco, por algum tempo, até tomarem gôsto, arrumando-se em seguida em um prato de vidro ou cristal. Por fim, cobrem-se com um bonito enfeite de creme Chantilly, arrumando-se sôbre êste último alguns morangos.

MÔLHO "MEERRETTICH"

1 xícara de nata batida, 2 a 3 colheres de 'meerrettich" ralado e um pouco de sal. Bate-se muito bem a nata, misturando-se-lhe o 'meerrettich" e o sal. Põe-se o môlho de lado para esfriar. Serve-se com salsichas ou carne de vaca.

SALADA A JARDINEIRA

Arrumam-se algumas fôlhas de alface sôbre um pratinho e sôbre elas se despeja môlho de vinagre. Sôbre as fôlhas de alface, dispõe-se 2 rodelas de tomate e 2 de pepino. Por fim, despeja-se mais um pouco de môlho de vinagre.

TOMATES RECHEADOS COM AIPO

Corta-se uma tampinha dos tomates e retiram-se as sementes. Recheam-se as cavidades com salada de aipo e guarnecem-se com maionese e rodelas de ôvo.

CARNE RECHEADA

Tome 1 pêso de 2 k de colchão de dentro, apare e corte ao meio, ao comprido, sem destacar para que fique como um pano. Passe na máquina um pouco de carne crua, junte 1 fatia de presunto picadinho, 3 ovos duros em rodelas, 1 fatia de pão embebida em caldo. Ligue tudo, arrume dentro da carne e coza de alto a baixo, deve ficar bem justo. Leve a assar como carne de panela. Pronta, corte em rodelas com faca bem afiada e arrume sôbre fôlhas de alface. Desengordure o môlho e sirva na molheira, e arroz sôlto à parte.

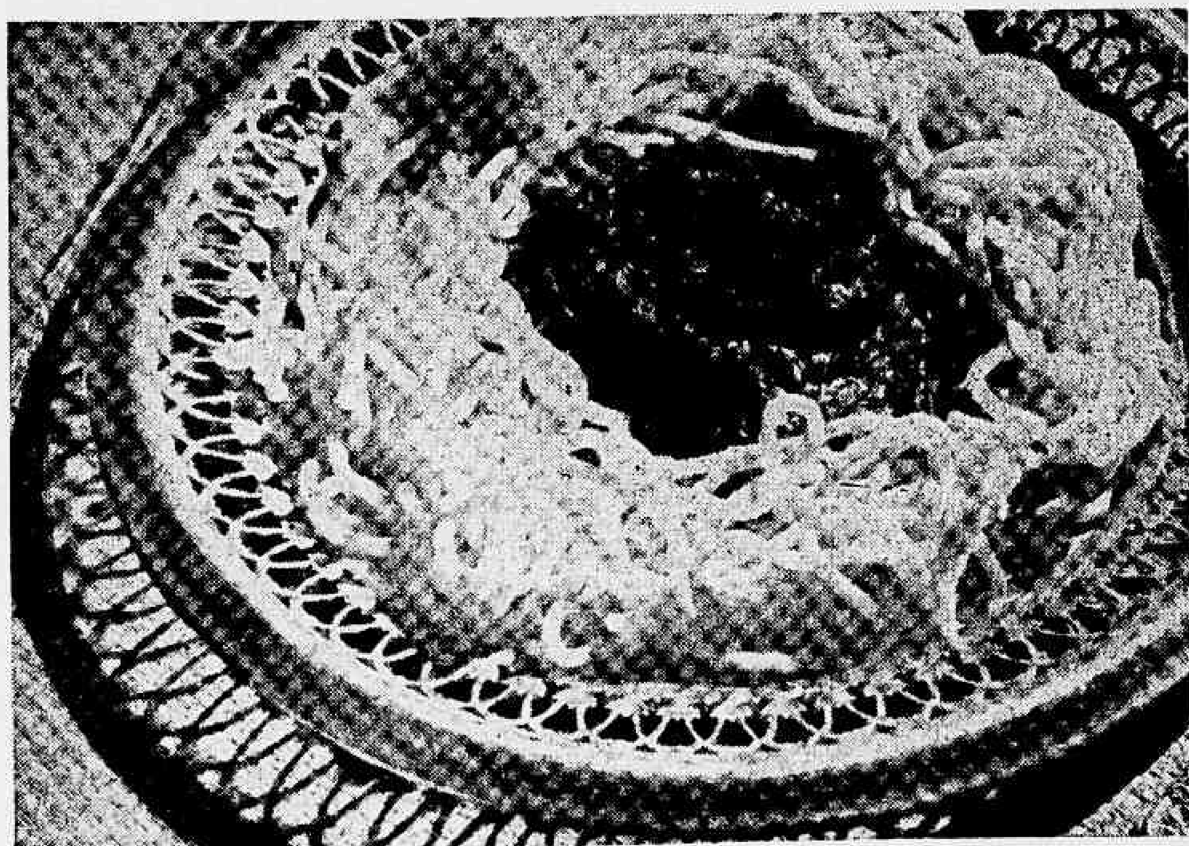
MÔLHO DE VINHOS E CHAMPIGNONS

Abra uma latinha de champignons, e leve ao fogo só a água da lata de champignons com 1 cálice de vinho branco, e deixe ferver. Junte 1 colher de massa de tomate boa desmanchada em um pouco de caldo, ½ colher de farinha, e leve ao fogo com os champignons partidos em rodelas.



BOLAS DE ARROZ COM CAMARÃO

Tome 1 k de camarões, lave e cozinhe em água e sal com cheiro. Descasque, tome uns 12, parta ao comprido e reserve; os outros, pique miudinho. Rale 1 côco, tire o leite grosso sem água e reserve; junte água fervendo no bagaço e tire o resto do leite. Com êste leite e 250 gr de arroz, faça um arroz sôlto. Pronto, adicione o leite reservado, ½ colher de manteiga, os camarões picados e 3 gemas. Misture bem, amassando um pouco, e deixe esfriar. Faça pequenas bolas achatadas, passe em ovos batidos, depois em pó-de-pão e frite em banha quente e abundante. Não deixe escurecer. Arrume num prato em pirâmide e faça ao redor uma cercadura com os camarões reservados, um para cima, outro para baixo, entremeando com tomates.





NOVAS BLUSAS

QUALQUER que seja a estação as blusas têm sempre grande utilidade e encanto. Para complemento de sua toilette elas são sempre necessárias e às vezes mesmo indispensáveis. Nesta página temos: em cima, blusa em tafetá riscado, blusa em tafetá também estampado formando quadrados; ao centro, modêlo clássico em cambraia, bordados a cores na gola e no busto; em baixo, dois sugestivos modelos, um em linho com bordado inglês, o outro em seda e com incrustações de cetim perola.







...E FOI AÍ QUE A LÂMPADA QUEIMOU!

Valeu a lição... Na próxima vez exigirei Lâmpadas PHILIPS!

MAIS LUZ MENOS CONSUMO



LÂMPADAS PHILIPS

INCANDESCENTES • FLUORESCENTES

ERWIN WASEY.

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA



RENOVADOR DAS FÔRÇAS

Tônico poderoso

MÚSICA

BALANÇO MUSICAL

ROBERTO LYRA FILHO

EM rápido balanço, veremos que a temporada lírica nos trouxe algumas surprêsas. Em primeiro lugar, desmentiu a famosa "crise de tenores". Um professor de canto chegou a desenvolver uma teoria sôbre a voz humana, dizendo que ela "está baixando"... Assim, a era dos tenores estaria ultrapassando, sendo esta a etapa gloriosa dos barítonos. No entanto, aqui tivemos três tenores de primeira categoria: Tagliavini, Poggi e Del Monaco. Sôbre o primeiro, já dissemos, em outra oportunidade que, entre os "pesos leves" da cena lírica, está apto a substituir Schippa. Poggi, em franca ascensão, ficará, certamente, entre os "médios" no *box* operístico, enquanto Del Monaco será um Joe Louis, pêso-pesado, herdeiro de Martinelli, tipo raro de tenor dramático. Aliás, não há impropriedade no paralelo entre o "colored" Joe Louis e Del Monaco, logo após a triunfal criação dêste, no Otelo, outro "colored"...

Del Monaco conseguiu um grande público, aqui no Rio, destacando-se, neste, um setor feminino de grande entusiasmo. E' verdade que êle trouxe para o Teatro Municipal o que poderíamos chamar a "verossimilhança plástica". Encarnando heróis românticos, apresentou o tipo físico adequado ao papel, esbelto e insinuante. Mas se isso lhe valeu alguns suspiros das "fans", não é êsse o único nem o principal motivo do prestígio de Del Monaco. Artista consciencioso e honesto, êle soube transformar cada interpretação em criação dramática de grande envergadura, culminando no Guarani e no Otelo, onde as qualidades vocais — belo timbre, grande extensão e volume, de uma resistência capaz de desafiar as árduas exigências da partitura — serviram à composição cênica de grande intensidade e emoção.

CRISE DOS SOPRANOS

Se os tenores constituiram um "team" homogêneo, os sopranos tiveram representação menos brilhante.

Contaram com um fracasso completo — o da sra. Onélia Fineschi, cujo insucesso no Fausto foi confirmado pela mesma inibição vocal demonstrada no Lohengrin. E, se Barbato teve alguns momentos felizes, principalmente na Adriana Lecouvreur e no Otelo, a verdade é que a falta de um contrôle mais consciente, de um domínio mais seguro de sua belíssima voz,, produziu um rendimento irregular nas diversas récitas. A técnica impulsiva, impetuosa, apaixonada de Barbato submete sua voz a constante fadiga. Devemos registrar, com especial simpatia, o desempenho de Maria Sá Earp, que nos deu um Fausto e um Guarani capazes de fazer esquecer um Rigoletto menos feliz. Sobretudo no Fausto, o seu sucesso foi completo, porque ela foi uma Margarida de encantadora elegância e revelou, vocalmente, os recursos mais sutis de sua arte, à qual não faltou sequer o brilho e a vibração eloquente na cena final, que terminou sob uma tempestade de aplausos.

ROSSI LEMENI

Registro à parte merece Rossi Lemeni, cuja atuação seguiu no mesmo nivel do ano passado. Êste baixo é uma das maiores revelações, possuindo uma das grandes vozes contemporâneas, que, pela doçura do timbre e maleabilidade lembra a de Chaliapin. Se o Boris Godunow não estêve à altura a culpa não foi de Rossi Lemeni, que aí teve desempenho magistral. O côro, cuja função é tão importante, estava em péssimas condições, e os demais membros do elenco não se sentiam à vontade.

Aliás, quanto ao repertório da temporada, que não apresentou grandes novidades, a idéia mais feliz foi a inclusão de Otelo, obra-prima de Verdi, onde a esplêndida maturidade do gênio casou a riqueza melódica em trama sinfônica opulenta com uma caracterização musical impecável de ambiente e personagens do drama. Se não fêz grande falta a Zazá, de Leoncavallo, fica a esta altura uma pergunta: Por que trazer Mafalda Favero da Itália para mandá-la voltar, sem ter cantado?

CORREIO DA REVISTA

ANTÔNIO GENESIO DE SOUSA — **Campina Grande** — Já está em nosso poder seu conto «Irmã Bernadete» Aguarde o exame da Comissão.

R.M.C. — **Andradina** — Seu conto, «O relógio antigo» não conseguiu aprovação.

J.J. da C. — **Nova Iguaçú** — Também não foi aproveitado o «Festa dos Instintos».

MARY ANN PENI — **Rio** — O seu conto «Imprevisto» não pôde ser aceito. Desagradavel imprevisto. Mas não há de ser nada. Continue a escrever.

WALTER B. MAIA — **Pôrto Alegre** — Foi aprovado o seu conto «A Farsa», mas, como já há um outro aqui, de outro escritor, com o mesmo nome, substituimos o seu por «As Astúcias do Antônio». Esperamos que concorde.

I.M.L. — **Rio** — Seu trabalho, «Massarico, o Perneta», embora bem contado, não pôde sair. O português não ajudou. Recomendamos fazer um curso de vernáculo, sem o que será muito dificil escrever para a imprensa. O amigo tem imaginação, mas lhe falta a báse, que é escrever bem.

NORA CARREL — **Niterói** — Não foi aprovado «Alma Bravia». E' conveniente evitar os contos com grande percentagem de linguagem matuta, coisa nem sempre natural. Além disso, essa espécie de literatura só agrada quando se trata de verdadeiras obras-primas no verso e da prosa. Mande-nos outro em linguagem comum.

GERALDO C. FREIRE — Seu conto, «Macumba» foi examinado pela Comissão. Pedimos o favor de passar aqui pela redação da Revista e procurar qualquer um dos elementos da mesma Comissão Julgadora, entre 3 e 5 da tarde.

A SAUDE DO BEBÊ

DESORDENS DAS FUNÇÕES INTESTINAIS DO BEBÊ EXSUDATIVO

DR. SABOIA RIBEIRO

SE bem que compatível, muitas vêzes, com as demais funções do bebê, uma exsudação entérica continuada, ora antes, ora depois das dejeções, em forma de catarro, ou as envolvendo, ou se misturando a elas, mostra-se como um sintoma bastante frequente, denunciador de uma anomalia constitucional, qual seja a *diátese exsudativa*. Podem, às vêzes, ao catarro, juntar-se *estrias de sangue*, aqui e acolá, parecendo tratar-se de uma *infecção intestinal*, de tipo crônico, principalmente a desinteria; porém, ao exame microscópico das fezes, ou da sua cultura, resulta, de todo em todo, negativo. Por outro lado, o distúrbio, muitas vêzes, coincide com o aleitamento ao seio materno, cujo leite afasta a hipótese de um *êrro alimentar* (só admissível com a alimentação pelo leite animal, na grande maioria das vêzes). Êsses fatos permitem concluir, pois, que a perturbação é causada pela própria constituição exsudativa da criança, máxime se afastada a hipótese de uma afecção gripal, cujos sintomas, aliás, quase nunca passam despercebidos (coriza, tosse, etc.).

A ausência de febre é sempre um forte elemento que afasta a hipótese de uma infecção intestinal.

Quem se denuncie pelo catarro entérico, ou outra forma de reação intestinal, é sempre importante, verificada a natureza diatésica, conduzir o regime alimentar do exsudativo, dentro de normas especiais para o seu estado peculiar.

O reconhecimento dessa classe de bebês é baseado, na prática, nos seguintes pontos de reparo:

a) mau desenvolvimento corpóreo da criança (pêso atrasado em relação à idade e suficiência do alimento, etc.).

b) no caso de gordo, nota-se que a gordura é mole e pálida, juntando-se por vêzes o aspecto obeso.

c) à anemia junta-se o crescimento do baço, sensível à palpação em larga parte do ventre, à esquerda.

d) grande pendor aos resfriados.

e) atitude, de natural, quieta e sossegada — o que não é tão bom sinal como pode parecer às mães, numa criança. "Geralmente tais crianças (escreve um mestre) têm um bom-humor a tôda a prova, suportam estòicamente tôda a sorte de exames, sorrindo sempre, e não extranham ninguém. O sossego do nosso paciente é, para o entendido, assustador; devemos, de fato, ter mais mêdo dêles do que êles de nós; é uma *calma* ominosa."

A própria mãe acha que seu filhinho é um anjinho. Se o não é, muito arriscado está de o ficar, por uma morte prematura. Para nós é mil vêzes mais agradável sermos médicos de uma criança má e malcriada do que de um bebêzinho quieto e sossegado".

f) lesões da pele (dos mais frequentes sinais). As mínimas causas irritativas — o suor, a urina, as fezes — provocam logo reações locais intensas.

A seborréia do couro cabeludo, a crosta láctea da face, o eczema, a intertrigem (assaduras), etc., são as lesões mais costumeiramente encontradas.

O mau desenvolvimento corpóreo pode simular algum caso de hipoalimentação devido à insuficiência do leite de peito ou leite muito aguado das mamadeiras, em que também ocorrem dejeções mucosas passíveis de confusão (diarréia de fome).

E' preciso, portanto, levar em conta os outros elementos que "marcam" o bebê exsudativo, acima resumidos.

São êses bebês, num certo número de casos, capazes de prosperar com o leite de peito, porém, se nota, ainda assim, o aspecto irregular das dejeções com as características já apontadas.

Se tudo se cifra a isto, a amamentação pode ser prosseguida; se, porém, se verifica a parada do pêso da criança, a par de evidente diminuição da imunidade, atestada nas afecções da pele e pendor aos resfriados, etc., torna-se então urgente instituir uma alimentação adequada, capaz de concertar tais fenômenos mórbidos. As piodermites, a furunculose, o abcesso múltiplo, entre as manifestações da pele, são as mais comuns, verdadeiro grito de alarme demandando pronta atuação.

A alimentação do lactente exsudativo deve ser pautado de modo a abreviar o mais cedo possível o regime lácteo exclusivo dos primeiros meses, com a introdução das sopinhas de cereais ou de legumes, em caldo de carne magra, ou outros pratos, já ao quarto mês, na hipótese, é claro, de a criança estar-se desenvolvendo com o leite de peito; ou substituição dêste pela *mistura butiro-farinácea*, quando o contrário é que sucede — qualquer que seja o leite.

Neste ponto devemos acentuar que as desordens das funções intestinais do lactente exsudativo, e seus reflexos sôbre o estado de sua nutrição, ocasionadas pelo leite de vaca, são, em todos os casos, bem mais intensas que as primeiras (leite materno), levando à criança, rápido, a grande desidratação, à própria atrofia, obrigando por isso a medidas oportunas e seguras no sentido de uma alimentação adequada.

Dois pontos devem ser observados com especial cuidado, no tratamento: melhorar a baixa imunidade existente nesses bebês, e corrigir as gorduras do alimento, por meio de um preparo adequado.

As lesões da pele serão tratadas ao mesmo tempo.

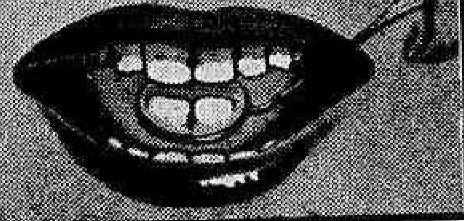
O tratamento isolado destas não basta por si só, se não se modifica, ao mesmo tempo, o estado geral do bebê — quer pela alimentação apropriada, quer pela medicação, e outras medidas ambienciais (disciplina e ar, luz e sol), das quais nos ocuparemos em artigo especial, noutra oportunidade.

DENTES LINDOS E SADIOS são os de todo KOLYNOS-ISTA!



MAS, VEJA ESTE CONTRASTE...

olhe os dentes de outra boca... cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diário de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA
Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS
A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos científicos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE
A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as partículas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superficie dos dentes, para evitar que se forme nova película. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante!
E ECONÔMICO TAMBEM:
Basta 1 cm. na escova seca.



Mc CANN

Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-303

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

SETE DE SETEMBRO, 97 e ASSEMBLÉIA, 90.

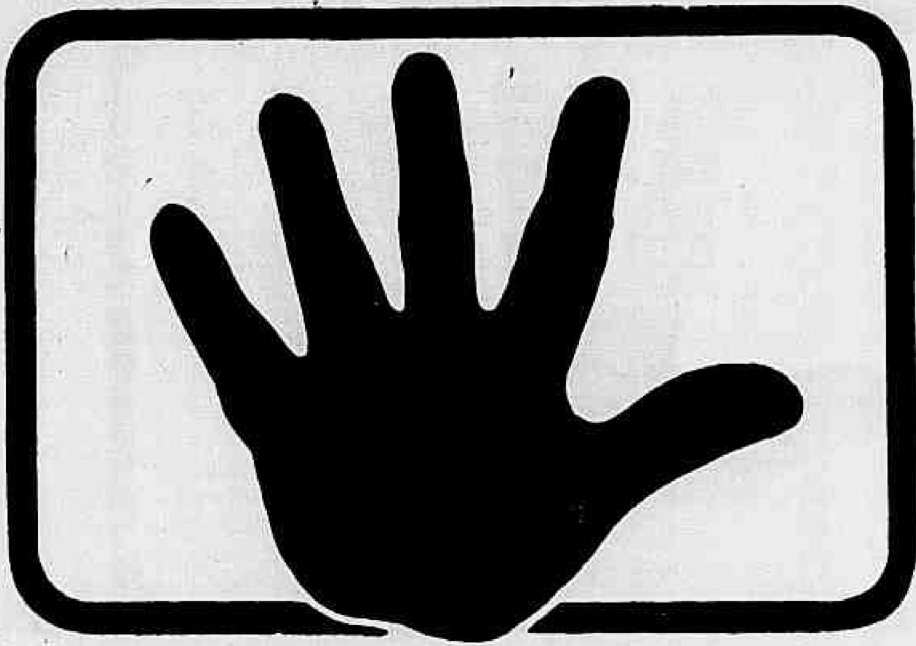
A 10 metros da Avenida

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

A VIDA DE SUSAN...

(Cont do número anterior)

Começou a agir pelo país, agitando e pregando suas idéias, organizando tudo por si mesma. Elizabeth Stanton e Ernestine Rose ficaram à margem da estrada. Estavam contentes por descansar da sua lida. Susan Anthony, porém, não soube repousar. Sua resistência física foi um dos milagres do século. Seu vulto alto e sêco tornara-se legendário, abrindo caminho sob a chuva e o granizo, andando depressa, sempre andando, combatendo contra o correr do tempo e as condições atmosféricas, varando pela neve acumulada no chão e enfrentando o vento, sempre ansiosa de levar sua mensagem às mulheres da próxima vila ou cidade. Em certa ocasião, escreveu ela à sua "querida gente em sasa", o trem em que viajava pelas Montanhas Rochosas ficou "detido por um montão de neve com onze pés de altura". Mas ela deu um jeito, apesar de tudo, para atender seu compromisso de proferir uma conferência. Muitas vêzes sua saúde baqueava. Outras, ela subia à tribuna e ali se mantinha sôbre os pés queimados pela geada, ou com as costas quase dobradas em duas devido à dor. Certa, vez, em pleno inverno, foi forçada a fazer uma "cura de água". Era uma medida heróica para almas espartanas: lençóis úmidos, bôlsas de gêlo, banhos de assento seguidos de duchas frias e de ginásticas cansativas; tôda essa tortura infligida por ela mesma, quatro vêzes no dia. E Susan resistiu à dura provação.

Por mais de meio século se manteve na vanguarda da Revolução Feminista, andando pra lá e pra cá pelo país, como uma lançadeira, fazendo coleta de centenas de milhares de dólares para a causa, aceitando uma remuneração de apenas doze dólares semanais. Suas espantadas amizades começaram a encará-la como uma deusa imortal, uma paupérrima deusa com corpo reumático e alma flamejante.

E, apesar de sua pobreza, de suas canseiras e de seus sofrimentos, conservou seu senso de humor. Sua língua, embora nunca fôsse deliberadamente cruel, sabia de vez em quando atirar uma vigorosa estocada.

— Miss Anthony — troçou Horace Greeley durante uma das entrevistas dela — há de saber, não é mesmo, que votos e balas andam juntos? Se obtiver o direito de voto, está ao mesmo tempo preparada para lutar?

— Ora, Mr. Greeley, nem há dúvida — foi a resposta instantânea. — Da mesma maneira como o *senhor* lutou na Guera Civil: com a pena na mão.

IV

Miss Anthony viveu para ver as flores, mas não os frutos do seu labor. Certa vez, por ter tentado votar, fôra detida e levada à prisão. Mas agora não era mais objeto de ridículo. As mulheres da nação aprenderam a respeitá-la, e mesmo os homens chegaram a considerá-la um dos artífices da história americana. E de fato ela fizera época e fizera história. Como amplo resultado da agitação dela, as mulheres da América acumularam o progresso de mil anos num curto período de cinqüenta. Em 1865, Vassar abriu suas portas à educação superior para as mulheres, com um curso igual ao das melhores escolas para homens. No decorrer da década seguinte, não menos do que catorze universidade estaduais adotaram o sistema de co-educação. Por volta de 1880, o número dos colégios que admitiam ambos os sexos aumentara para cento e cinqüenta e quatro.

Fortalecidas pela instrução superior, as mulheres começaram a seguir profissões. Em 1850, apenas umas poucas mulheres eram professôras nas escolas. Em 1900, dois têrços dos mestres-escolas dos Estados Unidos eram mulheres. Na arte, na medicina, na literatura, na teologia e no direito. as mulheres foram ràpidamente tomando lugar lado a lado com os homens. Em 1879 a primeira mulher teve permissão para pleitear ante a Côrte Suprema; num marco na história americana.

Mais importante do que tudo isso,porém,foi a emancipação civil da mulher. Pelos fins do século dezenove, quase que todos os Estados da União haviam abolido as velhas incapacidades legais que recaíam sôbre as mulheres casadas. Estas adquiriram o direito à propriedade e à disposição dos seus bens, a demandar e a ser demandadas, a ficar de posse do seus proventos, a fazer contratos e a exercer juntamente com os maridos o pátrio poder sôbre os filhos. O casamento já não era uma escravidão, mas um acôrdo, um mútuo ajuste entre partes iguais.

Tôdas essas reformas radicais Miss Anthony viveu para as ver como floração do seu trabalho. Mas não fruiu da melhor de tôdas elas. Ainda que alguns Estados isolados estabelecessem uma lei concedendo o direito de voto as mulheres, o projeto de lei nacional para o sufrágio feminino não foi aprovado até 1920, catorze anos após a morte dela.

Mas até o último dia da sua vida se esforçou para conquistar a vitória final. Sua vitalidade permaneceu inquebrantável até o fim. Principalmente sua vitalidade *mental*. "Miss Anthony", escreveu o *Herald* de Chicago em 1895, emagreceu ligeiramente, e sua figura se tornou mais espiritual... Com suas mãos diáfanas, seu rosto fino, e seus olhos de vivo brilho, ela se parece ao papa Leão XIII. Tôda a personalidade física está quanto possível dominada pela personalidade intelectual".

Todavia, suas fôrças físicas "dominadas" permitiram-lhe, como auge dos trabalhos de uma vida inteira, fazer uma excursão pela Europa e escalar o monte do Vesúvio. Com a idade de oitenta e quatro anos, compareceu a um congresso feminista na Alemanha, discursando, escrevendo, recebendo visitas, debatendo idéias; uma fonte inesgotável de perpétua juventude.

— Como consegue manter sua energia? — perguntou-lhe um admirador.

— Conservando-me à frente de uma causa impopular — replicou ela.

Sua estadia na Alemanha foi marcada por um incidente que serviu para ilustrar a mentalidade retrógrada do govêrno prussiano. Para passar o tempo durante um período chuvoso, ela escreveu uma porção de cartas aos seus amigos da América. Em tôdas essas cartas estavam entremeados seus lugares-comuns: "nenhum govêrno legítimo pode ser constituído sem o consentimento dos governados"; "tributação sem representação é tirania". A coleção inteira dessas cartas foi-lhe devolvida ao hotel com a seguinte nota oficial: "Tais opiniões não podem passar peios Correios da Alemanha".

V

Susan Anthony faleceu com oitenta e seis anos, e ainda em atividade. O seu aniversário ia ser comemorado em Washington. Ela sofrera recentemente um ataque de paralisia, e os médicos ordenaram-lhe que guardasse o leito. Mas "tia Susan" deu uma risada.

— Se o martelo tem de bater — disse ela — que bata enquanto eu estou de pé.

E foi pràticamente enquanto estava de pé que recebeu o golpe. Compareceu ao jantar em sua honra e, em resposta à ovação, levantou-se para fazer seu derradeiro discurso inflamado.

— O que peço não é aplauso, mas justiça.

E justiça, declarou ela, seria feita fatalmente.

— A vitória é certa!

Suas fôrças desfaleceram logo que regrossou para casa. Enterraram-na em meio a uma tempestuosa nevada, adequado final para uma heroína que durante tôda a vida sulcara com seus passos os montões de neve.

DATAS IMPORTANTES NA VIDA DE SUSAN B. ANTHONY

1820 — Nasceu em Adams, Massachusetts.

1852 — Organizou a primeira sociedade feminina anti-alcoólica da América.

1854 — Começou sua longa carreira de agitação em prol dos direitos femininos.

1856 — Assumiu papel ativo na Sociedade America Anti-escravista.

1868 — Deu início à publicação de um semanário que defendia os direitos da mulher: *A Revolução*.

1869 — Tornou-se vice-presidente da Associação Nacional do Voto Feminino.

1872 — Foi prêsa por ter dado um voto na eleição presidencial.

1884 — 87 — Colaborou na *História do sufrágio feminino*, em quatro volumes.

1899 — Apareceu pela última vez em público como delegada à *Conferência Internacional de Mulheres* (Londres).

1900 — Foi celebrado pùblicamente seu octogésimo aniversário.

1906 — Morreu em Rochester, Nova Iork.

A ANEL

(Cont. da pág. 45)

Pagou e saiu. O movimento na rua da Carioca era intenso aquela hora da tarde. Caminhou até a praça Tiradentes. Observava as vitrines, sem nenhum interesse. O pensamento andava longe... Logo adiante, chamou-lhe a atenção um grande ajuntamento de pessôas. Um dêsses vendedores ambulantes, que a todo momento se encontra nas ruas da Capital, fazia o reclamo de bonitos anéis de metal americano, a 8 cruzeiros cada um; 3, por vinte. Furou a multidão. Voltou. Consultou o relógio. Trinta minutos haviam decorridos. Procurou a encomenda. Estava pronta. Examinou-a. Lá estava em letrinhas bem feitas o nome adorado. Tinha que se apressar para chegar à Cinelândia a tempo. Sim, porque tudo tinha

O ANEL

(Cont. do número anterior)

que ser resolvido nêsse mesmo dia. Não podia deixar a onda de audácia evaporar-se.

Fez o trajeto em poucos minutos. Colocou-se num ponto estratégico. Bréve divisou o vulto adorado, caminhando apressada e elegantemente. Trajava um vestido de cetim côr de chumbo, que lhe modelava as formas provocantes. Passou por êle, ignorando-o como sempre, e com ela uma onda de perfume e de volúpia... Que delícia para os olhos e o olfato... Militino seguiu-a a cinco passos de distância. Vacilou ainda, como vacila um general antes de desfechar o ataque. Porém, se fraquejasse agora, nunca mais teria coragem. Olga já se preparava para atravessar a rua. Militino decidiu-se. Abaixou-se, fingindo apanhar o anél que já conservava na mão, ao mesmo tempo que gritava:

— Senhorita! Senhorita!

Todas as moças que transitavam, pararam hesitantes.

— Isto caiu da sua mão, senhorita — disse o rapaz avançando para Olga.

Os curiosos que haviam parado, olhavam-no interessados. A moça também. Quando Militino chegou bem próximo ela falou, dispondo-se a seguir.

— Deve ser engano...

— Veja bem, senhorita. — Insistiu. — Vi perfeitamente quando êste anel caiu da sua mão.

E apresentava o pequeno aro de ouro com bonita pedra que faiscava aos movimentos de sua mão.

O aborrecimento estava visivelmente estampado no rosto da moça, quando repetiu:

— Já disse que deve ser engano, senhor, eu não...

— Veja! — Interrompeu Militino — Há um nome gravado: é Olga!

— Mas... E' meu nome! — Fês a moça admirada.

Os curiosos aproximavam-se mais. O plano corria às mil maravilhas. Justamente como previra.

Ela chegou-se junto dêle, tomando o anél na mãozinha fina.

— E' verdade... Olga... Está gravado... Que interessante...

Examinava-o com interesse. Naturalmente que já havia reconhecido ser uma jóia de preço.

— E o senhor viu quando caiu... — Disse embaraçadamente.

— E' verdade, senhorita. Chamou-me a atenção a sua encantadora figura e ao observá-la vi, perfeitamente o anél cair de seu dedo.

Olga conservava-se tão junto dêle que sentia o perfume que dimanava dos seus cabêlos ondulados. Passava agora o anél de uma para outra mão, duvidosa do que devia fazer.

Um senhor gordo, de calva reluzente, ponderou:

— Não hesite, senhorita, é claro que o anél é seu...

E piscou os olhinhos significativamente.

— Que sorte! — Comentou a lourinha decotada, que o acompanhava.

— Deve ser imitação barata... — Alguém falou.

Alguns já se retiravam desinteressados. Militino já se sentia mal com a hesitação da moça. Por fim ela se decidiu. Tomou a jóia entre o indicador e polegar direitos, experimentando colocá-la no anular da mão esquerda. Não serviu. Fôra um detalhe no qual o rapaz não pensára. Porém, agora, a moça não se mostrou embaraçada. Enfiou-o no dedo mínimo da mesma mão.

Em seguida, dirigindo-se mais aos circunstantes do que ao próprio Militino, disse:

— Como estou esquecida. Ganhei, ôntem, êste anel e nem me lembrava. Se não fôsse a bondade dêsse senhor... E designava o funcionário, que estava admirado vendo o rumo que a coisa tomava.

O homem gordo e calvo concordou com meneio afirmativo do crânio limpo e lustroso.

Alguém gargalhou ruidosamente como se houvesse compreendido a farsa.

Militino estava desconcertado. Jámais pensara nêsse desfecho.

— Tome — disse a moça, virando-se para êle — mesmo levando-se em conta que o serviço foi mínimo, bem merece esta gratificação.

E virando-lhe as costas, sem ao menos olhá-lo, seguiu com o seu passinho airoso e provocante, enquanto Militino, perplexo, estático, sem ação, ficou olhando-a até sumir entre a multidão. Desiludido e amargurado, amarrotava na mão a cédula de dez cruzeiros que o «seu amor», mimo de honestidade e candura, lhe metera na dextra, como gratificação...

O AMIGO DAS COBRAS

(Cont. da pág. 33)

— Há uma grande semelhança, aparente embora, entre a serpente e a mulher — observou o moço. — Tanto esta, como aquela, atrai e trai... Mulheres e cobras!... Até nas Escrituras Sagradas andam juntas! O Diabo as fêz, e Deus as separou...

— Nem Schopenhauer falou assim... — comentei galhofeiro.

E, admirado do natural e irresistível encantamento que exerciam sôbre mim as tenebrosas histórias que êle contava, voltei a ouvi-lo com atenção. Elas causavam asco, horror — mas eu queria ouvi-las.

— Êstes dentes, por exemplo, são testemunho vivo (embora estejam mortos — observou, picante) de uma história terrível. Cobras e mulheres... — murmurou pensativo, abrindo um pequenino estôjo, onde duas prêsas recurvadas urgiam da fenda aberta no veludo azul do escrínio. E explicou-nos que a peçonha fluía pelo canal ao longo dos dentes ocos, que a bôlsa que a segregava situava-se sob os olhos. Eu examinava, admirado, os dentes inertes, quando êle falou, abrupto:

— Cleopatra suicidou-se, fazendo uma áspide picá-la. Parece que a áspide não morde; dá ferroada com a cauda, como o escorpião amarelo! Também êstes dentes mataram uma mulher — concluiu, em tom melancólico.

— Suicidou-se? — indagou meu companheiro.

— Não. Ela não era mulher de suicídios. Foi assassinada... Com esta cobra... — esclareceu, lúgubre, segurando o estôjo.

Ficamos estarrecidos. Impressionável e sentimental, proclamei que só um tarado mataria uma criatura de maneira tão cruel.

— Se a triturasem, ou se a matassem lentamente, como o faziam os mouros aos espanhóis, cariando-lhes dentes vivos com lima e rebôlo, ainda seria pouco para o mal que ela causou a um amigo meu.

— Conheceu-a? Era bonita? — perguntei.

— Era bonita!?... A eterna pergunta.. — fêz êle, debicando. — Não há mulheres feias nem bonitas... São tôdas iguais! Mas voltemos a ela. Era de estatura meã, morena, de um moreno pálido, cabelos quase negros; o que fascinavam eram seus movimentos lentos, movimentos de serpente, sua maneira plácida de falar e seu olhar. Que olhar! Fitava suavemente, como a suplica eternamente. Tenho-a sempre diante do olhos... Fascinante como uma cascável!

— O senhor teve alguma coi...?

O moço carregou o cenho e despejou um olhar de repreensão em meu amigo, que nem completar pôde a pergunta.

— Que fêz essa mulher, para merecer tal fim? — inquiri.

Voltamos à sala de jantar, e êle continuou sua história.

— Há anos, um amigo meu, topógrafo como eu, e inteiramente devotado à sua profissão, conheceu no interior de Minas uma caboclinha. Maria Aparecida, chamava-se ela. Vivia na miséria, num rancho perdido no sertão, ao lado dos pais. Suas roupas eram trapos. De noite, cessados os trabalhos, êle buscava o convívio dos sêres humanos. Travou relações com aquela gente. Soube da história de Maria, igual à de outras moças do interior, e como elas afundadas na miséria e ignorância; haviam na seduzido e abandonado. Segregado da presença de outras mulheres, tornou-se amante fugidio da cabocla. E, apaixonado por suas maneiras langorosas e olhar súplice, trouxe-a consigo quando deixou o interior. Ensinou-lhe a vestir-se, a andar, a comer, tudo, a ponto de poder aparecer com ela em São Paulo. Dona de uma inteligência amoldável como cêra, aprendia tudo com rapidez. Analfabeta, e não sabendo falar corretamente, fugia de tomar parte ativa nas palestras, limitando-se a responder afirmativa ou negativamente, a sorrir, a fazer trejeito. Evitava, hàbilmente, expor sua ignorância e linguajar rústico. Meu amigo sentia-se feliz. E, generoso, deu-lhe vestidos caros, presentes, jóias até — coisas que ela jamais sonhara ver, quanto menos possuir! Um dia a sertaneja desaparece. Nenhum aviso deixou, mas meu amigo logo

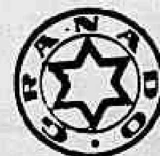


MUITÍSSIMO MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

Mr. AMERICO ABOAF

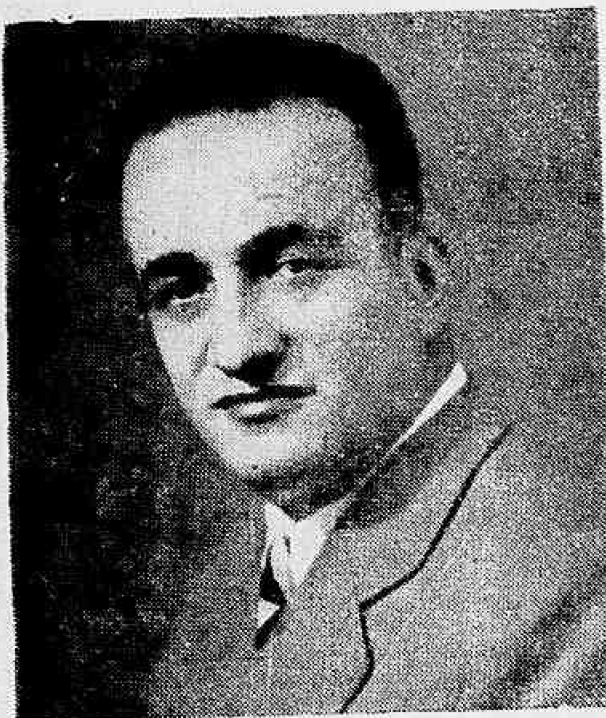


Publicámos aqui a grata notícia de ter sido nomeado para o posto de Vice-Presidente da Universal International o Sr. Américo Aboaf, nosso velho conhecido já tendo aqui estado várias vezes quando ainda Supervisor das filiais da Universal-International nas Américas Central e Sul.

Mr. Américo Aboaf iniciou sua carreira cinematográfica na Paramount na Itália, tendo ingressado na Universal em 1939. Homem de grande tirocínio comercial, muito dinâmico, falando vários idiomas corretamente, sem dúvida fez jús à escolha feita por Mr. Al Daff, Presidente da Universal International Films, Inc., pois junto com o novo posto de Vice-Presidente, Mr. Aboaf será igualmente Assistente direto de Mr. Daff.

Muito em bréve vamos ter o prazer de renovar nossos conhecimentos com Mr. Aboaf já que a Universal anuncia para a semana de 12 a 18 de Novembro próximo uma Convenção de todos os representantes Sul Americanos aqui nesta cidade do Rio de Janeiro, quando serão então planejadas recepções várias.

Aproveitamos esta oportunidade para estender à Mr. Aboaf os nossos votos de felicidades para uma fecunda gestão no novo posto.



Por ato do Dr. Jurandyr Pires Ferreira, foi designado chefe do Serviço de Subsistência Reembolsável da Central do Brasil, o Dr. José Jorge, do Serviço Jurídico daquela autarquia. Moço de raras virtudes, orador dos mais categorizados, José Jorge tem se sabido impôr pela sua maneira no trato e pela sua contagiante simpatia. Nunca é demais lembrar que o novel chefe de serviço iniciou sua carreira pública como trabalhador de estação, galgando todos os postos, através seus esforços, até atingir o de chefe de serviço. Feliz foi a escolha do atual diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil.

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr.	Extratos 50 gr.	Loções ¼
	Cr$	Cr$	Cr$
Crepe A — Super ...	12.00	22.00	30.00
Madeiras A — Super	12.00	22.00	30.00
Rosa Natural — Super	13.00	22.00	30.00
Jasmim Super	10.00	22.00	30.00
Violeta B — Super ..	13.00	22.00	30.00
Q. Fluers — Super ..	15.00	25.00	35.00
Fl. Amor — Super ..	15.00	25.00	35.00
Mitsko — Super	18.00	25.00	35.00
Arp. 8 — Super	20.00	35.00	40.00
Tabac B — Super ...	21.00	35.00	40.00
Tabul — Super	25.00	35.00	40.00
Chon 5 — Super	25.00	35.00	40.00
Nuit N — Super	25.00	35.00	40.00
Cuir R — Super	25.00	35.00	40.00
Narcisse N — Super..	25.00	35.00	40.00
Pretx — Super	35.00	45.00	55.00
Rumores — Super	35.00	45.00	55.00
Escandalo — Super ..	35.00	45.00	55.00
Tabul GR — Super ..	35.00		
Flor Maçã LF	50.00	70.00	70.00
Soupplesse LF	50.00	70.00	70.00
Biarritz LF	50.00	70.00	70.00
Monte Carlo LF	50.00	70.00	70.00
Arabesque LF	80.00	80.00	80.00
Heno del Campo LF .	80.00	80.00	80.00
Casino LF	80.00	80.00	80.00
Violette Feuilles LF ..	85.00	105.00	105.00
La Rose Rougeatre LF	85.00	105.00	105.00
Despesas Reembôlso ..	6.00	6.00	6.00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO

Secção Especializada para Guarda de Títulos e Valores

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

a imaginou com outro. O que sofreu! Na ânsia de encontrar a víbora que o enfeitiçara, desleixou-se em suas ocupações, a ponto de perder seu esplêndido emprêgo na Companhia Paulista. Com o tempo sua paixão cedeu, e reergueu-se na vida. Descobriu, um dia, que Maria figurava no bailado indígena de um cabaré. Aquilo o chocou; não obstante, a esperança de revê-la brotou em seu coração. Não se animava, porém, a procurá-la; timidamente a escabichava. Vira-a diversas vêzes, acompanhada de amigas, homens, sòzinha outras vêzes, de automóvel, de bonde, rumo ao Braz. Ocupava um apartamento num edifício de poucos andares. Semanas e meses êle espreitou-a. Tempos depois ela passou a morar na Luz. Já não trabalhava no bailado. Seus vestidos não mais se revezavam, e o moço alto e loiro que a acompanhava desaparecera. Êle continuou a espiá-la. A situação dela parecia piorar cada vez mais. Servia, agora, num café frequentado por carregadores e graxeiros. Inadvertidamente, uma tarde, meu amigo topa com ela. Maria quer fugir, mas êle a detém e leva a um restaurante próximo. Chorosa, a pedir perdão, conta suas amarguras, atribuindo a um espírito mau seus desvios... Imaginem! Obcecado, êle deu crédito aos embustes dela, recolheu-a, vestiu-a novamente, levou-a a uma casa espírita, médico... Passou a tratá-la — imaginem só! — como uma criatura física e espiritualmente enfêrma...

(Continua no próximo número)

ODILON SEM DULCINA

(Cont. da pág. 23)

ATÉ QUE ENFIM

Até que um dia, como dissemos, após muita desilusão, Mário Nunes apresentou-o ao Fróes. Mário Nunes, o décano dos nossos críticos teatrais, era naquele tempo publicista da Companhia Fróis — Chaby Pinheiro e já então redator do "Jornal do Brasil". Fróis disse ao pretendente: — "Vá aparecendo por aí. Qualquer dia surge uma oportunidade."

— Confesso — diz-nos Odilon — que saí sem esperanças. E não voltei mais, porque sempre detestei "caixas" de teatro. Uma semana depois recebo telefonema de Leopoldo Fróes. Voei para o Lírico. Na mesma noite surgi no palco, fazendo o papel de irmão de Fróes na peça, um velho galante.

CONSAGRADO 30 DIAS DEPOIS

Os que já estão dentro do teatro sabem que não basta apenas entrar. E' preciso uma "chance" para que se apareça num bom papel com o qual se conquiste o primeiro degrau da fama, a simpatia do público e bons ordenados. Isto tudo surgiu para Odilon 30 dias depois da estréia. Fróes foi atacado repentinamente de angina. Chamou o rapaz e ordenou-lhe: — "Você vai fazer hoje o meu papel no Teatro Municipal de Niterói, onde estreamos com o "Leão da Estrêla". De noite, Odilon contracenando com Chaby, sabia a sua parte na ponta da língua. Antes de entrar em cena, Chaby anunciou à platéia: "Vai fazer o papel de Leopoldo Fróes o meu colega Odilon Azevedo, que está no teatro há um mês apenas".

Isto foi antes de abrir o pano. Ao fechar o terceiro ato Chaby escreveu na tabela: "Odilon, se não se perder por vaidade, será um ator com "A" maiúsculo". Odilon guarda até hoje essa tabela. O primeiro grande elogio que recebeu em sua vida.

ATÉ AGORA

Vieram depois as viagens. São Paulo, Sul do país. Galã da Companhia Abigail Maia, substituindo Raul Roulien, em 1931. No ano seguinte resolveu formar companhia para fazer o norte. Pediu emprestado 60 contos ao pai e se foi. Enquanto esperava o dinheiro, muitos dos artistas desistiram do contrato. Sòmente Dulcina e seu pai, Átila Morais, permaneceram. Fracasso completo na Bahia. Volta ao Rio. Namôro com Dulcina e casamento com a nossa grande atriz em 1933. Odilon a conhecera trabalhando ao lado de Fróes, no Lírico, e não pensava, nos primeiros encontros, que um dia iria se apaixonar. A paixão veio após contratá-la, quando a convivência a fêz mais conhecida. Após o casamento, formou-se a Companhia Dulcina-Durães. Em 1935, transformava-se em Companhia Dulcina-Odilon, nome que mantém até hoje. E' uma das mais estáveis e organizadas companhias nacionais. Em 15 anos representou 90 peças, seis por ano, em média. Êxito financeiro em quase tôdas, apesar de alguns reveses. O maior foi a temporada no Teatro Municipal, onde levaram "César e Cleopatra", "Santa Joana" e "Anfitrião". Apesar da multidão que compareceu durante um mês e pouco, a bilheteria rendeu pouco, pois a poltrona custava dez cruzeiros. O Ministério subvencionou-os com 300 mil cruzeiros. Os gastos ascenderam a um milhão e duzentos mil. Quer dizer, prejuízo de quatrocentos mil cruzeiros. Um dos maiores sucessos da companhia, senão o maior, é a peça em cartaz «As árvores morrem de pé», já em sétimo mês de representação. Além de ator e empresário, Odilon tem traduzido algumas peças para o seu elenco. Dulcina revelou-se ótima diretora e Odilon aceita com prazer os seus ensinamentos. Um casal que se compreende e se completa como nenhum outro em nosso teatro. Estão revivendo o mesmo amor e a mesma compreensão dos pais de Dulcina, Conchita Morais, a nossa grande atriz, recentemente condecorada pelo govêrno com a Ordem do Cruzeiro do Sul, e seu espôso Átila Morais, já falecido. Odilon sem Dulcina é um grande ator, como já demonstrou inúmeras vêzes, inclusive na Argentina, onde representou em castelhano. O público, entretanto, já se acostumou a vê-los sempre juntos, numa harmonia artística perfeita. Por isso estranha quando vê qualquer coisa parecida com o título desta reportagem. E vai logo saber que história será essa.

N. R.: — Odilon e Dulcina estão de regresso de Buenos Aires, onde tornaram a apresentar "Chuva", com grande êxito.

COMO SE DANÇA O BAIÃO

(Cont. da pág. 31)

— Que silêncio? Eu vou lhe ensinar a tocar silêncio de verdade!

— Eu sei, meu tenente... Mas é que o pessoal aí de fora pede para...

— Quer dizer que o senhor toca para os vizinhos?

— Bem, seu tenente...

— Pois sim! Vai acabar no rádio! Está detido!

★

— Eu gostava de Ouro-Fino e já me havia acostumado àqueles pedidos. Sentia prazer em atender aos namorados românticos. Havia lido algures "O Corneteiro de Copacabana" e procurava arrancar à minha corneta o gemido suave e dolorido de que nos fala Humberto de Campos.

O popular artista procura recordar o poema em prosa do autor de "Sombras que Sofrem", e, com lágrimas na voz, o vai dizendo baixinho para o repórter, como se fôsse uma das suas músicas prediletas.

..."E como é comovente, magoado e cortante, aquêle apêlo metálico, vibrado numa praça de guerra, diante do oceano, que chora, e da cidade, que esplende! Quanta alma, quanta saudade, põe aquêle soldado no grito estridente ou na surdina melancólica daquele instrumento singelo e vazio!... A lembrança da sua casa talvez. Talvez a lembrança da sua terra, que lá ficou, no sul onde as coxilhas se estendem como as ondas do mar, ou no norte, onde a cabana é um ninho à beira d'água, sob a proteção farfalhante dos coqueirais. Aquêle sinal sonoro lançado aos ventos salitrosos não anuncia, apenas, o soldado que se recolhe ao seu catre, mas o homem que se recolhe em si mesmo. Durante o dia foi a faina militar, o exercício, a revista, a aula, a limpeza dos canhões pesados, a desmontagem e a montagem das carabinas ligeiras. O espírito andou por fora e o coração também. Com aquêle grito na quietação da noite, coração e espírito se recolhem. O homem vai, dentro em pouco, sob a cúpula de aço daquele monstro deitado à beira do mar, encontrar-se, frente à frente, consigo mesmo, e conversar com a sua saudade.

Por isso, é tão dolorido, tão fundo, tão cheio de alma, o toque de silêncio numa praça de guerra. Por isso, é êle ainda mais triste, mais longo, mais doce e mais amargo, ao luar, em frente ao oceano que se espreguiça. O soldado nas suas modulações, no Forte de Copacabana, numa noite que atira para o céu e para as ondas sob o anonimato daquelas muralhas, aquelas vozes de saudade e despedida, é poeta e namorado. Êle não sopra um clarim, mas seu próprio coração. E aquêles gemidos e aquelas queixas que se espalham pela praia e se vão perder no mar inquieto e nas montanhas paradas, é êsse mesmo coração que se desfaz em sonoridades para tornar-se mais leve, e caber, inteiro, no peito de quem o tem."

★

— Impressionou-me, deveras, esta bela página... E resolvi ser corneteiro... em Ouro-Fino. Lá eu tinha o meu público, que eram os namorados românticos. Mas o meu desejo ia além... Não me bastava o reduzido público de uma cidadezinha do interior. Sempre ouvi falar no Rio de Janeiro — "A Cidade Maravilhosa". Tocava sanfona para os meus companheiros, no quartel. E êles me aplaudiam, me animavam.

Um dia, quando ninguém esperava, pedi baixa e parti para o Rio. E aqui, entre as multidões formigantes, senti-me como um grão de areia no meio do oceano encapelado da vida. O meu único patrimônio era a sanfona. Com ela haveria de vencer ou fracassar.

UMA IDÉIA FIXA

— As primeiras tentativas saíram frustradas. Certo dia fui a um café onde a frequência era pouco recomendável. Encostei-me num sujeito que parecia ser muito conhecido. Perguntei pelo "dono dos músicos". Disse que era sanfonista e queria fazer uma demonstração. Consegui, num instante, tocar a valsa "Elsa" e o "Vira e Mexe". Foi um sucesso. Fiquei trabalhando com o "baiano" — o Xavier Pinheiro, que passou a ser meu amigo.

A sorte estava lançada. De outra feita fui participar de um programa de "calouros". Toquei valsas, pois pensei que ninguém gostaria de chorinhos. Na primeira tentativa nada fiz; na segunda, igualmente. Mas — como disse Victor Hugo — "uma idéia fixa é como uma verruma: — na primeira volta arranca os cabelos; na segunda, o couro cabeludo; e na terceira, os miolos". Foi justamente o que me aconteceu. Na terceira tentativa fui colocado em segundo lugar no programa do Ari Barroso. O Xavier Pinheiro, no entanto, achava que, se eu tocasse choros — como o "Vira e Mexe" — seria o primeiro colocado. Deixei passar uns dias e voltei. O Ari Barroso, quando me viu novamente, exclamou: — "Outra vez aqui!"... Disse-lhe que ia tocar o "Vira e Mexe". O animador do programa ficou curioso e quis logo saber o que era aquilo. Esclareci que era um chorinho de minha autoria.

— "Então manda" — disse êle. Toquei. Que coisa louca! O mundo parecia vir abaixo. Os aplausos me deixaram maluco! Eu não esperava aquilo. A emoção foi muito forte para mim. Chorei. Chorei de contentamento. Tirei o primeiro prêmio e recebi imediatamente convite para tomar parte em programas da Rádio Tupi. O Xavier Pinheiro ficou exultante com o meu êxito. Bom amigo. Sempre compartilhou da minha satisfação naquelas primeiras vitórias.

★

Depois dos seus programas na G-3 o pai de Renato Murce aconselhou a êste que ouvisse o autor de "Dezessete e Setecentos". E foi bastante ouvi-lo para em seguida o contratar para o "cast" do Rádio Clube.

Luiz Gonzaga é um forte. Soube vencer na vida. Conseguiu ser aquilo que mais desejava e para o qual fôra predestinado: — UM GRANDE ARTISTA.

Hoje, vive tranquilamente, ao lado de sua espôsa, sra. Helena Gonzaga, e de sua sogra, sra. Marieta Cavalcanti, no bairro de Candelária, em Cachambi.

Pertence atualmente ao "cast" da Nacional e da Rádio Cultura de São Paulo. Sendo profundamente humano e sensível, gosta muito de animais e aves, principalmente de cachorros e papagaios. Passa as suas horas de lazer brincando com êsses bons amigos, no quintal de sua casa.

O Brasil inteiro conhece Luiz Gonzaga. Êle e a sua sanfona, os seus ritmos dolentes, os seus sentimentos puros. Sôbre êle escreveu certa vez José Lins do Rêgo:

"Quando saiu o último político e a sala ficou mais familiar, José Américo nos disse: — "Vamos arejar a cabeça com Luiz Gonzaga". E pediu à neta bonita para manobrar a electrola. E aí a voz nordestina do nosso mais característico cantor encheu a casa de uma sonoridade tão cara aos nossos ouvidos paraibanos. Gonzaga trouxe uma novidade à música popular brasileira. Trouxe o sentimento melódico das estensões sertanejas, das "léguas tiranas", das "asas brancas", do gemer dos bois, das confissões de amor. As tristezas dos violeiros se passaram para a sua sanfona, para o seu maravilhoso harmônico. E a gente sente, na voz dolente do homem de Exu, uma sinceridade de coração aberto. A música nordestina entra, assim, como a novidade de Gonzaga, para um primeiro lugar nas irradiações. Pode-se dizer mesmo que Gonzaga renovou, com as suas interpretações, com a sua personalidade de cantor, um meio que andava convencional, sem originalidade, banalizado por meia-dúzia de bocós que vive a roer as heranças do genial Noel Rosa.

O que nos prende ao cantar de Gonzaga, é o que nos arrebata em Noel, é a simplicidade da melodia, é a doce música que êle introduz, nas palavras, a magia do seu ins-

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE!...

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6 — São Paulo

Remessas pelo Reembolso Postal

A venda nas boas Farmácias

trumento, a candura de alma que se derrama nas canções.

A máquina de José Américo nos arrastou ao nosso nordeste de tanto vigor físico e de tanta brandura de coração.

Gonzaga amigo, eu temo que êste Rio de Janeiro de perdição faça mal à tua virgindade de sertanejo."

★

Desde o mais simples cidadão ao mais eminente político, todos apreciam o intérprete de "Joazeiro". Até mesmo o Presidente da República — General Eurico Gaspar Dutra — gosta de ouvi-lo.

BAIÃO COMO SINAL DOS TEMPOS

Mas ao autor de "Pé de Serra" não bastava interpretar. Era preciso criar. Era preciso introduzir coisas novas — como um sinal dos tempos. E assim criou o baião — coqueluche do momento.

— Para lançar o baião encontrei uma alma gêmea da minha — diz Luiz Gonzaga. — Humberto Teixeira sabe escrever para a minha sensibilidade. Também José Dantas é um compositor de grande mérito. — E acrescenta: — "O baião é a quinta-essência da música sertaneja. E' a cantiga dos violeiros cegos nas feiras do interior nordestino. E é fácil de se cantar e gostoso para se dançar." — e, unindo a palavra à ação, pôs-se a exibir com mestria. Como era natural, a êsse tempo, a casa do autor de "Cintura de Pilão" encheu de fãs e admiradores.



A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



Use Cilion que escurece e recurva os cílios, embelezando-os

Cilion

evita caspas e terçóis

PREFIRA O TUBO GRANDE QUE RENDE MAIS

FOLHETIM DA VIDA...

(*Cont. da pág.* 19)

foram tantas que deixou de ser "fiel" e menos "amigo". E, se não havia bacalhau que fartasse os portuguêses — também não havia portuguêses que fartassem o bacalhau de tantos desenganos. Êle vinha. Mas vinha em tal estado, pescado por outras gentes, que só a muita fominha e as poucas quantidades em que chegava permitiam que se esgotassem tôdas as reservas. Com o fim da guerra, porém, as coisas normalizaram-se. O bacalhau vai chegando mas um problema está agora a ser debatido e êste de uma certa gravidade.

Como se sabe, são os bancos da Terra Nova que fornecem as maiores contingências destas espécies que desde sempre eram pescadas à linha. Os pescadores saltavam das traineiras para os seus pequeníssimos "dories" e ei-los isolados, durante horas e horas, entre o céu e o mar. Depois, vieram os arrastões que, como o seu nome indica, tudo arrastam na sua cortina de rêdes. Mas, mais desembaraçado do que êstes, surgiu agora um novo processo de pesca de bacalhau, apresentado pela Espanha e que, com o seu cêrco, tudo devasta à sua roda — incluindo as espécies pequeninas que em tempo próprio hão de crescer e dar ovas reprodutoras.

Os americanos deram conta desta devastação e dos perigos que ela contém para a fauna que povoa os seus mares. E como não estão resolvidos a que o bacalhau leve o sumiço das sardinhas, ei-los atentos a perguntar:

— Afinal, qual é a melhor forma de pescar o bacalhau: pelo processo antigo, que é o mais frequente entre os portuguêses, ou pelos modernos modos utilizados pela Espanha.

A resposta, é claro, não a daremos nós — mas os técnicos, que êsses foram chamados a depor.

A 4.ª ALEXANDRINA

(*Cont. da pág.* 50)

incisão funda, mortal: delirava na mesa e pronunciara aquêle nome fatal para o médico, Alexandrina... Tremeram as mãos do operador; perturbou-se, quis reagir, insistiu e o órgão vital foi atingido... Muito distraído, como desta vez, o médico não lera o nome nas papeletas das enfêrmas... Sabia igualmente que o doutor fôra noivo, pouco antes dos dois acontecimentos, e que o desenlace do noivado muito o abalara.

Era já tarde. Aquietou-se Alexandrina, e, minutos depois, muito fraca e sonolenta, adormecia.

Pela madrugada despertou; alguém passeava no corredor.

Era o médico que fazia a sua ronda noturna, como um fantasma, falando sòzinho. Uma das vêzes em que êle passou diante da porta do apartamento, Alexandrina sobressaltou-se; o médico pronunciara um nome: o seu! Apurou a atenção escutando e ouviu perfeitamente o que dizia: "Alexandrina... Alexandrina... Por quê? Por quê? Por que não esqueço aquela ingrata?"

Alexandrina cerrou os olhos e adormecia, enquanto o médico cantarolava baixinho uma canção de ninar... Tinha a impressão de que era muito pequenina, vestia uma camisolinha de dormir, tôda rendilhada, que lhe ia até os pés, e estava no seu bercinho azul, sendo embalada por seu querido papai...

Fora, a chuvinha persistente, silenciosa, continuava a cair. Lentamente se desfazia a penumbra do aposento... A alvorada despontava.

A VIDA DE FRANCES...

(Cont. da pág. 34)

de Napoleão, a qual lera no *Terceiro Livro* de McGuffey, quando Napoleão chegou a êsse passo com trinta mil homens, perguntou ao guia se seria possível atravesá-lo em maio, quando a neve jazia em grossa camada sôbre o solo.

— Talvez não seja *impossível* — respondeu o guia. — Mas...

— Avante! — ecoou o comando de Napoleão.

Frances estava por sua vez disposta a tirar seu exército de compatriotas do vale da pobreza, levá-los pelos passos montanhosos da educação e fazê-los subir ao cume de uma nova esperança.

— Isso talvez não seja impossível, mas...

— Avante!

IV

Salvação pelo conhecimento. E o Eterno Feminino mostrará o caminho. No seu regresso à América, aceitou a direção do Woman's College de Evanston, Illinois. Seu objetivo nessa nova posição era apartar as mulheres americanas de um passado servil conduzi-las a um futuro livre.

Mas ainda estava impaciente. Um pequeno colégio não era cenário para uma mulher que tinha em vista esclarecer o mundo. Seus talentos exigiam uma ocupação mais vasta, de maior alcance. E essa ocupação se apresentou na Cruzada Feminina Anti-alcoólica. Essa Cruzada acabava de sair vitoriosa nos Estados do Oeste Médio. Em Ohio, nada menos que duzentas e cinqüenta casas de bebidas tinham sido fechadas num período de dois meses. *Aí* estava um movimento para a energia de Frances Willard! Certo dia, em Chicago, os vadios de esquina de rua haviam insultado uma procissão de mulheres. Ela se apresentou voluntàriamente para marchar no próximo desfile, esfolou pùblicamente os calaceiros, e os fêz calar a bôca.

— Aquela mulher tem feitiço na voz!

Estava ansiosa por se atirar de corpo e alma no movimento. Mas como achar tempo para isso? Tinha de ganhar a vida para si mesma e para a mãe, que dependia dela. O movimento anti-alcoólico era pobre. As pessoas de recursos mantinham-se afastadas. Os fundos de que êle dispunha eram escassos, não davam para pagar salários. Como, nessas condições, poderia ela se dedicar à causa?

— Isso talvez não seja impossível, mas...

— Avante!

Foi adiante. Renunciou ao seu cargo no colégio, e entrou para as fileiras anti-alcoólicas. Pela primeira vez na vida sentiu-se completamente feliz.

Todos pensaram que ela estava louca. Isto é, todos menos uma pessoa: sua mãe. Quando Frances debatia com ela o problema da subsistência, Mrs. Willard insistia para que ela não se atormentasse com aquilo.

— Confia em Deus e procede às direitas.

Elas haviam de conseguir o seu sustento, fôsse como fôsse.

Frances chamava sua mãe de Santa Corajosa. E Santa Corajosa sentia confiança quando sua filha marchava pelas ruas, entrava numa casa de bebidas que tinha "seu assoalho com serragem, seus bem convenientes barris de vômito", sua atmosfera nauseabunda, seus freqüentadores de olhar atravessado. Imaginava Frances a se ajoelhar e rezar, e um por um daqueles homens a dobrar os joelhos e se associar à oração.

— Foi soberbo, mãe! Nunca na minha vida, a não ser diante do leito de morte de Mary, rezei com tanta devoção como nessa casa de bebida.

Mas e o sustento, e os rendimentos de ambas? No arrebatamento inicial do seu entusiasmo, quando as mulheres a elegeram para a presidência da seção de Chicago, ela esqueceu de fazer referência à questão da remuneração. E as mulheres, convencidas de que ela possuía outros meios de sub-sistência, entenderam que quem cala consente, e nenhuma retribuição lhe estabeleceram. Repetidas vêzes ela se via forçada a atravessar a cidade para as suas reuniões, pois não tinha níquel para pagar condução. Certa ocasião, quando falava a um vagabundo dos bairros miseráveis, disse:

— Sou muito mais sua companheira do que você pensa. Sei exatamente como se sente. Porque, Deus louvado, eu também tenho fome.

Não tardou muito, no entanto, que suas colegas de trabalho lhe percebessem a penúria e determinassem para ela um reduzido salário para a resguardar das necessidades corporais e espirituais. Mais despesas não podia suportar.

E agora se sentia fabulosamente rica ao se elevar cada vez mais à medida que mergulhava nos ambientes baixos. Passava por uma completa transformação no seu modo de vida. Da respeitabilidade para a má fama. "Em vez da doçura do lar", escreve ela, "tive de me tornar uma andarilha na face da terra; em lugar de bibliotecas, tive de freqüentar edifícios públicos e carros ferroviários; em vez de homens sábios e cultos, tive de ver os rebotalhos das tavernas e das casas de jôgo". Dissolvera seu lar tendo em vista reconstruir os lares do próximo.

Seguira a mais dura das vocações humanas. Como os profetas de antanho, tornara-se uma mercadora ambulante de esperança, o mais ingrato dos artigos a ser oferecido aos desprezados e desprotegidos. Os destroços humanos com quem tratava preferiam a miragem de bebida alcoólica à realidade dos fatos sóbrios.

(*Continua no próximo número*)

MINHA JANGADA DE BAMBU

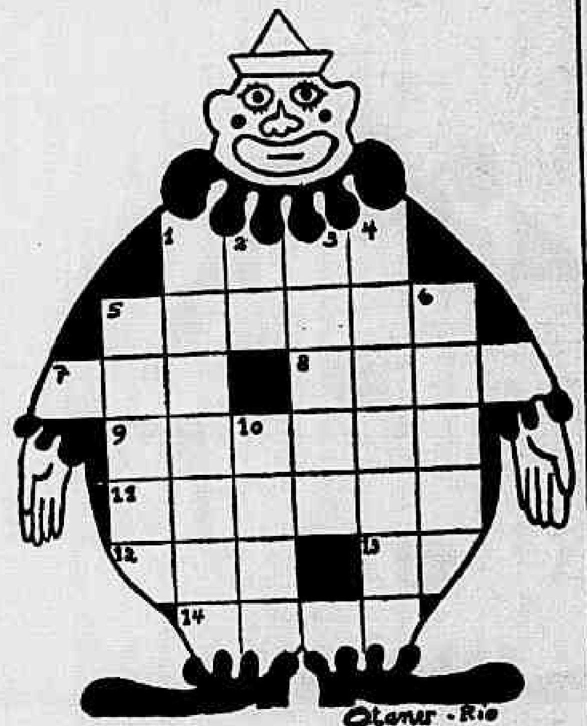
De RENATO DE ALENCAR

Um romance cem por cento brasileiro. Preço: Cr$ 25,00. Pedidos pelo reembolso à Cia. Editora Americana. Rua Maranguape, 15 — Rio.

PALAVRAS CRUZADAS

PARA NOVATOS

PROBLEMA Nº 23

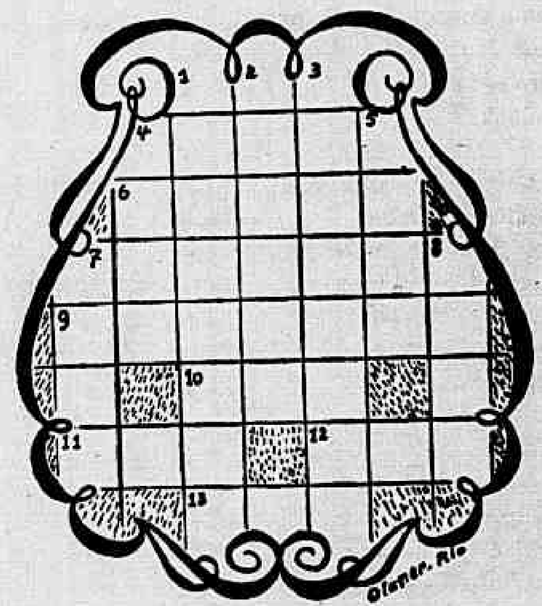


HORIZONTAIS: — 1. Estado do Brasil — 5. Prego de madeira — 7. Substância doce produzida pelas abelhas — 8. Seguiria — 9. Cair água em gôtas da atmosfera — 11. Laço que se desata fàcilmente — 12. Pessoa ou animal albino — 13. Andar — 11. Rezar.

VERTICAIS: — 1. Artista de circo — 3. Loura-avermelhada — 4. Atacar — 5. Peça de marfim dos pianos — 6. O mesmo que "ourar" — 10. Tornar ôco.

PARA VETERANOS

PROBLEMA Nº 23



HORIZONTAIS: — 1. Encontro das abóbadas que descansa na emposta — 4. Emblemas — 6. Enteso — 7. Provocações — 9. Importunara — 10. Vila do Egito na provincia de Sinai — 11. O mesmo que despacho (feitiçaria) — 12. Churi — 13. Adjetivo possessivo.

VERTICAIS: — 1. Que tem côr carregada (pl.) — 2. Ilimitado — 3. Pequeno mastro suplementar — 4. Verniz da China — 5. Ter por hábito — 7. Agudeza — 8. Xarope de sumo de uva.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NÚMERO ANTERIOR

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Óbito — Má — Ès — Rir — Bar — Are — Ad — Nu — Lagoa.

VERTICAIS: — Om — Barbada — Terreno — Os — Al — Ua.

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Pé — Cavi — Irós — Duplas — Amavio — Rédeas — SS. — Al — Massas — Dial — Camina.

VERTICAIS: — Párpado — Evolve — Ciúme — Isaias — Dariam — Sossos — Lada — Usai — Sim — Aln.

★

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

Mães carinhosas... e previdentes

confirmam com orgulho:

para as crianças do Brasil só o TÔNICO INFANTIL



Tudo quê o delicado organismo infantil exige no período de crescimento... cálcio, fósforo, sais minerais e vitaminas — está incluído na fórmula especial do **TÔNICO INFANTIL!** Para que seus filhos cresçam sempre fortes, alegres e sadios, dê-lhes o fortificante certo e eficaz: **TÔNICO INFANTIL!**

O único de fórmula especial para crianças

A 4.ª ALEXANDRINA

(Cont. da pág. 26)

mesa de operações a enfêrma parecia mais pálida quando lhe ataram os membros; uma coisa muito alva lhe afogava os lindos cabelos negros; leve tremor agitava suas mãos delicadas; era bela e graciosa, tinha 21 anos. Enquanto preparavam o campo operatório uma transpiração muito fina unedecia sua fronte. Através do retângulo de vidro do "arquário" a expectativa era pesada. A mãe pôs-se a chorar... Quando se abriu a porta e o operador apareceu, estava tudo pronto. Êle caminhou serenamente, ajustando uma luva, até a cabeceira da mesa deitou um olhar em tôrno: estava sério, envergava as vestes talares, que lhe davam certa imponencia marcial. A paciente moveu a cabeça, deixou fugir um débil gemido, e, abrindo levemente os ternos olhos límpidos, não conteve duas lágrimas grossas, quentes... Evocava a vida alegre do lar; a liberdade, as delícias da saúde, o convívio fraternal; as festas, as amiguinhas... Uma delas morrera em casa de saúde! E se ela morresse alí? Oh! O horror da Morte! A solidão da necrópole, as trevas do túmulo! Volver ao pó, ser nada, não ser! Não! Breve fôsse a operação e a cura...

O dr. Cássio inclinou-se e, com meiguice falou:

— Ouça, minha filha, seu pai está alí fora vendo tudo, olhe para lá, dê-lhe um sorriso, mostre-lhe que está calma e confia em seu médico... A jovem obedeceu. Agitou-se o grupo de assiste tes, além do "aquário". Êle continuou, afagando-lhe paternalmen a fronte fria:

— Não tenha o menor receio, tomará, agora, um "cheirinho"; v dormir um pouco, é necessário, ninguém suportaria a frio, doer horrìvelmente; assim nada sentirá, tenha confiança em mim, e 3 minutos dormirá, quando acordar poderá jogar tênis até com campeão mundial... Tenha coragem, estamos aqui, faça por dormi não resista. Apoiou a mão nua sôbre um braço de moça e sorri novamente, seu riso era espontâneo, puro infantil.

Uma grande surprêsa espiava pelos olhos da paciente, que se tia impressão suavíssima de confôrto e bem estar, e ainda sorri agradecida, quando a máscara foi colocada sôbre seu rosto encan tador. Pouco depois, profundamente entorpecida, parecia um cadá ver. O cirurgião contemplou-a ainda um instante, depois, empu nhando o bisturi e pousando os dedos sôbre o campo de ação mergulhou o aço frio na carne virgem, ferindo o ventre ebúrne da donzela. Agora, curvado, atento, agia com mão de mestre, fi me, conciente. A infecção era imensa: vasta bolsa piógena amea çava o ápice do órgão, pois flutuações perigosas denunciavam 1.ª fase da necrose do núcleo afetado. O operador tinha apena gestos e seus olhos muito brilhantes, pediam, ordenavam, inquiriam indicavam; o pulso da enfêrma fugia, uma injeção foi-lhe aplicada Tilintavam os "ferros" vindo e indo.

A solenidade da cena, a atitude do médico dissiparam as preo cupações dos espectadores, agora tinham confiança. O pai penso em ir ao diretor pedir-lhe um milhão de desculpas, porque o ciru gião retirava as luvas ensanguentadas e a máscara e fitara-o demo radamente, através do vidro, com um ar triunfante; terminara operação, sua filha estava salva! Como pudera êle duvidar daquel grande coração humanitário! Como as aparências iludem! Que pe rícia! Que elegância! Notável naturalidade! Alí o médico revelar sua verdadeira personalidade; era um dígno discípulo de Hipó crates, tratara o assunto com a máxima dignidade! Tênue rubor tin gia a face da paciente; conservava os lábios descorados entreabertos guarnecendo os dentes magníficos.

A fronte do cirurgião gotejava.

No apartamento 8, duas horas depois, a jovem começava a des pertar, reagindo. A enfermeira continha a reação, auxiliada pelo parentes.

Na penumbra ambiente, já meio lúcida rememorava as palavra do médico e o que veio depois das primeiras inspirações do gás parecia-lhe que um avião impertinente voava sôbre sua cabeça ouvia ruídos de feros, o cheiro forte embalsamava-lhe as sensibi lidade; não sentia mêdo porque o médico a seu lado a tranqui lizava, pressionando delicadamente seu braço direito; depois, um silvo longínquo, um salão imenso onde pares rodopiavam como n seu baile de formatura; girava, girava, dançando; sentia vertigens mas o doutor em pé, no centro do salão, dizia-lhe "Nada receie eu estou aqui, pode dançar, dançar faz bem à saúde, dance, nã aperte tanto o cinto, depois vamos jogar tênis, tênis... tênis..." Não tinha a menor idéia do que se seguira, não sofrera nenhum dor. Agora, sim: sentia ardência incômoda na região abdominal onde estava seu pai? Mamãe já almoçara? Estava tudo bem?

A noite desceu melancólica e fria. Uma chuvinha se expandi sôbre a cidade, envolvendo tudo num véu cinzento; as ruas ti nham um aspecto cemiterial, mas no seio acolhedor do hospital faina continuava regular, sem quebra do rítmo diário da luta co o sofrimento, na disputa dignificante, no apostolado anônimo ond a morte, às vêzes, levava a palma...

Naquela noite o dr. Cássio estava de prontidão, e, no momento em que entrou no apartamento 8, a enfermeira acabava de medir temperatura da operada. Ela estava febril, perdera muito sangu na intervenção e parecia dormir, muito abatida, prostrada, imóvel. Tinha as belas mãos côr de neve abandonadas sôbre a alvura do lençóis de linho, a face plúmbea em contraste forte com as olheiras e os cílios negros, aveludados.

Abrindo os olhos e vendo o doutor, iluminou-se-lhe a fisionomia aberta num sorriso franco e cordial. Cássio deu-lhe a mão, que ela apertou com efusiva devoção.

— Então? — perguntou brandamente o médico. — Tudo passou, vai longe o perigo... Sente-se bem?

— Perfeitamente bem, doutor — respondeu dèbilmente a moça.

— Tem um pouco de febre — exclamou a enfermeira, empu nhando o termômetro.

— Não é nada; amanhã não terá mais febre.

— Papai está muito satisfeito... eu também.

— Daqui há 15 dias estará em casa — prometeu o médico. — Qual é o seu nome, minha filha?

— Alexandrina — balbuciou a jovem.

O dr. Cássio recuou vivamente, aterrado, ouvindo aquêle nome; fêz-se muito pálido, dissera-se que cairia se, encostado à porta, não se amparasse com ambas as mãos; seu bigode fino destacava-se como dois traços de carvão num rosto de cera. Estava atônito.

— Alexandrina? — interrogou, quase gritando. — Mas... E' êste o seu nome?

Procurou refazer-se, enquanto Alexandrina, muda, de olhos des medidamente abertos, sem entender a cena, olhava alheia, como o ouvinte que segue apenas o instrumento solista de um conjunto sinfônico, sem atender para a escala cromática dos outros, sem apreciar a gama sonora da combinação orquestral, sem compreende a tonalidade e os matizes da participação dos demais geradores do corpo harmônico da melodia.

Que impressão de pavor lhe poderia causar seu nome? Cássio alisou os cabelos, olhando-a ainda, ensimesmado, como se dela emanasse algum perigo; depois se dominou e deixou o apartamento; havia um conflito em suas reflexões.

— Que foi? — perguntou Alexandrina à enfermeira.

— Não sei; parecia muito preocupado...

A enfermeira nada acrescentou, recordou-se, porém, de que o médico atestara, há anos, 2 óbitos em 2 meses, e de que as mortas tinham aquêle nome, Alexandrina. Foram dois casos negros na vida funcional do cirurgião.

Uma expirara mesmo na Sala de Cirurgia: a operação ia em meio quando Cássio soube de seu nome. Transtornado tivera uma vertigem, o bisturi resvalou, avançando mais do que devia... A outra falecera no apartamento 4, também em consequência de uma

(Cont. da pág. 4[illegible])





O MAJOR-GENERAL H. Gay (à esquerda) e o brigadeiro general C.D.Palmer, da Primeira Divisão de Cavalaria, são surpreendidos numa inspeção pela artilharia inimiga e se refugiam



OFICIAIS NORTE-AMERICANOS em luta na Coréia do Sul, cansados de recentes batalhas na frente, aproveitam alguns momentos de descanso para reentrar na luta de vida ou morte.

A GUERRA NA CORÉIA

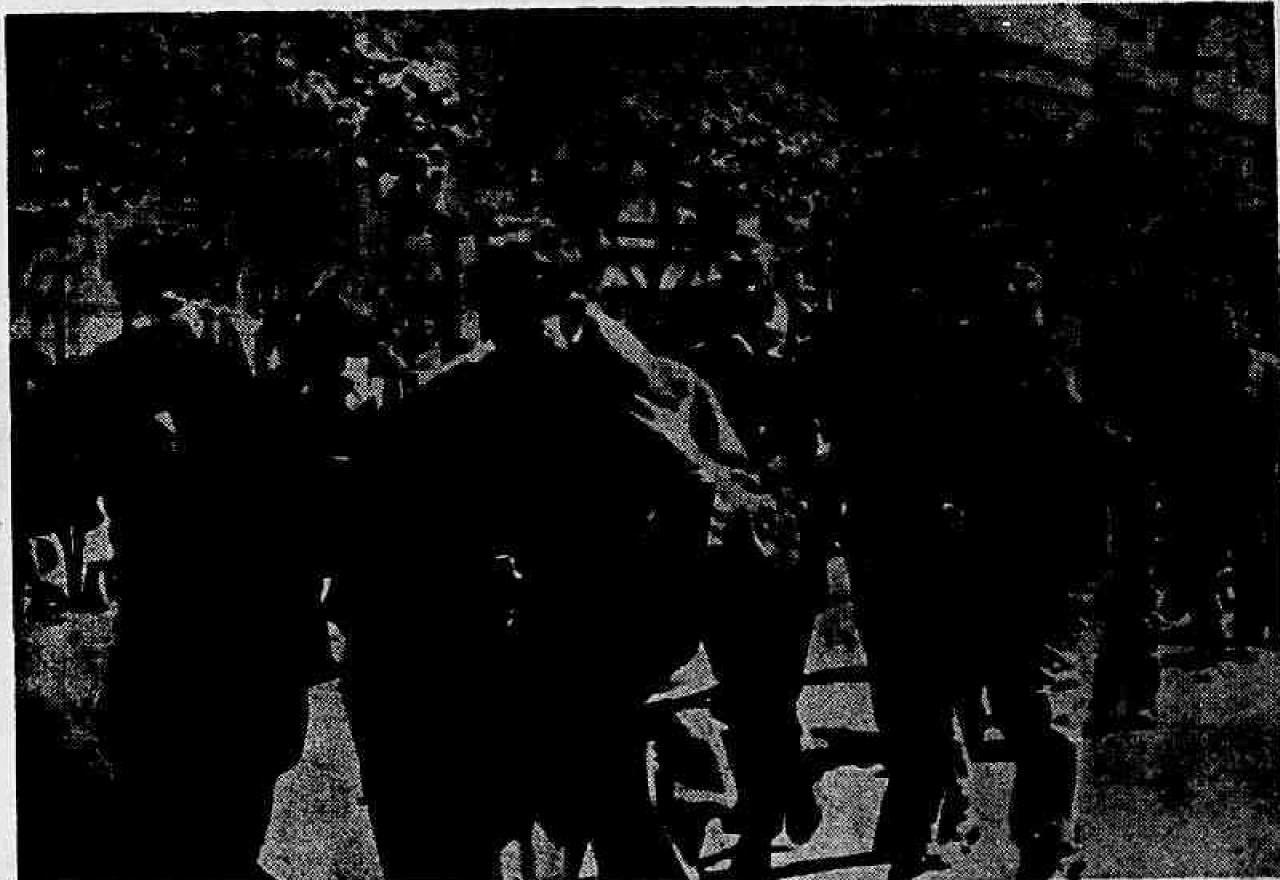
RUMOS NOVOS

MUITA gente está ainda para saber ao certo a origem do conflito da Coréia. Tudo se resume a muito pouco: Abaixo do famoso paralelo 38º, existia uma república de caráter democrático, e como tal reconhecida pelas nações que adotam o mesmo sistema de regime. Ao norte do referido paralelo, por sua vez se instalara outra república, essa de feição nitidamente comunista. A princípio, não surgia nenhum desentendimento entre ambas, fazendo cada qual a sua vida própria, obedecendo a moldes administrativos distintos. E havia razões para acreditar que êsse "modus vivendi" continuasse ainda por muito tempo, cada uma das repúblicas florescendo a seu modo. Os coreanos se acomodavam, cada um de seu lado, faziam a cultura de suas terras, dedicavam-se à familia, cuidavam da leitura dos seus livros sagrados, enfim, a Coréia justificava a tradução exata do seu nome: "Terra das manhãs felizes".

Até quando, um dia, rebentou o conflito. De que lado? Dos coreanos do norte, dos vermelhos, que agiam por estimulo de elementos de fora. Todos compreendiam que por iniciativa própria, sem terem quem os auxiliasse, jamais reuniriam o contingente bélico com o qual, em dado momento, foram de impeto, armados como as grandes potências, invadir a outra parte do



NO SETOR de Yongdong, na Coréa, a luta foi sem trégua. Os tropas norte-americanas tiveram que enfrentar diversas dissimulações do inimigo, oculto por detrás de tabiques.



UM GRUPO DE prisioneiros norte-americanos desfila pelas ruas de Pyongyang, capital da Coréia do Norte. Dentre os capturados em ação encontram-se muitos feridos.

A GUERRA NA CORÉIA



O CHAMADO às armas é um ponto culminante no espírito do reservista, quando a Pátria está em perigo. Aquí vemos o Boyde, da infantaria de Marinha, quando seguia para a luta, tendo ao lado esposa e filhos. À esquerda, o cap. Schn que a 27 de junho, abateu o primeiro caça Yak, na Coréa.



PARECE UM GRUPO de muçulmanos vergados para o chão em suas préces a Allah. Mas não se trata disso. Tôda esta gente se compõe de prisioneiros políticos comunistas reunidos numa praça principal de Taejon, antes de ser a cidade tomada pelas tropas nortistas. Momentos depois, tropas do sul cunduziam os prisioneiros para a cidade de Taegu.

paralelo. Ora, a República da Coréia do Sul, de feição democrática, vinha a ser uma instituição criada sob o sêlo da Organização das Nações Unidas. Naquela primeira arrancada, com seus domínios invadidos de inesperado, não pôde defender-se. Tudo era feito de surprêsa. Armamento, não tinha quase nenhum e o que possuía era deficiente. Poucos soldados de infantaria, também. Enquanto do outro lado, os coreanos do norte tinham a seu serviço o mais moderno tipo de tanques, o modêlo Stalin II, e todo o refôrço que bem se pode imaginar. Claro que sendo assim, pensava-se, a Coréia do Sul seria "abafada" em poucos instantes. E o seria, se as Nações Unidas não agissem. Agiram, entretanto, quando as tropas da ONU começaram a se movimentar. Desde então, o comunicado oficial do General Mac-Arthur refere-se a isso, às tropas das Nações Unidas, que nos primeiros tempos, com um contingente restrito, mal pode fazer face à impetuosidade dos invasores. Por isso houve as derrotas parciais, chegando mesmo a admitir-se que as facções comunistas levassem a vitória a um bom têrmo. Enganava-se quem pensava assim. Foi tudo se estendendo sob êsse clima, enquanto o refôrço dos países pertencentes à ONU, mas principalmente os da América do Norte, não chegaram, em grande escala, ao local das operações. E uma vez consolidando o "front", deu-se ataque à contra-ofensiva. As vitórias pasaram a registrar-se do outro lado. Simultâneamente, em diversos pontos estratégicos desembarcavam os contingentes "yankees" — e eram então os coreanos do sul que debandavam, muito para lá do paralelo 38.. Novos rumos foram traçados — e continuam dando o melhor efeito. Quando redigimos estas notas, indaga-se se as tropas norte-americanas ultrapassarão o famoso paralelo, sabido que êle já foi transposto, em certos pontos, por contingentes menores, nos quais só tomam parte soldados da Coréia do Sul. Quer dizer, para lá do paralelo 38º a luta continuou apenas entre os nativos, uns com os outros.

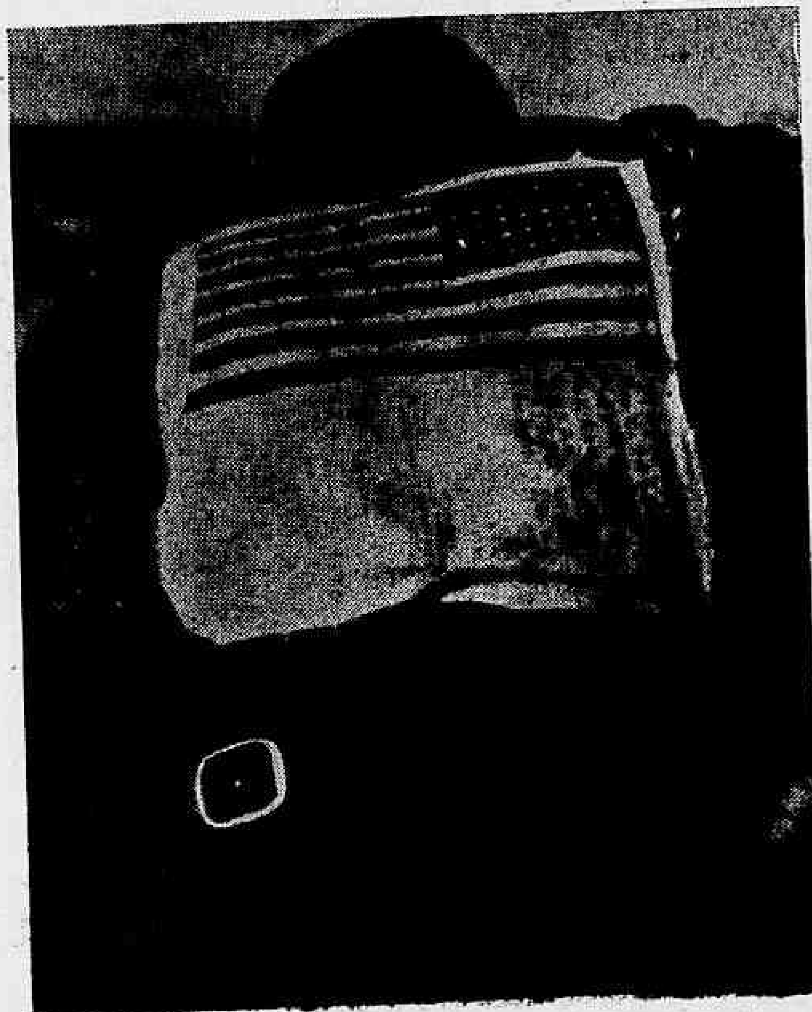
★

Também se esperava que uma reação mais forte fôsse iniciada quando as tropas da ONU se aproximaram da divisão do território coreano. Era de crer, então, que do outro lado, os do norte, novamente amparados por fôrças superiores, resistissem. E que talvez outros conflitos surgissem em lugares remotos, talvez na China, talvez na Ilha de Formosa. Nada disso aconteceu. Até agora, pelo menos. O que há é a debandada definitiva dos coreanos do norte, perseguidos pelos seus irmãos do sul. E as operações militares seguem neste momento, enquanto no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas, os debates continuam.

Eis em linhas gerais a origem do conflito na Coréia e o panorama tal como se desenha nestes princípios de outubro. Virá, daí, mais cedo ou mais tarde, o rastilho da nova guerra mundial? A incógnita permanece no espaço e no pensamento da humanidade.



ASSALTO DE TROPAS motorizadas aos comunistas na costa oeste, com a cooperação de aviões «Mustang» dos Estados Unidos.



CADA AVIADOR americano leva esta mensagem em chinês, manchú e japonês: «Se cair, peço tratamento pelas leis da guerra.



O GENERAL Mac Arthur, em sua recente visita à Ilha Formosa beija a mão de Madame Chiang-Kai-Chek, cavalheirescamente.

ENTRE A PIEDADE E O AMOR









Vou dar agora a massagem em Kent, Mrs. Garvin!

Está bem, Crisfield! Vou dar umas voltas pelo jardim até que o Dr. Vernon chegue.



Boa tarde! Aqui fala miss Paige, do Salão de Leitura da Biblioteca

Alô, miss Paige. Aqui fala Palmer o despenseiro dos Garvin. Mrs. Garvin piorou e precisa vê-la. Dr. Vernon pede que a senhora vá agora mesmo!







Acho, minha querida, que você deverá desposar Kent Garvin. A situação dele não é puramente física. Se fôr tocado por um novo interêsse de viver, especialmente um caso de amor, há probabilidades de restabelecer-se ainda!

3





QUAL SERÁ O PLANO DE ELLEN? DARÁ RESULTADO, OU TRARÁ RUINA À SUA PESSOA?

TUDO ISTO ACONTECEU

FÁBRICA DE PULMÕES



A ortopedia, os milagres da cirurgia plástica, já são coisa sabida e ressabida por todo mundo. Não causa mais nenhum «oh!» de surpresa ou admiração, vermos uma pessôa escrever a máquina ou empunhar a pena ou dirigir automóveis, graças a mãos artificiais. Também não causa estupefação vermos um bom jogador de futebol levar uma canelada violenta de adversário e sair sorrindo, a chutar mais forte ainda a bola. Mas, êsse negócio de pulmão artificial já está assumindo carater de verdadeira revolução em matéria de cirúrgia plástica, ou que nome lhe deram os médicos na arte e ciência de ir substituindo, passo a passo, os órgãos mais importantes do corpo humano. Dizem notícias telegráficas vindas de Berlim, que uma emprêsa de Leipzig entrou a fabricar, em sé-
m novo modêlo de pulmão artificial. O aparêlho é dotado de instalação que permi-
ntrolar, a qualquer momento, a oxidação dos glóbulos vermelhos, e, consequente-
, regularizar a respiração, sem ser o paciente obrigado a interrompê-la, como su-
nos antigos aparêlhos. Finalmente, uma outra instalação especial permite man-
respiração, mesmo quando o doente tem que satisfazer suas necessidades naturais.
ıos, portanto, no limiar de acontecimentos verdadeiramente sensacionais e estupefa-
s em relação aos recursos clínicos e cirúrgicos de substituição de órgãoos vitais de
economia orgânica. Não tardará muito que entremos numa Casa dos Dois Mil Réis
ımos: «Senhorita, quer trazer-me um pulmão B-X40?» E ela: «Só temos T-50, ser-
E' escolher à vontade: pulmão de Baritono, Tenores, Contralto, Soprano...

PARA QUE SERVE O LIMÃO ?



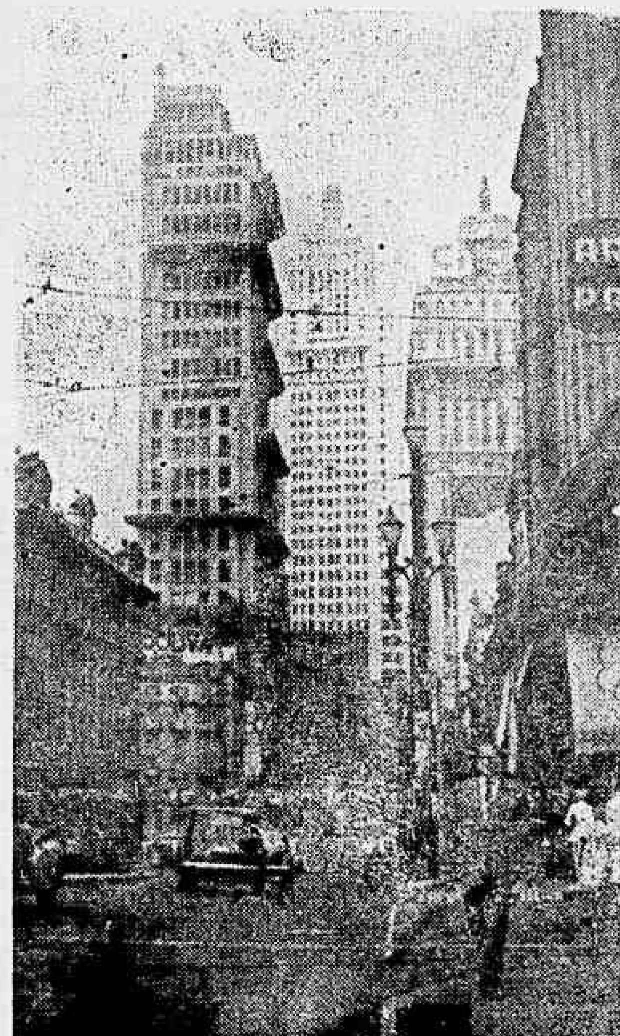
DIZEM os médicos que o limão contém altas propriedades terapêuticas. Afirmam os méstres culinários que o limão é ingrediente indispensável a uma cozinha de primeira ordem. Acham as senhoras cujos maridos costumam exceder-se em «saúdes» aos amigos ou em coquetéis fraternais, que o limão é muito necessário para ser aplicado com café amargo a certas horas da noite. Mas os senhores Alfonso Green, John Ferguson e seus sócios William Harrison e James Thomas, não viam o limão pelo lado humano, higiênico, culinário ou dietético. Acharam que essa maravilhosa fruta cítrica, devia ser aproveitada para ajudá-los nos assaltos à bolsa alheia. Como? — Perguntará o leitor — Assim: os quatro meliantes subjugavam a vítima, que, para ficar completamente afônica, teria que aguentar suco de meio limão na bôca, no ato de ser amordaçada. Pensavam os gatunos que o suco de meio limão (no caso de algum bôca larga, seria então um limão inteiro...) teria a propriedade de anular qualquer possibilidade de gritar. Ora, todos sabemos que, muitas vezes, por mais firme que seja, a mordaça é retirada e o subjugado bota a bôca no mundo. Com o suco do limão, a cousa ficaria resolvida a favor dos assaltantes, e o atacado e amordaçado, mesmo que chegasse a retirar o freio da língua, não poderia articular uma só palavra. Era mais uma propriedade do limão, tornar o indivíduo afásico. E, depois de certificados do sucesso, meteram mãos à obra. A estréia foi o no Sr. Abe Kaplen, que, com mil dólares numa pasta, saiu para fazer pagamentos por conta da firma Goodwear Belt Co. de Nova York. Conseguiram amordaçar o portador do dinheiro e outros dois que estavam presentes; mas o limão bancou o «amigo da onça» e as vítimas gritaram. A polícia veio e...





O MAIOR DA AMÉRICA DO SUL

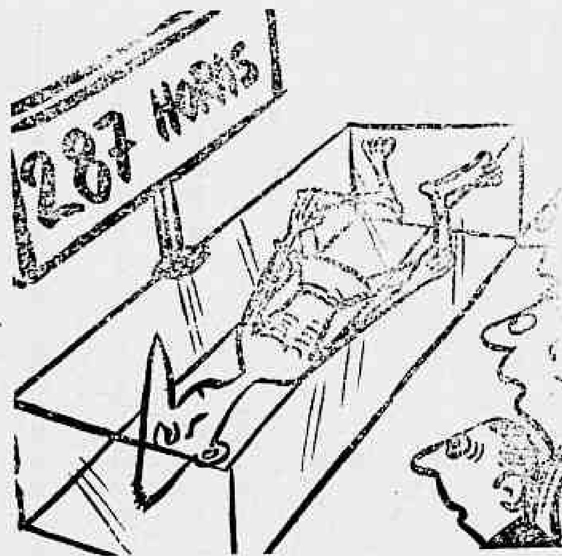
**ꓘO Paulo orgulha-se, com razão, de possuir o prédio mais alto do nosso continente. Nele foi recentemente instalada uma estação televisora, que ocupa os pavimentos superiores e dali começa a oferecer seus espetáculos modernos ao povo da capital bandeirante. Mas acontece que na Avenida São João, na quadra entre a antiga Praça do Correio e a rua São Bento, surgiu
rcabouço de outro grande edifício destinado ao Banco do Brasil, tudo fazendo crer que, uma vez pronto, ficasse ainda
s alto. Razões de ordem técnica impuseram a paralisação dessas obras, e realmente os trabalhos estão paralisados. Assim
mo, uma chapa fotográfica batida da parte baixa da Avenida, nos dá a impressão de ter sido desbancada a altitude máxima
Banco do Estado. Êle aparece comprimido entre o esqueleto do Banco do Brasil e, do lado direito, do edifício Martinelli,
também foi, por muito tempo, o orgulho dos paulistanos. Isso não passa de ilusão de ótica, mero resultado de perspec-
, porque se procurarmos ver o Banco do Estado, de outra angulagem e de maior altura, como na gravura superior à
ita, êle aparece como realmente é — o ponto-de-referência da modernissima São Paulo. E' difícil, agora, para o visitante
cidade, perder-se, porque de qualquer ponto em que se encontrar, erguendo os olhos e situando a tôrre televisora, no tôpo
trinta e quatro pavimentos, poderá seguir rumo certo para qualquer lado. A gravura inferior, à direita, batida mais de
o, reduz as proporções do edifício Martinelli, hoje suplantado por muitos outros. Apenas, a colocação dêsse prédio lhe
ıltava as honras de «teto de Piratininga», título perdido há bastante tempo. Também se afirma que o edifício do Banco
Brasil não poderá erguer-se até tão alto, tendo sido aprovadas as plantas com número menor de pavimentos. A questão
e em juízo e dentro de breve tempo saberemos se o Banco do Estado de São Paulo continuará sendo o maior — ou se
ter um rival pela frente.**





PARIS SE ENCHE DE "BOITES" por todos os lados, aumentando de maneira indescritível o número de lugares noturnos para divertimentos dos franceses e visitantes da grande capital européia. Parece até que os franceses estão querendo, com tantas salas de dança e cantos jocósos e picantes, contrabalançar a tensão dos ânimos mundiais provocados pela guerra na Coréia. Uma das mais recentes novidades é o cabaré «Lady Patachou», cuja proprietária, a famosa Mme. Patachou, acha que todos os americanos em visita a París e os demais frequentadores de seu estabelecimento, caiam na dança do «can-can», entre as numerosas padronagens de gravatas que enfeitam o local da exibição, e que representam um símbolo da casa.

PARA QUE ISSO?



O nome de fakir é sinônimo de pessoa capaz de sofrer os maiores horrores físicos, sem tugir nem mugir. Dizem que esses indianos, para chegar à insensibilidade física, desde criança fazem treinos dolorosos. Abstraindo da dôr física, eles serão capazes de suportar provas inacreditáveis para aqueles que vivem gemendo e se queixando com uma simples dorsinha de dentes. Não é sòmente a prova desses sofrimentos que dão aos fakires um halo de santidade e profetismo nêste século. Eles também apreciam outras demonstrações de resistência da carne perante o mental. De quando em quando surgem campeões de resistência à fome, à sêde, ao ar puro que todos devemos respirar para poder viver sem maiores complicações. Uma dessas provas é a do enterramento em urnas, como se o indivíduo já estivesse morto e entregue aos vermes. Um desses fakires e, talvez, o mais famoso pelas proezas de inumação voluntária, é o sr.. Ben Amalfi. Há pouco tempo, na cidade de Innsbruck, deu êste espetáculo: passou enterrado e sem alimentar-se, durante 270 horas! O fenômeno empolgou a atenção do povo, pois todo mundo sabe que o organismo humano precisa de combustível para transformá-lo em calorias e de água para temperar as funções da economia interna. Pois bem: êsse fakir acaba de bater seu próprio recorde e ficou pela espaço de 287 horas, enterrado num caixão, sem comer. Com isso ultrapassou de 17 horas o tempo anterior. Nada menos de 11 dias e 23 horas sem comer nada! E nós que, mal demora um minutinho o almôço, já estamos batendo na mesa: Garçon! Mas francamente, para que isso?

DUELO DE JUIZES



NÃO há nada mais produtivo do que uma briga de magistrados em tôrno de direitos e deveres. Como todos sabem, os togados de borla e capêlo, os homens de garnacha e empunhadores de varas simbólicas, quando travam luta na campo do Direito, proporcionam aos leigos e ao público em geral, belíssimas lições que a todos aproveitam. A coisa só fica prêta quando descamba os contendores para as retaliações pessoais ou então para os erros de gramática. Mas, se os duelistas se apegam aos postulados do Direito e dos Códigos do Processo, o prélio é dos mais admiráveis. A campanha eleitoral que acaba de travar-se revelou ao Brasil facetas ainda desconhecidas do nosso povo. Uma delas acaba de ser publicada e comentada: um «habeas-corpus» impetrado pelo Juiz da 5ª Vara Criminal, Dr. Antônio Teles Neto, para não ser forçado a comparecer para receber instruções eleitorais, na qualidade de mesário. Sustenta o magistrado que o mesário só é obrigado a comparecer no dia do pleito e da apuração. Pos êsse motivo requereu «habeas-corpus» preventivo. Entretanto, por fóra dos seus direitos, soube vingar-se da picuidade do seu adversário que o estava ameaçando até de prisão, caso não comparecesse... para ser instruido num assunto em que o Dr. Teles Neto é doutoríssimo. Que fez o magistrado? Embora se sentindo honrado com a nomeação, explicou que os Juizes de Direito devem ser Presidentes de Juntas Eleitorais, ficando as funções de mesários a bacharéis, professores, serventuários da Justiça, etc. Mas, estava contente com a honra. O que não admitia era o comparecimento sob pena de prisão, antes das eleições; mas o Dr. Teles Netou deu xeque-mate, nomeando a espôsa do seu «amigo da onça», para secretária...

CALMA DE DOMADORA



HÁ muitos anos houve em S. Paulo um doloroso episódio com várias mortes, pisaduras, ferimentos leves e graves, quando um cinema repleto de crianças foi prêsa das chamas. Segundo disseram os jornais, o que faltou, no momento, foi uma voz de comando que acalmasse os espectadores e conseguisse realizar a evacuação da casa em ordem. Mas, ao primeiro grito de «fogo!», deu-se o estouro da boiada. Na platéia, nos balcões fervilhou a multidão em desordem, todos, a um tempo, correndo desabaladamente em direção às portas de saida, quase sempre insuficientes e estreitas. Faltando a luz pelo curto circuito, ficou tudo em trévas. Era o fim do mundo. Gritos, choros, e tumúlto dos que estão vivos e vêm a morte diante dos olhos. O resultado todos ainda sabemos qual foi. Uma catástrofe. Na verdade, em casas de espetáculos, em circos, etc., os que dirigem as funções para divertir o público, devem estar sempre em estado de domínio sôbre si mesmos, capazes de comandar multidões com a necessária calma em momentos de pânico. Vejam o que sucedeu com uma domadora de leões em Hodhille, na Inglaterra, faz pouco tempo.. Uma companhia de revistas, ao levar à cena a peça «Frenc Mustard», teria causado verdadeira catástrofe, não fosse a calma da domadora de um leão que tomava parte nas representações. A casa estava superlotada e não perceberam os espectadores, que o leão que estava no palco a lamber a grama do pano que servia de fundo de cenário, havia fugido da jaula e estava completamente livre para cair sôbre o mais gordinho de sua escolha! Baixado o pano, a domadora com uma calma de quem não possui nervos, reconduziu a féra à prisão. Imagine-se o que não seria se êla gritasse: «O leão soltou-se!»



EM MEADOS DE AGÔSTO PRÓXIMO FINDO, cinco mil iugoslavos da região de Gorízia que o tratado de paz outorgou àquele país esloveno, como um dos castigos à Itália, atravessaram a linha de demarcação e penetraram na Itália. Eram grupos inumeráveis de homens, mulheres e crianças que vinham fazer compras de vários objetos, especialmente fazendas, artigos variados e que estão hoje muito raros na Iugoslávia, a altos preços. Aqui vemos algumas senhoras em companhia dos filhos, já de volta para suas casas na Iugoslávia, exibindo triunfalmente os objetos comprados, o que não seria possivel em sua pátria, não sòmente pela carestia, como pela dificuldade de encontrar.

ALAGOAS, CAPITAL ARACAJÚ!



JORNAIS do dia 2 de outubro divulgaram um episódio um tanto humorístico, mas, no fundo, bastante deplorável. Em meados do mês de junho dêste ano, foi instaurado inquérito no 23º Distrito Policial do Rio, para apurar a responsabilidade criminal de um cidadão que, anteriormente, havia sido acusado de ter agredido a faca um outro habitante desta cidade. O processo foi distribuido ao Juizo da Quinta Vara Criminal, achando-se assim redigido um trecho das informações sôbre a vida pregressa do acusado: «Descendente de humilde família da cidade de Aracajú, capital do Estado de Alagoas, sòmente pôde cursar as primeiras letras». Quando advogado, juizes e demais pessoas que vivem ali pelo fôro, ouviram isso ou de tal tiveram notícia, não puderam suportar o riso. Houve mesmo gargalhadas que muito perturbaram o ambiente áustero de Themis (com «h», em repeito às tradições gregas) onde só deve haver respeito e compostura. Não sabemos, leitor, se o Comissário cometeu uma inadvertência ao dar ao Estado de Alagoas a capital de Sergipe, ficando numa sinuca de bico para explicar a que Estado pertenceria a cidade de Aracajú, ou se, em verdade, ignora essas cousas de capitais de Estados pequenos e longínquos. Mas, isso vem mostrar que não devemos ficar indignados quando europeus e norte-americanos escrevem endereços assim: «Fulano de Tal, Rio de Janeiro, Argentina...» Ou: Sicrano de Tal, Buenos Aires, Brasil». Ora, se um Comissário na Capital Federal, comete desses erros de pessoa que nunca frequentou curso primário, como aquêle humilde SERGIPANO DE ALAGOAS, como vamos ficar espumando de ódio com a ignorância de estrangeiros?

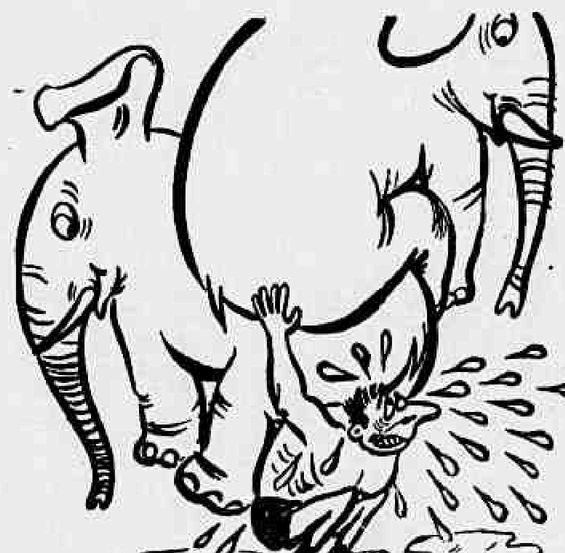


A ÍNDIA É O PAÍS dos mais exóticos costumes, especialmente, em relação à vida no outro mundo. Aqui vemos um desses aspectos de crença e fé entre o povo. Êste santo indú morreu; mas, em tão deplorável estado de pobreza, que não deixou um centavo para ser enterrado no sagrado mistério do Ganges. Mas, como não era possivel que sua alma ficasse em má situação diante das creanças indús, houve discípulos de almas caridosas que expuseram o corpo do falecido, acenderam velas de incenso em plena praça pública e começaram a cair ao chão pobremente forrado, as moedas para a compra da sepultura fluvial com a respectiva pedra do cerimonial fúnebre. A Índia é um país de tradições e de crença milenárias. Êste quadro é uma página de história.



ÊSTE HIPOPÓTAMO DO ZOOLÓGICO de Francfort não está, como parecerіa à primeira vista, recebendo uma garfada de alimento. Nada disso. O que sucede é apenas isto: o guarda assistente do zoo, todas as manhãs, vai fazer a higiene da dentadura do hipopótamo, esfregando-lhe nos molares e caninos, um chumaço de crina embebido numa solução de água com sabão. Espetado na ponta de uma vara bastante longa que possa oferecer segurança ao amável «dentista hipopotâmico», o monstro abre a bocarra e recebe com muita satisfação a esfrega de água ensaboada. Não sabemos se os hipopótamos apreciam essa espécie de dentifrício; mas, que não se mostram irritados temos a prova no comportamento de «Antônio», o hipopótamo do Zoo de Francfort.

COSTAS LARGAS



NÃO sabemos de onde vem êste dito popular: «Fulano faz isto porque tem as costas largas». Mas, em Trenton, Nova Jersey, Estados Unidos, um cidadão de nome Jack Walsh, famoso levantador de pêso, anunciou que iria bater o recorde oficial do mundo em matéria de soerguimento de carga. Com quem estava o recorde? Com outro colosso físico e de resistência, de nome Louis Cyr, do Canadá, dêsde o ano de 1936, com a incrível façanha de levantar 1.888 quilos. Mr. Walsh, que já havia batido Cyr, mas sem ser oficialmente como determinam as regras internacionais, ia agora mostrar seus valores de fôrça e resistência no lombo, ultrapassando de muito a exibição de Cyr. Por várias vezes suspendera grupos de homens às costas, bem como pesadíssimas peças de ferro, somando maior pêso do que os tais 1.888 de Louis Cyr. Mas isso o fizera sem as circunstâncias oficiais dos campeonatos. Se já erguera tanta gente e tanto peso, Walsh ia agora fazê-lo públ'ica e oficialmente, para vencer a glória do seu competidor que ainda continuava invicto. Pensar e não agir não é dos hábitos de Walsh. Assim, em começos de setembro último, anunciou que ia bater o «record» de Cyr. O local para a prova sensacional seria o Estádio de Base-Ball de Trenton, bastante vasto para conter a multidão dos fãs em tais provas de atletismo. Quais seriam os objetos para a prova de força e resistência de Walsh? Depois de muitos estudos escolheram isto: dois elefantes! Walsh poderia perfeitamente levantá-los às costas; mas, sucedeu que, antes, os monstros se lembraram de fazer um «lanche» e o pêso aumentou enormemente... O atleta saiu roubado. Êle levantará os elefantes; mas em jejum!

VIDA DE CACHORRO



QUANDO um cronista folgado de tempo e de «gaita» publicar em livros certos episódios interessantes das coisas do nosso fôro, muita gente vai rachar de rir, diante de fatos ultracômicos. Vejam os leitores o que se passou, faz pouco tempo, na 13ª Vara Civel desta capital, em tôrno de uma ação movida por um interessado em assuntos caninos, contra o Brasil Kennel Club. O Brasil Kennel Club, traduzido em linguagem vulgar, quer dizer: «Clube Elegante dos Cachorros do Brasil». E' uma sociedade de alta linhagem e «pedigree» aristocrático, à qual só podem filiar-se os cães de família distinta, de descendência pura, de antecedentes hereditários do mais acurado gôsto Cão que pertence ao «Brasil Kennel Club» é cão digno de enciclopédias, estátuas e monumentos. Mas, como sucede entre os cachorros mais modestos, que vivem a fazer ursadas entre si e entre os homens, os registrados do «Kennel», de quando em quando se vêem metidos em certas complicações pouco lisonjeiras. E foi o que sucedeu há pouco tempo, por ocasião da 32ª Exposição do Clube. Um lindo cão de nome «Suez», pertencente ao Canil «Bôca do Mato», foi premiado com medalha de ouro, apesar de haver protesto de um dos associados contra a inclusão de «Suez». Em seguida, tendo rebentado um inquérito no «Kennel», o caso foi estourar na 13ª Vara Civel, que ordenou uma perícia para apurar o caso do cachorro, pois o denunciador garantia que houvera fraude, tendo sido apresentado um «Suez» que não era o verdadeiro E o resultado foi bastante jocoso: houve empate dos peritos: «É Suez!» «Não é!» Veio o voto de Minerva: «Não é Suez!» Houve fraude. Mas como? Talvez houvessem pintado o intruso. Mas, francamente, mereceu o prêmio de falsidade!



TODOS VOTARAM

NA pugna eleitoral de 3 de outubro, registrou-se o comparecimento de representantes de tôdas as classes sociais e de ambos os sexos. O elemento feminino afluiu, em grande número, aos colégios em que se exercia o direito de voto — e, como se vê na gravura, também as religiosas cumpriram o seu dever cívico. Pela terceira vez depois de 29 de outubro de 1945, a população brasileira, em todos os quadrantes, votou secretamente, sem que fôrça alguma pudesse interferir em sua deliberação íntima. E o dia histórico, que se aproximava por algumas vêzes sob sombrias expectativas, transcorreu na capital da República, e em quase todo o país, sem qualquer modificação ou surprêsa na sua fisionomia comum. Homens e mulheres, ricos e pobres, do mais representativo cidadão ao mais humilde, nessa terça-feira memorável, ombrearam no desfile das seções em que se instalavam as mesas de eleição e, cada qual munido do seu título e das suas cédulas, assinava a folha de presença, recebia do secretário da seção o envelope apropriado, recolhia-se por um minuto à cabine indevassável e dali saía com o envelope fechado, que ia então depositar na urna que também se vê no clichê. Estavam as urnas fechadas e lacradas pelas autoridades competentes. Às dezessete horas eram suspensos os trabalhos e encaminhadas as urnas para o edifício vetusto do Hotel dos Estrangeiros, na Praça José de Alencar, prédio também histórico na crônica política do país. Lá foi iniciada a contagem das cédulas na manhã de 4 de outubro — e dali começavam a irradiar-se os primeiros resultados. Em nosso próximo número, ofereceremos aos leitores o complemento da grande reportagem promovida pela REVISTA DA SEMANA sôbre as eleições. O material recolhido, abundante e variado, exige maior número de páginas que o destinado nesta edição. Nele evocaremos também flagrantes curiosos e pitorescos da campanha rumorosa e avassaladora que o Rio suportou até 48 horas antes de realizado o prélio eleitoral.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

3 de outubro vai longe...	3/7
Para descongestionar a cidade (Daniel Caetano)	10/13
Lisboa em Revista (Manuela de Azevedo)	18/19
Como se dança o baião (Abdias Rodrigues)	27/31
A Guerra na Coréia	51/53

LITERATURA

Semana Literária (Edmundo Lys)	16/17
A 4.ª Alexandrina (Vicente C. de Carvalho)	26
O amigo das cobras (J. M. Barcala)	33
A vida de Frances Willard (Henry-Dana Lee Thomas)	34

HUMORISMO

Bom-Humor	15
Crime (Nicodemus)	32

SEÇÕES PERMANENTES

Personagem da Semana	8
A Semana em Revista	8
Puxe pelo cérebro	9
Música (Roberto Lyra F.º)	44
Saúde do bebê (Sabóia Ribeiro)	45
Correio da Revista	48
Palavras Cruzadas	49
Tudo isto aconteceu	55/57

FOLHETIM

Entre a piedade e o amor	54

ATUALIDADES

Quando se começou a suspeitar dos russos (John Walsh)	14

CINEMA

Lua-de-mel Cinematográfica	20/23

TEATRO

Odilon sem Dulcina (Ney Machado)	24/25

FEMININAS

Plissados	35
Modelos elegantes	36/37
Noites de Gala	38/39
Vestidos para a praia	40
Intimidade	41
Week-End na Cozinha	42/43
Modelos Esportivos	42
Novas Blusas	43

ILUSTRAÇÃO

O. da Cunha

BONECOS

Rafael

FOTOS

Nodge — Arnaldo Vieira — Walter Morgado — Avulsas.

★

NA CAPA:

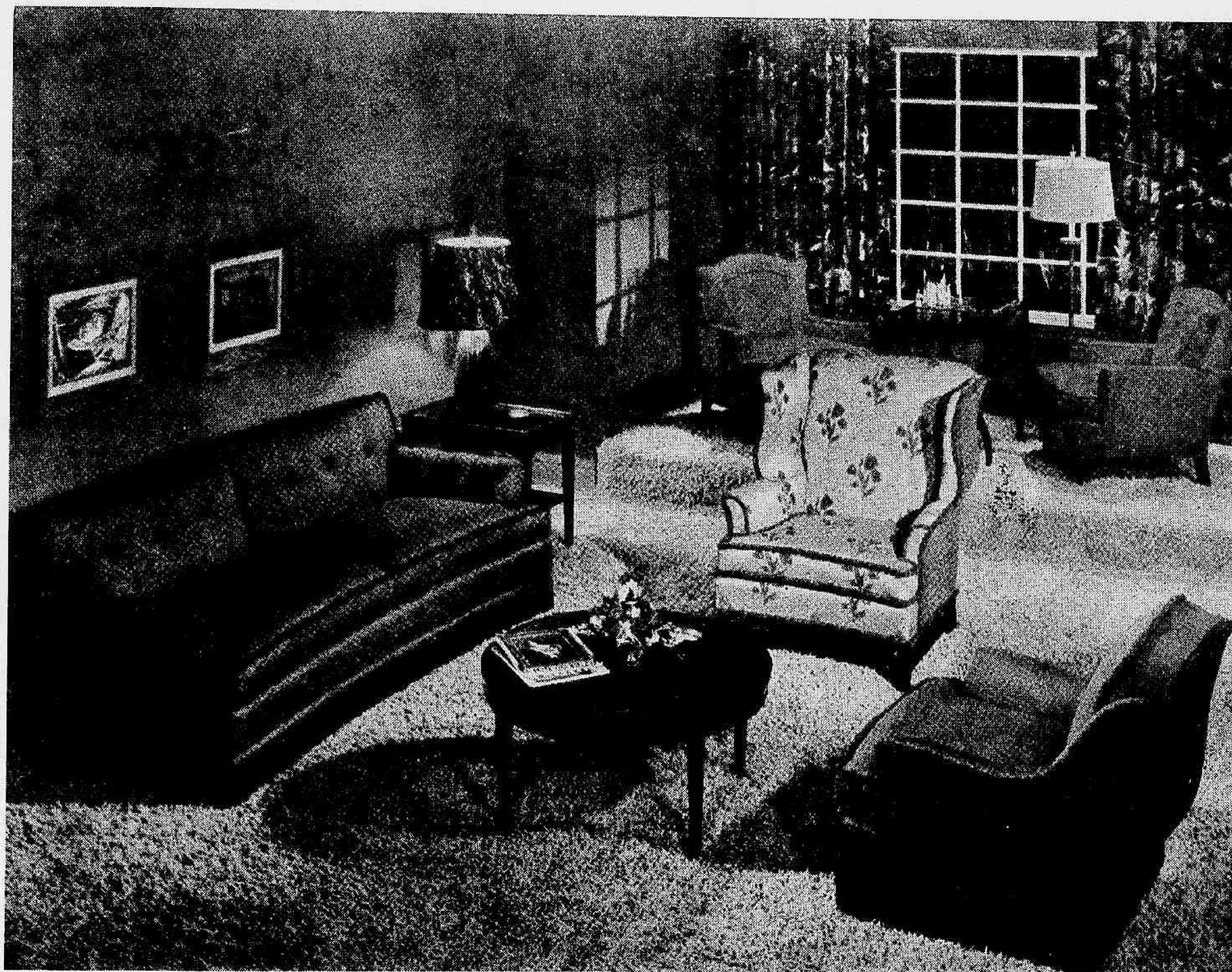
Marilyn Monroe

(Foto 20th.Century-Fox)

Respostas ao teste

1 — Em Sorocaba (Revolução de 1842).
2 — Rasgão ou desmoronamento da terra.
3 — Via-Láctea.
4 — Filho único.
5 — Anagrama.
6 — Tremor no mar.
7 — Desejo persistente de suicídio.
8 — No mastro de proa.
9 — Ney (Michel).
10 — Do legislador ateniense, Dracon.
11 — Pietro Vassena (415 metros, 1948).
12 — Em São Paulo (mais de 2 milhões).
13 — À capitulação holandesa no Recife.
14 — Por serem contrários à escravização dos índios.
15 — Em Pernambuco (Recife e Olinda).
16 — Joaquim Silvério dos Reis.
17 — Por já existir uma lei anterior regulando tais casos (Carta Régia de D. Maria I, 1790, sôbre conspiração abortada).
18 — Dois vinténs (40 réis).
19 — 29-11-1807.
20 — O Banco do Brasil.

MÓVEIS E DECORAÇÕES



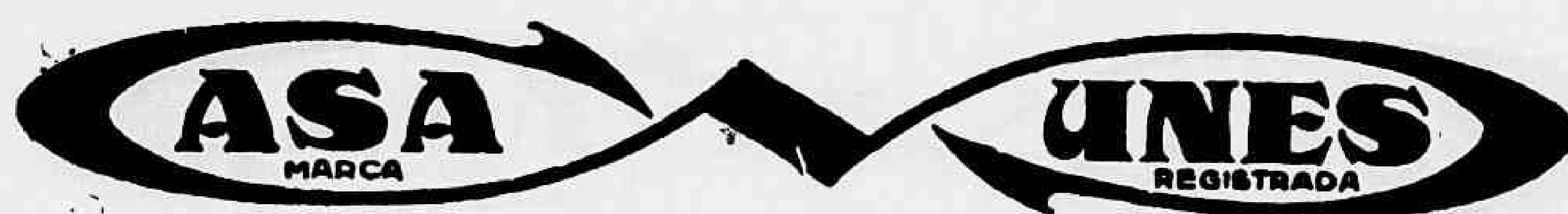
ESPECIALIDADE EM

Grupos estofados

EM COURO, DAMASCO,
GOBELINS, LINHO, ETC..

Tapetes e Passadeiras de forração

LISOS E COM FLORES,
EM TODOS OS TAMANHOS



65— RUA DA CARIOCA — 67 — RIO

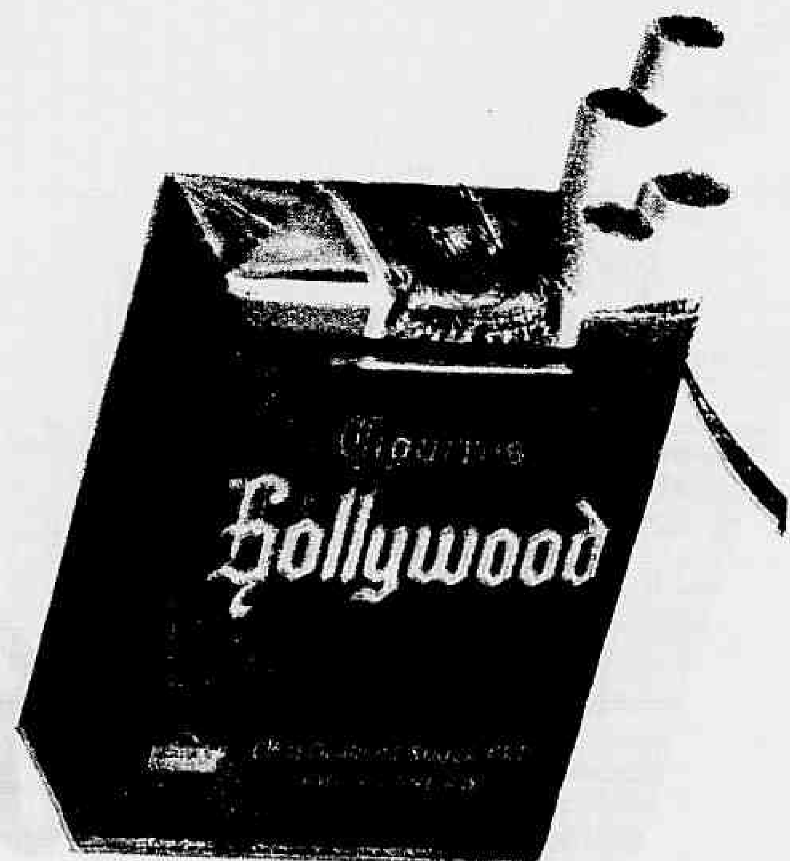


Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

O Iate Club Rio de Janeiro congrega entre seus sócios a melhor sociedade carioca.

Uma lancha veloz ou esguio veleiro... uma companhia agradável... o deslumbramento panorâmico da Guanabara — e um cigarro Hollywood, para realçar os prazeres da vida. Fumos cuidadosamente escolhidos, hàbilmente combinados, fazem de Hollywood o cigarro que já é uma tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**